

# FERNANDO TÁVORA.

*De O Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço*

**Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura**

apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC em Julho de 2013

sob a orientação do Professor Doutor Jorge Figueira

Luísa Lopes Ribeiro Ramos Clementino





# **FERNANDO TÁVORA.**

*De O Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço*



## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Jorge Figueira pela orientação e incentivo.

Um sincero agradecimento a todos os que me acompanharam ao longo destes seis anos. Aos meus colegas que os tornaram tão especiais. À Diana, Hugo, Joaquina, Liliana, Margarida e Mariana que estiveram presentes desde o primeiro dia.

Aos amigos de sempre. Ao João.

À minha família pelo amor e apoio incondicional.

À ISABEL, AO PAI.

À MINHA MÃE, a quem dedico este trabalho.



## ÍNDICE

SUMÁRIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
<b>CAPÍTULO I – UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1. A Arquitectura Portuguesa de 1945 a 1962.....	15
2. Fernando Távora (1923 - 2005) .....	21
3. Fernando Távora – Relação com o Intervalo Temporal em Estudo.....	25
<b>CAPÍTULO II – ACONTECIMENTOS IMPORTANTES DE 1945 A 1962 .....</b>	<b>35</b>
1. O Problema da Casa Portuguesa: 1945/47 .....	35
2. CIAM: 1928 - 1959 .....	45
3. O Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura: 1948 .....	55
4. O Inquérito. Arquitectura Popular em Portugal: 1955 - 1960 .....	61
5. A Terceira Via .....	71
6. A Viagem de Fernando Távora: dos E.U.A ao Japão, 1960 .....	75
<b>CAPÍTULO III – TRÊS OBRAS E UM LIVRO.....</b>	<b>85</b>
1. O Mercado Municipal de Santa Maria da Feira: 1953 - 1959.....	89
2. A Casa de Ofir: 1957.....	101
3. O Parque Municipal da Quinta da Conceição e Pavilhão de Ténis: 1956/58 ..	111
4. Da Organização do Espaço: 1962.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
BIBLIOGRAFIA.....	147
ÍNDICE DE ANEXOS.....	171
ANEXOS.....	173

## ABSTRACT

The present work is organized in three chapters, interrelated through chronological sequence. This text relates different events and presents reflexions on Fernando Távora (1923 - 2005) contribution and its development along the topics studied.

The introduction (Chapter I) aims to present the architect and briefly contextualize the reader on the 1945 - 1962 period. It also stresses how Távora intervened on those days.

Then I focus on key events in these seventeen years (Chapter II), starting with the publication of *O Problema da Casa Portuguesa*, the CIAM (1928 - 1959), the *Inquérito à Arquitectura Popular* (1955 - 1960) and the journey of the architect in 1960.

In the third chapter I try to describe how these subjects are reflected in a more practical way in three projects of the architect. Were selected as case studies *Mercado de Vila da Feira* (1953), *Casa de Ofir* (1957) and *Quinta da Conceição* and *Pavilhão de Ténis* (1958). I chose these three works due to their diversity. The first has a more urban context and the following works show concern on the landscape.

I conclude my work with a personal reading of *Da Organização do Espaço* (1962), compiling the ideas that I mentioned before.

It want to point out that, due to its monograph character, the bibliography was fundamental in the whole process, so that I quote several authors to validate and enrich my speech throughout the text.



## SUMÁRIO

O trabalho<sup>1</sup> organiza-se em três capítulos, sendo a sua interligação feita através de sequência cronológica. O texto relaciona diversos acontecimentos com sucessivas reflexões sobre a obra de Fernando Távora (1923 - 2005) e acompanha a sua evolução a par com os temas tratados.

Em primeiro lugar, faço uma pequena introdução (Capítulo I) que visa apresentar brevemente Fernando Távora, contextualizar o leitor sobre o intervalo temporal em estudo (1945 - 1962) e relatar como o arquitecto interveio nesse período.

De seguida foco-me em acontecimentos chave destes dezassete anos (Capítulo II), começando pela publicação de “O Problema da Casa Portuguesa”, seguindo para os CIAM (1928 - 1959), o Inquérito à Arquitectura Popular (1955 - 1960) e a viagem do arquitecto em 1960.

Num terceiro capítulo procuro descrever como estas experiências se reflectem de uma forma mais prática em três projectos do arquitecto. Foram seleccionados como casos de estudo o Mercado de Vila da Feira (1953), a Casa de Ofir (1957) e a Quinta da Conceição e o seu Pavilhão de Ténis (1958). A escolha advém da sua diversidade, tanto formal como de contextualização relativamente ao lugar onde se inserem. A primeira numa vertente mais urbana e as restantes pensadas num desejo de diálogo com a natureza, inserindo-se na paisagem de forma harmoniosa.

Concluo com uma leitura pessoal do “Da Organização do Espaço” (1962), que encerra, de uma forma sintetizadora, as temáticas referidas anteriormente.

É de salientar que, visto ser um trabalho com uma vertente monográfica, a bibliografia foi algo fundamental em todo o processo, tendo recorrido a diversos autores, que cito, para validar e enriquecer o meu discurso ao longo do texto.

---

<sup>1</sup> A presente dissertação está escrita segundo o antigo acordo ortográfico e estruturada em cumprimento da Norma Portuguesa 405.



## INTRODUÇÃO

Abracei este último trabalho – que encerra os meus seis anos académicos – como uma oportunidade para explorar um tema que me interessasse e fosse acrescentar valor pessoal ao meu percurso.

O arquitecto Fernando Távora é um tema motivador, pela riqueza do seu contributo arquitectónico – fruto da época em que viveu – que lhe permitiu presenciar e marcar anos muito importantes para a história da arquitectura. Sendo um assunto tão vasto, sentia uma certa ignorância nesta temática, visto que não tinha tido ainda oportunidade de o estudar com a profundidade e tempo que o assunto requer.

Assim, ao ler a seguinte afirmação de Nuno Portas, decidi limitar o meu estudo ao intervalo de tempo a que este se refere, entre os anos de 1945 e 1962:

“ (...) Pode ser interessante é situar o discurso neste caso de Fernando Távora, na evolução das ideias e práticas arquitectónicas do momento ou da fase em que foi produzido – ideias e práticas em que o seu autor teve especial protagonismo no ambiente português (...) ”<sup>2</sup>

Este trabalho não tem o intuito de ser algo inovador, nem superar os inúmeros escritos que já existem sobre esta personagem e esta época. Mas sim uma intersecção de leituras acerca do tema em foco. Apresenta-se como uma breve compilação – em resposta à escala da dissertação proposta – que visa tocar ao de leve os temas fulcrais destes anos, com o intuito de dar a conhecer ao leitor algumas pistas. Desta forma espero despertar o interesse de quem lê, despertando o interesse para irem estudá-los de forma mais detalhada, tal como eu o fiz.

O intervalo temporal situa-se numa fase de mudanças, de grande agitação social, económica e política, e acaba por englobar dois momentos distintos na História da arquitectura em Portugal. São anos de novidade, de agitação e sonhos, onde os portugueses procuram informação internacional, cruzam-na com os seus princípios e tradições, questionando-se sobre os mesmos.

---

<sup>2</sup> PORTAS, Nuno – **Prefácio à edição de 1982**. In TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.VII.



Num primeiro momento, aproximadamente de 1948 a 1955, surge uma exaltação do movimento moderno, onde os arquitectos tentam absorver toda a informação nova que este fornecia. Procuravam colocar a arquitectura portuguesa lado a lado com a que se fazia internacionalmente. Nesta fase muitas das referências são provenientes do Brasil e é no ano que inicia este período que surge o Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura em Portugal.

No momento que se lhe sucede há um período mais meditativo, onde se começa a questionar a validade dos anos anteriores. Surge um grupo de arquitectos que começa a preocupar-se com a contextualização da arquitectura face ao lugar, pondo em causa os modelos internacionais. Não acreditando que o acto de projectar fosse apenas seguir regras pré-estabelecidas – aplicando-as a qualquer sítio e ocasião – defendem que a arquitectura tem que ser emotiva, orgânica e reflexo de diferentes condicionantes.

Fernando Távora será um grande defensor destas premissas, que “persegue” ao longo da sua trajectória profissional.



- \_\_\_\_\_ **1945:** Escreve e publica “O Problema da Casa Portuguesa”
- \_\_\_\_\_ **1947:** Nova publicação de “O Problema da Casa Portuguesa”
- \_\_\_\_\_ **1948:** Primeiro Congresso de Arquitectura Nacional
- \_\_\_\_\_ **1951:** VIII CIAM: O Coração da Cidade
- \_\_\_\_\_ **1953:** IX CIAM: Carta de Habitação
- \_\_\_\_\_ **1953:** Começa o projecto do Mercado de Vila da Feira
- \_\_\_\_\_ **1955:** Inicia-se o Inquérito à Arquitectura Popular
- \_\_\_\_\_ **1956:** X CIAM: *Habitat*
- \_\_\_\_\_ **1960:** Termina o Inquérito à Arquitectura Popular
- \_\_\_\_\_ **1957:** Começa o projecto da Casa de Ofir
- \_\_\_\_\_ **1958:** Começa o projecto do Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição
- \_\_\_\_\_ **1959:** Dissolução dos CIAM organizado pelo Team X
- \_\_\_\_\_ **1960:** Viagem: dos E.U.A. ao Japão
- \_\_\_\_\_ **1962:** Publicação do “Da Organização do Espaço”





## CAPÍTULO I – UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

### 1. A Arquitectura Portuguesa de 1945 a 1962

A data inicial do intervalo em estudo é familiar a todos, devido à sua importância na História Mundial: o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945). Como consequência dos anos de Guerra, as cidades encontravam-se destruídas e urgia reconstruí-las. É com esta missão que a arquitectura surge nos anos pós-guerra, para a qual os arquitectos encontraram, nos ideais do movimento moderno, uma forma rápida de a cumprir.

Apesar de se crer que estes princípios eram eficazes, anos depois uma terceira geração irá pôr em causa os valores universais desta nova corrente, feita a pensar em massas, e muito pouco ou nada preocupada com o Homem. Estes arquitectos visionários tornar-se-ão referências internacionais; desde Le Corbusier, que procurava conceber novas formas expressivas (sendo exemplos Chandigarh e a igreja de Ronchamp), a outros nomes de notáveis arquitectos que procuravam a integração da natureza com a sua obra, sendo exemplos os projectos de Aldo Van Eyck e Alvar Aalto.

No caso português, a arquitectura moderna não se desenvolveu a par com alguns países mais pioneiros. A década de 1940 a 1950 foi marcada por um prestígio da arquitectura brasileira, através do catálogo da Exposição “Brazil Buildings”<sup>3</sup> realizada em 1943 no Museum of Modern Art, em Nova Iorque.

Fernando Távora, em entrevista no ano de 1988, veio confirmar a influência deste livro na sua formação académica, que acabou por modelar o seu crescimento como arquitecto, afirmando que o catálogo era a “cartilha obrigatória”<sup>4</sup> de então. Segundo Nuno Teotónio Pereira<sup>5</sup>: “Esta publicação, excelentemente documentada, teve enorme repercussão entre os arquitectos portugueses e era considerada um tesouro por aqueles que a possuíam.”<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> GOODWIN, Philip – **Brazil Builds. Architecture New and Old 1652-1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

<sup>4</sup> FERNANDEZ, Sérgio – **Percursos, Arquitectura Portuguesa**. p.57 citado por TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.45.

<sup>5</sup> Arquitecto português (1922).

<sup>6</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio – **A influência em Portugal da Arquitectura Moderna no Brasil**. In *Escritos*. p.298-305

Para mais informação acerca dos diálogos arquitectónicos entre Portugal e o Brasil consultar: MILHEIRO, Ana Vaz – **A Construção do Brasil, relações com a cultura arquitectónica portuguesa**.



Nesta década foram criados dois grupos importantes de arquitectos portugueses. Em 1946 surge em Lisboa a ICAT<sup>7</sup> (Iniciativas Culturais Arte Técnica), dinamizada por Francisco Keil do Amaral e no Porto em 1947 a organização ODAM<sup>8</sup> (Organização Dos Arquitectos Modernos). Ambas são responsáveis pela realização do Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura em Portugal, um ano mais tarde.

Até então os arquitectos de Lisboa estavam distantes das premissas da arquitectura moderna, e, tal como os arquitectos portuenses procuravam em fontes internacionais a nova maneira de ver a arquitectura, os de Lisboa faziam-no por sua vez, mais perto, na cidade do Porto.<sup>9</sup> Em 1957 surge a revista “Arquitectura”<sup>10</sup> e foi através desta, em cooperação com a ICAT, que começou a estabelecer-se uma maior interacção entre os arquitectos das duas cidades. Começou-se a traçar um novo percurso para a arquitectura portuguesa, aparecendo uma segunda geração de arquitectos modernos.

Distinguem-se duas facções: quem defende a estagnação do país e quem apela a uma nova arquitectura. Os segundos sentem uma crescente preocupação em contextualizar a arquitectura com o presente, adequando-a ao Homem e ao lugar, estudando o território e a cultura envolvente.

---

<sup>7</sup> **ICAT:** grupo de 30 arquitectos: Keil do Amaral, Faria da Costa, João Simões, Jacobetty Rosa, Raul Tojal, Adelino Nunes, Celestino de Castro, Alberto José Gandra, Chorão Ramalho, Pires Martins, Victor Palla, Bento Barreira, Palma de Melo, Conceição Silva, Castro Rodrigues, Herculano Neses, Manuel Raposo, Manuel Lajinha, Couto Martins, Huertas Lobo.

<sup>8</sup> **ODAM:** grupo de 34 arquitectos com o objectivo de divulgar os princípios em que deve assentar a arquitectura moderna: Acácio Couto Jorge, Adalberto Dias, Agostinho Ricca, Alfredo Ângelo de Magalhães, Alfredo Viana de Lima, António Matos Veloso, António Lobão Vital, António Corte Real, António Neves, Arménio Losa, Anselmo Gomes Teixeira, Artur Andrade, Cassiano Barbosa, Delfim Fernandes Amorim, Eduardo R. Matos, Eugénio Alves de Sousa, Fernando Campos, Fernando Eurico, Fernando Lanhas, Fernando Limpo de Faria, Fernando Távora, Fernando Tudela, João C. Segurado, João José Tinoco, João de Mello Breyner Andersen, Joaquim Marques Araújo, José Carlos Loureiro, José Borrego, Luís José Oliveira Martins, Luís Praça, Mário Bonito, Octávio Lixa Filgueiras, Ricardo Gil da Costa e Rui Pimentel.

<sup>9</sup> Destaca-se a viagem ao Porto dos arquitectos de Lisboa em 1947, com o intuito de verem a “arquitectura contemporânea”.

<sup>10</sup> Com início em Janeiro de 1957 foi a primeira revista de arquitectura em Portugal. Tinha o intuito de informar os arquitectos nacionais do clima que se vivia no país e os novos projectos que se iam construindo, juntamente com alguns projectos internacionais, como os de Terragni, Gropius, Aalto, Corbusier.



“Os novos *slogans* são “humanização”, preocupação com factores psicológicos, uso expressivo dos materiais, renovado interesse pelas tradições locais, integração do ambiente”.<sup>11</sup> Ana Tostões intitulou este período de os “Verdes Anos”<sup>12</sup> na arquitectura em Portugal.

Os anos de 1950 a 1960 corresponderam ao verdadeiro arranque da arquitectura moderna, representando o momento em que se começou a pensar o acto de projectar como transformador da vida da sociedade. A arquitectura aparecia sempre associada à questão da dialéctica modernidade *versus* nacionalidade.

Apesar da pequena propagação da arquitectura moderna nas construções em Portugal, comparativamente com outros países europeus, o tema estava presente na arquitectura portuguesa: “Tardio e filtrado pelas inevitáveis distâncias culturais da condição de periferia, o Movimento Moderno na Arquitectura portuguesa teoriza-se e vai praticar-se só nos anos 50.”<sup>13</sup> É de realçar que em 1951 a ODAM organiza uma exposição<sup>14</sup> sob o lema “Os nossos edifícios são diferentes dos do passado porque vivemos num mundo diferente.”

Este debate aceso vem instaurar e alicerçar no futuro a Terceira Via: “Arquitectura que concilia os dois temas chave, não pondo em cheque o segundo, privilegiando o primeiro.”<sup>15</sup>

---

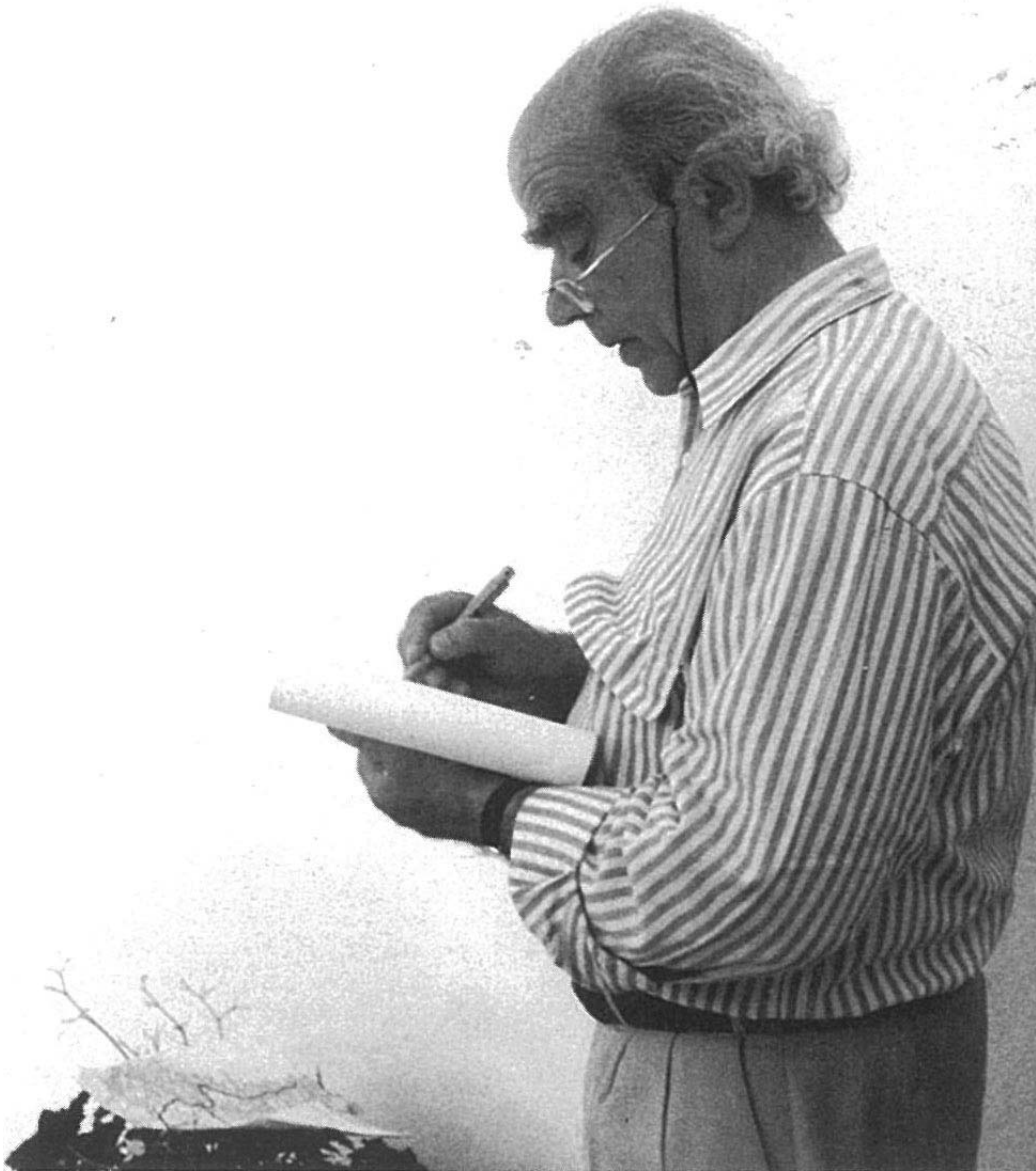
<sup>11</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.153.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Ibidem. p.201.

<sup>14</sup> A Exposição foi inaugurada a 14 de Junho de 1951 no Ateneu Comercial do Porto.

<sup>15</sup> TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.24 citado por FERRÃO, Bernardo – **Tradição e Modernidade na Obra de Fernando Távora 1947/1987**.



**1. Fernando Távora, desenhando, num passeio com alunos da FAUP**

Bom Jesus de Valverde, Évora, 1 de Julho de 1993

## 2. Fernando Távora (1923 - 2005)

“Eu sou a arquitectura portuguesa.”, Fernando Távora

Fernando Luís Cardoso de Meneses e Távora nasceu no Porto a 23 de Agosto de 1923. Formou-se em arquitectura em 1946 na Escola Superior de Belas Artes<sup>16</sup> (ESBAP). Tornou-se assistente na mesma em 1951, a convite de Carlos Ramos<sup>17</sup>, e mais tarde Professor, leccionando diversas disciplinas ao longo dos anos em que permaneceu na Escola (Anexo 1). Foi um dos impulsionadores do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra<sup>18</sup>, criada em 1988, onde foi posteriormente homenageado com a atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* em 1993.

Como personalidade começou desde cedo a viajar e a procurar conhecimento arquitectónico e pessoal, para além fronteiras. No panorama da arquitectura nacional marcou a década de cinquenta do século vinte, no momento em que estavam a ser fixados os valores da arquitectura moderna. Com sentido crítico e nacionalista, vem a sonhar com uma Terceira Via; uma arquitectura que não apaga os princípios da arquitectura moderna, mas personaliza-os, nunca esquecendo a arquitectura vernacular e o Homem. Assumiu-se, desde cedo, como um arquitecto ligado às tradições e ao passado, enaltecendo os valores que a história representa:

"Quando eu pensava que a arquitectura moderna ia evoluir no sentido de uma consolidação das situações locais, quando eu esperava, portanto, uma grande variedade de soluções, o que encontro é uma “Coca-cola” perigosíssima que se generaliza no mundo. Quando vejo que as pessoas deixam de beber o vinho da sua terra – de boa qualidade –, para beber essa espécie de “Coca-cola” fico impressionado, no sentido em que isso representa uma espécie de solução universal. A mim parece-me que é exactamente a negação daquilo que eu considerava que devia ser a linha a seguir, porque, em certo sentido, o que está a acontecer é que estamos a regressar a outra Carta de Atenas. Não se gera uma arquitectura numa escola em quatro ou cinco anos, é preciso um século."<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Hoje em dia Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

<sup>17</sup> Arquitecto português (1897 - 1969). Na época Professor da disciplina de Arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto.

<sup>18</sup> Em colaboração com Alexandre Alves Costa, Domingos Tavares e Raul Hestnes Ferreira.

<sup>19</sup> TÁVORA, Fernando – **Conversaciones en Oporto**. *Revista Arquitectura*, nº261, Jul/Ago 1986.p.28.



**2. Exposição em Guimarães: Fernando Távora Modernidade Permanente, 2012**



Procurou desde cedo a harmonia entre a História – auxiliar que resolve os problemas que se vivem no presente –, a Tradição – que procura a autenticidade – e o Moderno, que contribui para o evoluir da arquitectura.

“Comecei [desde cedo] a procurar compreender as razões das coisas. Já com 12 anos, tinha uma casa no Minho que tinha uma torre e uma casa no sul, horizontal, que já não tinha torre. Tudo isso me prendeu à razão das coisas e eu observo muito as pessoas. [Estou atento] e, portanto, isso dá às coisas que eu tenho feito um certo carácter, uma certa identidade.”<sup>20</sup>

A sua presença nos CIAM vem marcar a sua forma de pensar arquitectura, pois é com o conhecimento que apreende, que consegue ter um papel mais crítico nesta época. Aqui irá ter contacto com diversos arquitectos, que se tornarão referências durante o seu percurso: “Os meus génios artistas são Le Corbusier na arquitectura, Picasso na pintura e escultura e Fernando Pessoa, um grande poeta mundial (...) São personagens a que um leigo como eu tem o direito de se agarrar.”<sup>21</sup>

Apesar de ser ainda um jovem arquitecto nas datas em estudo, demonstra uma forma de pensar “para além da caixa”, contrariamente a outros arquitectos modernos portugueses do mesmo período. A maioria não “evoluiu” o seu pensamento em paralelo, pois têm sede de uma nova arquitectura que permitisse “fugir” da ditadura reaccionária em que vivem, esquecendo a história nacional, o seu país e povo.<sup>22</sup>

Podemos afirmar que a sua arquitectura não se insere em nenhum momento ou corrente específica, pois como os seus traçados advêm do conhecimento e estudo prévio do espaço, revelam sempre uma identidade e genuinidade singular em cada obra. Cada uma é particular, pois responde ao lugar, à tradição, ao cliente, ao contexto, entre outras imposições.

É um nome de referência na arquitectura portuguesa e foi temática de diversas exposições ao longo dos anos, tendo a mais recente tido lugar em Guimarães, no âmbito de Capital da Cultura 2012: Fernando Távora, Modernidade Permanente (imagem 2).

---

<sup>20</sup> TÁVORA, Fernando. citado por Correio do Porto(2011). Disponível na internet: <http://www.correiodoportu.pt/cultura/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao>.

<sup>21</sup> TÁVORA, Fernando – **Desenhos de Viagens: Projectos**.

<sup>22</sup> “Fernando Távora e Álvaro Siza esperavam evitar este regionalismo provinciano, assimilando os ensinamentos básicos de Le Corbusier (...) todavia sem deixar de sugerir formas de transformar o passado e voltar às raízes”. Citando CURTIS, William. In **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. p.35.



### 3. Fernando Távora – Relação com o Intervalo Temporal em Estudo

Fernando Távora e Francisco Keil do Amaral<sup>23</sup> vêm marcar esta linha temporal através da questionação do presente com ideias inovadoras e desafiantes para a arquitectura. Em 1945 Fernando Távora escreve “O Problema da Casa Portuguesa”<sup>24</sup> e em 1947 Francisco Keil do Amaral escreve “Uma iniciativa necessária”<sup>25</sup>. Estes dois “manifestos” têm como objectivo vir anular a ideia de regionalismo associado ao pitoresco e procurar o verdadeiro regionalismo português.

Em 1945 “A casa popular fornecer-nos-á grandes lições, quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.”<sup>26</sup> Entende-se como “novas intenções” as ideias da arquitectura moderna que começavam a surgir entre os arquitectos portugueses. Em 1947 o objectivo de Francisco Keil do Amaral era o de procurar “fontes mais puras e coerentes para a formação de uma arquitectura moderna portuguesa”, que fosse para além daquelas que, segundo o arquitecto “pretendem fazer crer os nossos regionalistas (...) de fachada”.<sup>27</sup> Ambos os arquitectos acreditam que, para além da arquitectura “agradar”, tem que saber servir o local e o Homem; estes dois aspectos não podem ser subvalorizados.

Mas como fazê-lo sem ir de encontro a tudo o que é verdadeiro e nacional? Ambos acreditam que não é o formalismo tradicionalista, suportado pelo regime, que é preciso procurar, mas sim o genuíno das referências vernáculas. Está instalado o mote para o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal.

É nestes anos que Távora começa a enriquecer o seu percurso académico e a procurar informação, que irá responder, em parte, a dúvidas e desconhecimentos que o perturbavam.

Em 1947 realizou a sua primeira grande viagem de carro durante três meses a alguns países europeus: Espanha, França, Bélgica, Holanda, Suíça e Itália: “No mesmo dia de manhã Picasso, à tarde Leonardo da Vinci.”<sup>28</sup>

---

<sup>23</sup> Arquitecto português (1910 - 1975).

<sup>24</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa**. Semanário Aléo (1945). Republicado em Cadernos de Arquitectura, nº1 (1947) e em TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.11-13.

<sup>25</sup> AMARAL, Francisco Keil – **Uma Iniciativa Necessária**. In Revista Arquitectura, nº13, Abril 1947. p.12-13

<sup>26</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa**. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.12-13.

<sup>27</sup> AMARAL, Francisco Keil – **Uma Iniciativa Necessária**. Revista Arquitectura, nº13, Abril 1947. p.12.

<sup>28</sup> MENDES, Manuel – **Fernando Távora: opera completa**. p.353.



“As obras de Fernando Távora nos anos cinquenta representam um daqueles momentos raros em que a reflexão teórica (os escritos vários, os comentários, os manifestos, as entrevistas, etc.) corre em paralelo com um conjunto de obras nas quais se reflecte, expandindo um pensamento que encontra, na circunstância particular do projecto, o complemento necessário para a sua plena concretização.”<sup>29</sup>

Fernando Távora é um dos protagonistas mais intensos na discussão que advém da nova forma de ver a arquitectura, que é sentida no resto da Europa, com novas expressões, tanto teóricas como formais e materiais. Nesta época, proclamou em vários textos que era preciso encontrar uma base para o ensino da arquitectura, de forma a uniformizar o que se ensinava. Defendia esta temática, com o intuito de criar uma coerência na arquitectura do Sul e do Norte.

As décadas de 1940 e 1950 foram de grande insegurança e procura pessoal, vendo questionados os seus ideais arquitectónicos. Existe um confronto entre a sua educação conservadora, antes de entrar na Escola do Porto, e o choque do novo mundo que acaba de surgir, conduzindo-o para uma nova sensibilidade artística para o que o rodeia: “Entrei para a Escola enamorado pela Vénus de Milo e saí fascinado por Picasso.”<sup>30</sup>

Na primeira metade da década de cinquenta os seus projectos estavam associados a uma herança do modernismo de entre guerras, ainda com poucos elementos adoptados da arquitectura vernacular.

Mais tarde assume uma posição forte sobre a arquitectura moderna e, não a descartando, defende que esta tem que ser repensada e não pode ser aplicada literalmente segundo regras pré-estabelecidas. Assim, tornar-se-á defensor de uma arquitectura que visa responder tanto às novidades como à tradição portuguesa.

---

<sup>29</sup> MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral – **Anonimato e Banalidade : Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal.** p.240.

<sup>30</sup> TÁVORA, Fernando. In TRIGUEIROS, Luíz – **Fernando Távora.** p.23.



**3. O corpo docente da E.S.B.A.P.**

Porto, 1967

Vai continuar o que Carlos Ramos já anteriormente teria proclamado: “duas palavras, às quais, só por ignorância ou maldade pode atribuir-se um sentido paradoxal (...) modernismo e nacionalismo.”<sup>31</sup> Ao lermos esta afirmação percebemos que, para estes dois arquitectos, contrariamente a alguns dos seus contemporâneos, a junção e a convivência destas duas maneiras de fazer arquitectura, teoricamente tão diferentes, poderiam resultar, na prática, em harmonia. Nos anos que se seguem poderemos estudar a obra de Fernando Távora e ver se realmente esta premissa é válida, ou se cai por terra e vive da teoria.

Sabemos que o arquitecto terá confirmado que, no início da sua obra, teve dificuldades em revelar o amadurecimento das suas ideias teóricas nos projectos práticos: “É o resultado do grande desequilíbrio entre a preparação prática e formação teórica.”<sup>32</sup>

Relativamente à sua participação na arquitectura internacional, em 1951 participou no seu primeiro CIAM em Hoddeson e é nesse mesmo ano que se inicia como Professor na Escola do Porto, juntando-se ao grupo de assistentes: Agostinho Ricca, José Carlos Loureira e Mário Bonito.

A partir de 1951 participa no Congresso Internacional de Artistas, promovido pela Unesco em Veneza (1952), no CIAM de Aix-en-Provence (1953) e no de Dubrovnik (1956). Em 1953 começa a escrever para o suplemento “Cultura e Arte”, do Jornal “Comércio do Porto”.<sup>33</sup>

Enquanto a sua obra prática ficava mais forte e atingia os seus ideais, a sua obra escrita tornava-se mais intensa e segura, revelando a sua maturação e aumento de confiança no mundo da arquitectura.

A partir de 1957 interrompe a sua escrita sobre a crise da arquitectura nacional e foca-se na defesa do seu trabalho, de forma a partilhar os seus pensamentos e ideias, com o intuito de melhorar a arquitectura de então. Segundo Jorge Figueira: “Távora explora o que é um cume perante a arquitectura portuguesa, o da confluência paradoxal, às vezes trágica, entre o que é moderno e as vicissitudes das nossas tradições físicas e culturais.”<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> RAMOS, Carlos – **Escritos de Carlos Ramos**: Um Palácio da Academia Nacional de Belas Artes, Memória elucidativa e justificativa. p.81 citado por FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.33.

<sup>32</sup> Revista Arquitectura, nº123, Outubro, 1971. p.150.

<sup>33</sup> Jornal português fundado no Porto (1854 - 2005).

<sup>34</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.33.



#### **4. Fernando Távora com Álvaro Siza**

Matosinhos, 1961



Em 1955 inicia o trabalho do Inquérito à Arquitectura Popular, mais precisamente no estudo da zona 1, Minho e Alto Douro. Após o Inquérito irá continuar o que já defendia anteriormente, mas agora com fundamentos mais amadurecidos devido a este estudo com um teor disciplinar: uma arquitectura que procura referências vernaculares, num jogo com as novidades modernas. Segundo Jorge Figueira, a sua obra revela o paradoxo entre o moderno e a tradição.<sup>35</sup>

Marcou os anos cinquenta com uma evolução na história da arquitectura portuguesa: o papel social da arquitectura e do arquitecto. Estas temáticas não eram ainda discutidas. Lendo as últimas páginas do seu livro “Da Organização do Espaço” deparamo-nos com um discurso sobre a posição que o arquitecto tem, como um organizador social: “Seja assim o arquitecto – homem entre homens – organizador do espaço – criador de felicidade.”<sup>36</sup>

Nestes anos Siza trabalhou no *atelier* de Fernando Távora (imagem 4), estando presente em algumas das suas obras, que irão influenciar o seu percurso como jovem arquitecto: “Tão natural como respirar era o modo como Távora se referia ao método, mas tão natural como respirar era o modo como ensinava, confrontando frontalmente as tensões do mundo e da vida sem nunca virar a cara à complexidade.”<sup>37</sup>

No início de 1960, com o desenrolar de todos os acontecimentos que a arquitectura atravessou – tanto com o Congresso, o Inquérito e os CIAM – a identidade da Escola do Porto encontrou-se subdividida. Foi Fernando Távora o primeiro a traçar o seu caminho, que já vinha sendo trabalhado desde os anos cinquenta: uma arquitectura genuína, portuguesa, que procurava servir a população. As suas preocupações focam-se em “produzir” uma arquitectura de hoje para o Homem de hoje. Reconheceu nesta altura que o tempo em que havia poucos arquitectos – que equilibravam a coerência arquitectónica nacional – havia desaparecido. Desta forma, face a esta nova realidade, seria praticamente impossível continuar a procurar a harmonia das escolas nacionais e uma ideia comum a todas, como antes teria tentado. Era a altura de “libertá-los” para novas leituras e novas experiências pessoais: “Há uma mudança muito grande. Estou convencido que os arquitectos vão caminhar em vários sentidos.”<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.33.

<sup>36</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.75.

<sup>37</sup> SIZA, Álvaro – **A Propósito da Arquitectura de Fernando Távora** citado por TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.69.

<sup>38</sup> TÁVORA, Fernando. . citado por Correio do Porto(2011). Disponível na internet:

<http://www.correiodoportu.pt/cultura/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao>.



### **Eu sou do Tamanho que Vejo**

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura...

(...)

**Alberto Caeiro**, O Guardador de Rebanhos – Poema VII

Heterónimo de Fernando Pessoa



## CAPÍTULO II – ACONTECIMENTOS IMPORTANTES DE 1945 A 1962

### 1. O Problema da Casa Portuguesa: 1945/47

Ao ler o artigo “O Corporema da Casa Portuguesa ou repensar O Problema da Casa Portuguesa de Fernando Távora” despertou-me especial atenção a dedicatória que o arquitecto escreveu num exemplar de “O Problema da Casa Portuguesa”: “com simpatia e parabéns pela aquisição destes pequenos “Lusíadas”.”<sup>39</sup>

Esta frase denota a importância que, para Távora, este documento trazia à arquitectura portuguesa. Devia ser entendido como algo que fica na história, tal como Luís de Camões, não estando associado a modas e a tempos. “Os Lusíadas” são importantes porque relatam uma parte da história de Portugal – a dos Descobrimentos – e são uma referência, com carácter intemporal e eterno; o seu texto também teria o intuito de o ser.

A 10 de Novembro de 1945, existe uma primeira publicação, um opúsculo intitulado “O Problema da Casa Portuguesa”<sup>40</sup>, onde são enunciadas três premissas:

- Aprender com o passado;
- Pensar o presente;
- Projectar o futuro, de forma a conciliar o que cada sítio e contexto necessitam, com as lições da modernidade.

Começa por introduzir o Problema a que se irá referir ao longo do texto, o conceito da “Casa Portuguesa”, que acredita ser uma ficção e uma mentira fácil para os arquitectos. Para si a arquitectura deveria ser pensada como algo que nasce naturalmente, em resposta à terra: “um estilo nasce do povo e da terra com a naturalidade duma flor, e o povo e a terra encontram-se presentes no estilo que criaram em muitas gerações.”<sup>41</sup>

Numa segunda parte, denominada “Falsa Arquitectura”, enumera problemas da arquitectura portuguesa, sendo a maioria focados no desprezo actual da importância das condicionantes. Para si, infelizmente, a arquitectura estava entregue a arquitectos, que, não se questionando, limitavam-na a meras “colagens” estéticas e formas.

<sup>39</sup> MIGUEL, Patrícia – **O Corporema da casa portuguesa ou repensar O Problema da Casa Portuguesa de Fernando Távora**. In Joelho 3. p.168.

<sup>40</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa (1945)**. Semanário Aléo, 1945. Republicado em Cadernos de Arquitectura, nº1, 1947 e em TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.11-13.

<sup>41</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa (1945)** – Introdução. Semanário Aléo, 1945.



Muda de discurso na terceira parte “Para uma arquitectura integral”, onde abandona o carácter crítico, adoptando uma visão mais positiva. Ao acreditar que os arquitectos irão conseguir combater o mal instaurado dá linhas de solução de como encontrar uma arquitectura mais verdadeira. Aqui, realça que é preciso que se foquem em três pontos de estudo: o meio social português, a arquitectura portuguesa e, por último, o estudo da arquitectura moderna no mundo.

Conclui o texto referindo a importância de se perceber a raiz do problema. Não é apenas a estética arquitectónica que preocupa Fernando Távora, mas sim uma questão mais profunda, a forma de pensar a arquitectura. Para si, esta tem que ser vista como uma temática que cruza e estuda a sociedade e era nesse ponto que a arquitectura praticada em Portugal estava a pecar.

Em 1947 Nuno Teotónio Pereira – que foi muito sensível ao texto publicado dois anos antes – convida Fernando Távora a republicá-lo no Cadernos de Arquitectura.<sup>42</sup> É esta republicação que se encontra transcrita na maioria dos livros e artigos.

Na primeira publicação, o arquitecto – de ainda vinte e dois anos – é mais impulsivo, com uma linguagem muito directa, pretendendo marcar um lugar para a arquitectura moderna. Apesar do seu esforço ao despertar para as necessidades que a arquitectura enfrenta, Fernando Távora escreve-o, a meu ver, de forma defensiva, denotando-se que sabe que o que escreve não será recebido de forma pacífica.

Já em 1947, a segunda publicação acaba por se tornar a primeira reflexão consciente e aprofundada sobre o papel da casa portuguesa na herança da arquitectura nacional. Enquanto que em 1945, “A forma depende da função e forma sem função não pode justificar-se”, em 1947, “em toda a boa arquitectura existe uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagens próprias”. Segundo Eduardo Fernandes,<sup>43</sup> na segunda citação o arquitecto mostra-se menos preciso, com um discurso menos funcionalista e orgânico do que o de 1945.

---

<sup>42</sup> Houve apenas uma publicação. A ideia do Cadernos de Arquitectura seria de compilar pequenos textos que divulgariam a arquitectura moderna em Portugal.

<sup>43</sup> TÁVORA, Fernando citado por FERNANDES, Eduardo – **A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola.** p.102.





Focando-me agora na publicação de 1947, a primeira parte, “Arquitectura e Arqueologia”, não contém o seu desagrado com a cultura arquitectónica que domina esta época: “a arquitectura portuguesa estava perdendo o que hoje convencionalmente se chama carácter.”<sup>44</sup>

Ganhando força ao longo do seu discurso muda de tom – quase como se de um manifesto se tratasse – e afirma que “tudo há que refazer, começando pelo princípio”<sup>45</sup>, em reacção à estagnação cultural em que o país se encontra. Acusa os arquitectos de remeterem para o passado de forma leviana, como se isso fosse “curar o mal” da arquitectura que propõe. Acredita que a arquitectura moderna está a asficiar os arquitectos portugueses, atrasando-os relativamente à Europa.

Na segunda parte, denominada “Falsa Arquitectura” – único subtítulo que se manteve igual à primeira publicação –, Fernando Távora abandona o discurso que tinha feito até então, com carácter justificativo e coloquial, e afirma o seu desagrado com as regras formais e decorativas que se usam na arquitectura: “não souberam colher dela qualquer fruto, pois a História vale na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão”. Denota o seu inconformismo com o que se desenha em Portugal – arquitectura que acredita não ter uma razão delineadora, mas sim um conjunto de ideias pré-formadas aplicadas ao acaso. Acusa-a de arquitectura “falsa e sem futuro”.

Na última parte, “Para uma arquitectura Portuguesa de hoje”, ele abandona a atitude reprovadora e incorpora, tal como o nome indica, o papel de professor, como na publicação de 1945. Indica direcções, alternativas e formas de melhorar o que se fazia em Portugal no campo da arquitectura. Aponta duas preocupações base: o Homem e a Terra. Aqui o arquitecto sugere o estudo da “casa popular”, afirmando que “A casa popular fornecer-nos-á grandes lições, quando devidamente estudada.”<sup>46</sup> Estas palavras originarão, num futuro próximo, o início do Inquérito à Arquitectura Popular. Assim – apoiando-se na arquitectura vernacular, para dar resposta à nova arquitectura moderna, que está tão eminente e presente nos últimos debates – termina com uma questão que visa sensibilizar o arquitecto português:

“Para quê teimar em permanecer quando tudo nos convida para um caminho diferente?”

---

<sup>44</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa (1947)**. Parte I – Arquitectura e Arqueologia. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.11.

<sup>45</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa (1947)**. Parte III – Para uma arquitectura portuguesa de hoje. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.12.

<sup>46</sup> Ibidem.



Neste texto de 1947, Távora acaba por resumir as linhas de orientação para os arquitectos na viragem de uma nova década.

Podemos fazer um paralelismo do texto de Fernando Távora, com o ambiente que pontua a arquitectura internacional. Como referi anteriormente Le Corbusier será uma inspiração, e como tal, revemos a arquitectura de Fernando Távora em escritos do mesmo. Ambos acreditavam numa arquitectura para o Homem, que permitisse melhorar o seu quotidiano e fosse confortável e adequada. Ambos procuram a genuinidade arquitectónica.

Lá fora Le Corbusier procura uma arquitectura pensada nos que a vão habitar e não nos arquitectos que as desenham, “Je recherche avec une véritable avidité ces maisons qui sont des maisons d'hommes et non pas des maisons d'architectes”,<sup>47</sup> em Portugal Fernando Távora realça que “Há uma ética na Arquitectura e se o Homem é a unidade da sua escala, devem exigir-se a ela as mesmas qualidades que todos exigimos do verdadeiro Homem.”<sup>48</sup>

Hoje em dia percebemos que os textos que escreveu e os assuntos que lançou para a mesa de debate na arquitectura têm uma grande importância para o desenrolar da história dos anos que se seguiram. Mas Fernando Távora acaba por desvalorizá-los, acreditando que não atingiu nenhuma das partes, pois os modernos acharam-no fraco, porque falava em demasia da arquitectura passada e os arquitectos com princípios mais tradicionais sentiram-no como “uma porcaria porque falava da arquitectura moderna”.<sup>49</sup> Isso sucede-se porque ele procurava a dualidade das duas, uma conjugação harmoniosa que acreditava ser a resposta. Nunca abraçando nenhuma das partes, acabou por não ser identificado por nenhum leitor.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> CORBUSIER, Le – **Precisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme**. p.9.

<sup>48</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa (1947)**. Parte II – Falsa arquitectura. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.12.

<sup>49</sup> TÁVORA, Fernando – **A experiência do ensino da arquitectura**. p.44. citado por FERNANDES, Eduardo – **A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola**. p.113.

<sup>50</sup> FERNANDES, Eduardo – **A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola**. p.102.



Segundo Távora “Com a publicação do texto “O Problema da Casa Portuguesa” que teria o seu equivalente plástico na “Casa sobre o mar”<sup>51</sup>, constituindo ambos uma contida crítica a Raúl Lino<sup>52</sup> e uma tentativa da sua ultrapassagem; e, juntamente com o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa lançava-se uma terceira via ou uma nova modernidade.”<sup>53</sup>

O arquitecto vê esta publicação como um remate e culminar de um longo processo de mudança da visão da arquitectura em Portugal. O futuro da arquitectura não iria manter a “primeira via” que se praticava, com os ideais do dito “Português Suave”, nem tomar a “segunda via” com os rumos fundamentalistas da Arquitectura Moderna. Estava a aparecer uma nova forma de pensar as problemáticas arquitectónicas no processo de projectar... uma Terceira Via.

---

<sup>51</sup> Projecto de Fernando Távora para o CODA em 1952. Projectado para a Foz do Douro, nunca foi construído. A Casa sobre o Mar representa a visão da arquitecto no cuidado pensamento da vivência dos espaços. Aqui ele procura a tranquilidade e a riqueza do espaço envolvente à habitação.

<sup>52</sup> Arquitecto português (1879 - 1974).

<sup>53</sup> TÁVORA, Fernando – **Prefácio (1994)**. In RIBEIRO, Irene ; LINO, Raúl – **Pensador Nacionalista da Arquitectura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.** p.5.



**5. CIAM XI: Otterlo, 1959**

Fernando Távora, Cordech, Korsmo, Bakema, Gardella, Rogers, Wogensky, Tange, Magistretti, Sekler, Erskine, Candillis, Sérgio Fernandez, Lousa e Viana de Lima

## 2. CIAM: 1928 - 1959

Os Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM) foram fundados em 1928 por um grupo de vinte e oito arquitectos e organizados por Le Corbusier, Hélène de Mandrot e Sigfried Giedion.<sup>54</sup> O princípio dos CIAM foi o início da fase “académica” da arquitetura moderna. Segundo Le Corbusier o objectivo seria “Dar à arquitectura um sentido real, social e económico e estabelecer os limites dos seus estudos.”

De 1928 a 1959 estes onze congressos (Anexo 2) marcaram a arquitectura do século vinte. Vários debates – dos principais activistas do movimento moderno – traçaram o percurso internacional da arquitectura relativamente ao espaço, ao urbanismo, à cidade, ao *design* de massas, à paisagem e ao desenho industrial.

Estes encontros não foram apenas importantes do ponto de vista formal. Também se discutia como a arquitectura influenciava economicamente e socialmente a sociedade. Os temas debatidos nos CIAM vão sendo acompanhados pelos arquitectos portugueses e as suas ideias chave começaram a propagar-se pelo país com a ajuda da revista “Arquitectura”. O Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948, foi estruturado segundo os temas centrais dos mesmos, tendo as conferências sido dirigidas para a temática da arquitectura moderna e da sua relação com o *habitat*.

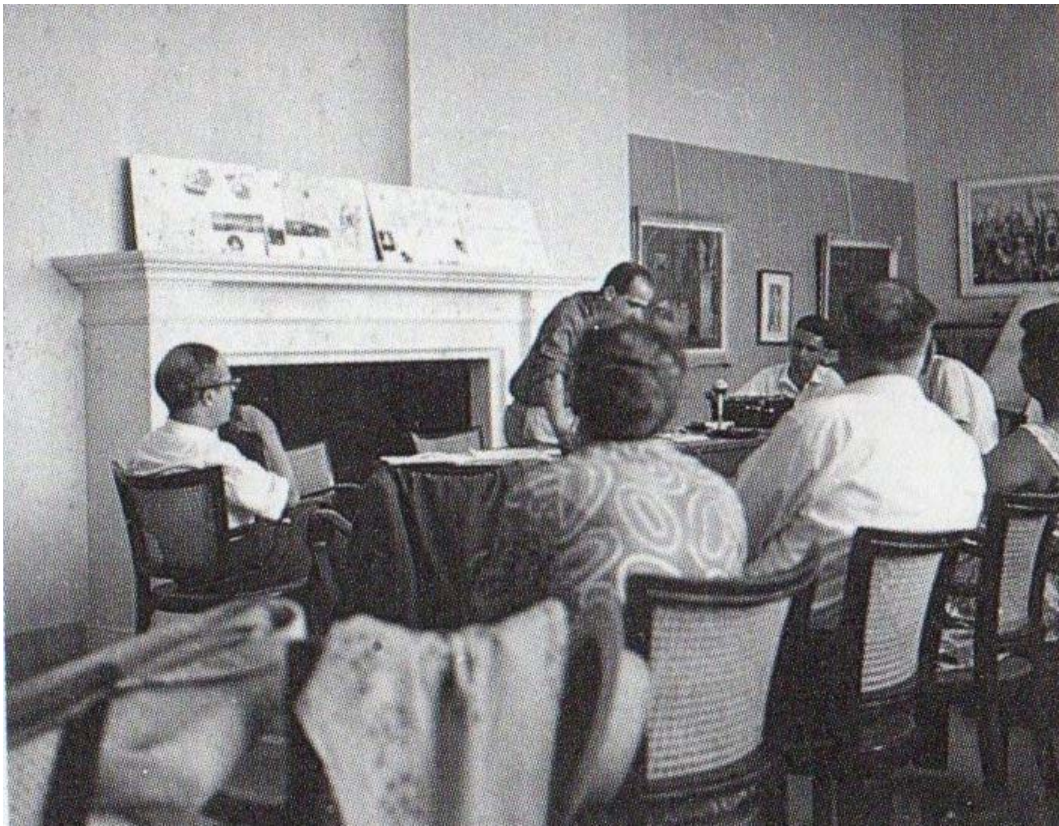
Na década de cinquenta surgiram em Portugal, através de membros da ODAM, os primeiros edifícios que se aproximavam dos princípios debatidos nos CIAM – a cidade moderna, a cidade parque e os edifícios em altura – que tinham como características:

- O aproveitamento dos lotes em profundidade;
- Pátios interiores e alhetas laterais e posteriores;
- Zonas comuns e serviços virados para a rua;
- Zonas privadas no interior e/ou recuadas;
- Recuo do corpo do edifício em relação ao alinhamento da fachada, criando

uma zona de transição entre a via de tráfego e a habitação.

---

<sup>54</sup> Karl Moser, Hendrik Berlage, Victor Bourgeois, Pierre Chareau, Josef Frank, Gabriel Guevrekian, Max Ernst Haefeli, Hugo Häring, Arnold Höchel, Huib Hoste, Pierre Jeanneret (primo de Le Corbusier), André Lurçat, Ernst May, Fernando García Mercadal, Hannes Meyer, M. Werner Moser, Carlo Enrico Rava, Gerrit Rietveld, Alberto Sartoris, Hans Schmidt, Mart Stam, Rudolf Steiger, Syrkus Szymon, Robert Von der Mühl-Henri, e Juan de Zavala. Outros membros posteriores incluíram Alvar Aalto, Uno Ahren, Louis Herman De Koninck, Fred Forbát e Hamilton Harwell Harris.



**6. Fernando Távora apresentando o “Projecto para uma Comunidade Agrícola”**

CIAM X: Dubrovnik, 1956



Fernando Távora, muito jovem na data de início dos CIAM, acabará por participar nos últimos quatro dos anos cinquenta – “Homem da última geração dos CIAM”:<sup>55</sup>

**1951 – VIII CIAM**, Hoddesdon, Inglaterra

Tema: O Coração da Cidade

**1953 – IX CIAM**, Aix-en-Provence, França

Tema: A carta da habitação

**1956 – X CIAM**, Dubrovnik, Jugoslávia

Tema: *Habitat*

**1959 – XI Otterlo**, Países Baixos

Tema: Dissolução do CIAM organizado pelo Team X

Para Távora, estas viagens e contactos com a arquitectura internacional eram especialmente enriquecedoras e estimulantes do ponto de vista académico. Conta Álvaro Siza: “Trabalhei no *atelier* como desenhador. O ambiente era muito bom, havia pouca gente, conversava-se muito, por vezes ele ia para fora, fazia viagens e quando voltava contava tudo com grande entusiasmo. É o caso dos congressos do CIAM que estavam numa fase muito criativa, complexa e às vezes conflituosa.”<sup>56</sup>

No primeiro CIAM depara-se com as preocupações que o atormentavam: se seria ou não possível relacionar os valores formais e espaciais da tradição com a arquitectura moderna.

Podemos interligar o Inquérito com os debates do CIAM, visto que surge em sintonia com os tópicos do CIAM VIII de Hoddeson acerca da arquitectura moderna ser ou não sensível aos valores nacionais.<sup>57</sup>

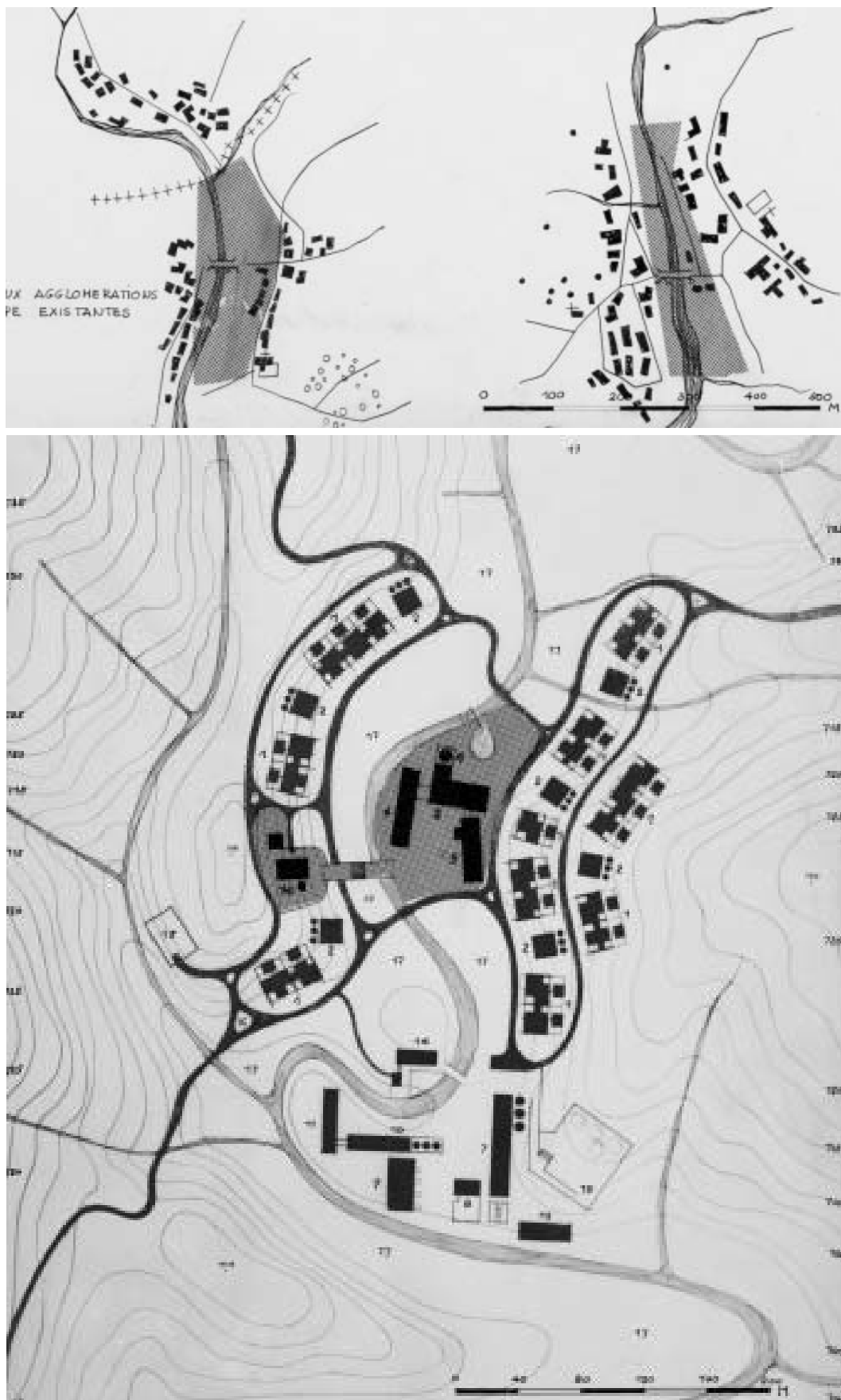
Para os CIAM esta tese já vinha a reflectir a crise da arquitectura moderna, que se iniciara anos antes em alguns países europeus. Mas para Portugal, ainda embrionário

---

<sup>55</sup> SIZA, Álvaro. Excertos de uma conversa conduzida pelos arquitectos Luís Pereira Miguel e Rita Alves com Álvaro Siza no seu *atelier*, a 19 de Março 2013, sobre os seus primeiros passos na profissão. Disponível na internet: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/siza-vieira-trabalhar-com-o-arquitecto-tavora-foi-melhor-do-que-qualquer-estagio-1590803>.

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> No CIAM VIII abordou-se o tema “O Coração da cidade”, que ia contra os princípios da Carta de Atenas.



### 7. Projecto do grupo CIAM – Porto: *Habitat Rural* (1956)

Pormenores do Painel 2: Dois aglomerados existentes e Solução geral do plano

nestas novas premissas, permitiu acabar com o “Português Suave”,<sup>58</sup> servindo de alavanca para uma arquitectura mais humana e de raiz nacional.

No CIAM X, o grupo CIAM Porto (Fernando Távora, Viana de Lima, Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias) apresentou um projecto que desenvolveram em conjunto, para uma nova comunidade agrícola (nunca chegou a ser construído), que se localizava no nordeste transmontano (imagem 7). O trabalho apresentado em 1956 sobre o *habitat rural*, designado “Plano de uma comunidade rural”<sup>59</sup> – que teve como base o Inquérito começado em 1955 – vem a ser uma referência no tema comunidade e identidade, que foi um dos temas em foco no Congresso.

A ideia portuguesa tem tanto presente a estrutura urbana das comunidades da região e edifícios com tradições construtivas vernáculas, como a separação de quatro funções distintas de zonamento – princípio de organização de funções presentes na Carta de Atenas: área de habitação, área de trabalho, área de lazer e circulação.

É interessante perceber que por um lado, os arquitectos procuraram aplicar no desenho dos edifícios técnicas construtivas vernáculas de uma forma contemporânea, mas fiel às tradições. No interior não limitavam o plano de forma funcionalista, mas permitiam que no futuro os habitantes se apropriassem daquele projecto, de forma pessoal e modeladora. No interior das casas a mudança da planta era motivada, de forma a que cada família fosse livre para a adoptar consoante o seu quotidiano e agregado familiar.

Neste plano temos duas formas distintas de pensar: por um lado marcam-se distinções de zonamento precisas, por outro as habitações libertam a planta, possibilitando uma futura modelação dos espaços pelos ocupantes. Em Fernando Távora começamos a perceber “o Homem como organizador do espaço”, ideia em que defende que a envolvente humana não é projectada apenas por arquitectos, mas modelada também pelo Homem que a ocupa.

Segundo José António Bandeirinha, este “manifesto edificante” vai contribuir para a superação do formulário nacionalista suportado por postulados ornamentais ao mesmo tempo que se liberta do dogma moderno. A realidade portuguesa passa de fórmula final para contributo metodológico.”<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Modelo arquitectónico utilizado em edifícios públicos e privados portugueses, essencialmente durante as décadas de 1940 e 1950. Este estilo arquitectónico é também conhecido por Estilo Nacionalista, Estilo Tradicionalista ou Estilo Estado Novo.

<sup>59</sup> **X Congresso CIAM.** *Revista Arquitectura*, nº 64. Lisboa, Janeiro 1959.

<sup>60</sup> BANDEIRINHA, José António – **Quinas Vivas**. p.113-114.



Para Fernando Távora o CIAM de Otterloo vem a ter particular importância. A apresentação do seu projecto da Casa de Ofir marcou um momento de especial orgulho na divulgação da arquitectura portuguesa: “Eu achei interessante levá-la ao CIAM porque estava a gozar-se já de uma certa liberdade. Depois, começou a descer, os ventos começaram a cansar-se.”<sup>61</sup>

Ainda no contexto dos CIAM o Mercado de Vila da Feira é também apresentado e tem uma boa recepção por parte dos arquitectos presentes. Van Eyck comenta que “A noção de espaço e tempo já não veiculava a sua força original e fora substituída pelo conceito mais vital de lugar e ocasião.”<sup>62</sup>

Anteriormente a esse dia a arquitectura portuguesa tentava manter-se a par do que acontecia no exterior, mas após esse momento existe uma divulgação do que se fazia em Portugal e este passa a suscitar a curiosidade dos arquitectos internacionais.

Relativamente ao último CIAM, liderado pelo Team X, é de notar que tal como Fernando Távora, este grupo também começou a evocar o problema da identidade da arquitectura, criticando a arquitectura moderna discutida nos CIAM anteriores. Acabaram por rejeitar as propostas “sem alma da reconstrução do pós-guerra no norte da Europa.”<sup>63</sup> Com a crise instaurada face à arquitectura moderna dão-se por terminadas as conferências que decorriam desde 1928 e que marcaram uma época fulcral na mudança arquitectónica num período de grande perturbação a nível social na história mundial.

Relativamente a Fernando Távora, note-se que os anos de 1950 foram uma época de experimentação, em que se assistia a um rol de novos acontecimentos na Europa, enquanto se procurava a verdade na arquitectura. Desta forma, muitas das suas obras reflectem as suas participações nos CIAM. No âmbito da habitação colectiva, projectou em 1952 a Unidade Residencial de Ramalde (imagem 8), onde estão claramente expressas as temáticas da Carta de Atenas: edifícios implantados paralelamente entre si e perpendiculares às vias de trânsito, com preocupação em planear zonas verdes, que unem e dinamizam a vida urbana. Há também grande preocupação com a luz e salubridade dos espaços: “recorrendo ao “espírito” da Carta de Atenas, com um forte sentido de humanismo.”<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> TÁVORA, Fernando. Disponível na internet:

[http://www.novofangueiro.com/php/nf\\_detalhe\\_noticia.php?codNoticia=5998](http://www.novofangueiro.com/php/nf_detalhe_noticia.php?codNoticia=5998)

<sup>62</sup> RISSELADA, Max – **Fernando Távora no contexto do Team 10**. In **Fernando Távora Modernidade Permanente**. p.92.

<sup>63</sup> CURTIS, William – **Memória e criação: o Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição**. In **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. p.34.

<sup>64</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.179.



**8. Unidade Residencial de Ramalde, Mercado de Vila da Feira e Pavilhão de Ténis**

Em 1958 projectou o Bloco Habitacional da Rua Pereira Reis, que parece ser inspirado em recentes experiências europeias (com realce nas contribuições italianas), mas confluindo-se com a arquitectura do Porto: fachada simétrica com dois panos separados pela caixa de escadas, vigas de betão salientes, que definem aberturas. Aqui, já procura a dialéctica entre a arquitectura europeia e a tradicional com azulejos brancos e azuis, muito característicos em Portugal. Este material será utilizado não apenas neste projecto, como noutros construídos em datas futuras.

O Mercado de Vila da Feira, apesar de ter claras influências dos debates dos CIAM, é também notória uma interpretação mais pessoal do arquitecto na forma de entender a relação do espaço (imagem 8) e “representa uma evidente libertação dos princípios ortodoxos dos CIAM”.<sup>65</sup> A organização espacial demonstra uma leitura preocupada com a relação do lugar com o Homem. Também em 1958 o Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição (imagem 8) “é um exemplo claro (...) do debate dos grandes fóruns internacionais da arquitectura.”<sup>66</sup>

Relativamente à materialidade nestas duas últimas obras, começa a utilizar o betão, “ainda timidamente”<sup>67</sup> no Mercado de Vila da Feira e, mais tarde, acaba por potenciar formalmente as suas características no Pavilhão de Ténis. Este material, com que o arquitecto tem contacto nos CIAM e nas obras dos arquitectos modernos, como Le Corbusier<sup>68</sup>, vai surgir na maioria dos seus projectos da altura. Mas, não somente na materialidade teve referências estrangeiras e é notória em toda a sua obra que assimilou muita informação internacional, revendo-se em afirmações de alguns arquitectos com que teve contacto no exterior:

“Os meus grandes mestres foram os praticantes da arquitectura popular portuguesa, por um lado, e por outro lado o nosso querido Le Corbusier, com todos os seus defeitos, as suas racionalidades e não diria irracionalidades mas arracionalidades, não no seu internacionalismo, mas como criador espantoso fortissimamente apoiado numa tradição, capaz de manobrar as grandes ideias da arquitectura (...) É um pouco nesta complementaridade que encontro as minhas referências (...)”<sup>69</sup>

<sup>65</sup> TOSTÕES, Ana – **Arquitectura Moderna Portuguesa de 1920 - 1970**. p.238.

<sup>66</sup> TAVARES, Domingos – **Memórias: razões e sentidos de uma aprendizagem em arquitectura**. In **Joelho 3**. p.37.

<sup>67</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.145.

<sup>68</sup> Le Corbusier utiliza o betão nas suas obras, como na Igreja de Ronchamp e no Convento de La Tourette. Ambas servirão de referências para Fernando Távora.

<sup>69</sup> TÁVORA, Fernando – **A Arquitectura é o dia-a-dia**. Boletim da Universidade do Porto, nº 19/20, 1993.



**9. Francisco Keil do Amaral no Congresso de 1948**



### 3. O Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura: 1948

“Falar do Congresso de 48 é voltar atrás meio século e evocar o tempo em que não havia mais do que 150 arquitectos em Portugal — quase todos concentrados em Lisboa e Porto — e que acorreram com entusiasmo à magna reunião, ficando a conhecer-se todos uns aos outros. O contraste com a realidade de hoje, quando caminhamos para os 10 mil, estamos espalhados pelo País, e cada um de nós não conhece mais do que um por cento do corpo profissional, não deixa de ser impressionante.”<sup>70</sup>

Em 1948, o Sindicato Nacional dos Arquitectos promoveu o Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura, em Lisboa<sup>71</sup> (imagem 9). O grupo ICAT e a organização ODAM foram os principais impulsionadores.

O jovem grupo de arquitectos portuenses critica a arquitectura promovida pelo regime e reivindica mudanças profundas, sendo que a maioria dos membros da ODAM debruçavam-se sobre os problemas da habitação colectiva. Estas questões tiveram pouca ou nenhuma expressão em Portugal até ao Congresso.

Em foco estiveram dois temas chave: “A arquitectura no plano nacional” e “O problema português da habitação”. Segundo Nuno Teotónio Pereira foi aproveitada ao máximo “a liberdade de expressar ideias que iam contra a retórica oficial.”<sup>72</sup>

No Congresso os debates nacionais reafirmaram que a arquitectura moderna à escala da cidade, com preocupações urbanísticas, ordenadas segundo os princípios da Carta de Atenas,<sup>73</sup> seria o caminho a seguir.

---

<sup>70</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio no texto que escreveu a 24 de Agosto de 1998 sobre o Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura de 1948.

<sup>71</sup> O Congresso inseriu-se no programa de uma exposição organizada pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, em homenagem ao Engenheiro Duarte Pacheco. Teve lugar na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, de 28 de Maio a 4 de Junho de 1948. A comissão executiva incluía, como Presidente, Cottinelli Telmo; Secretário Geral, Paulo de Carvalho Cunha; Tesoureiro, João Faria da Costa; 1.º Vogal, Porfírio Pardal Monteiro; 2.º Vogal, Miguel Jacobetty.

<sup>72</sup> Arquitecto português (1922), que desenvolveu um papel fundamental na divulgação da arquitectura moderna em Portugal.

<sup>73</sup> Vem no seguimento do CIAM IV em 1933 e foi escrito por Le Corbusier. A Carta definia o que era o urbanismo moderno, traçando directrizes e regras que, segundo os seus autores, seriam aplicáveis internacionalmente.



José António Bandeirinha defende que os dois temas do Congresso foram “um mero pretexto para se falar da arquitectura moderna.”

Contudo, nem todos os arquitectos se encontravam em sintonia e é possível encontrar dois pólos distintos: quem se preocupava em assimilar a arquitectura internacional, “Em tudo o útil, o humano e o novo estão implícitos (...) os homens estão incondicionalmente unidos pela constituição da espécie a despeito da diversidade dos climas, posições geográficas, éticas, etc. (...) Este ponto de vista impõe um problema de consciência, uma linguagem arquitectónica internacional”,<sup>74</sup> e quem defendia unicamente um estudo da arquitectura portuguesa, “Em vez de se preocuparem a imitar os Wrights e os Corbusiers, deveriam antes tentar estudar uma arquitectura portuguesa.”<sup>75</sup>

No decorrer do Congresso leu-se um manifesto que enumerava diferentes tópicos a que a arquitectura deveria responder e começar a focar a sua preocupação: questões técnicas, económicas, higiénicas, urbanísticas, formais, sociais. Proclamadas em temas como a contradição cidade-campo, as vantagens da habitação colectiva e a criação de espaços verdes, jardins infantis, escolas, entre outros aspectos relativos à Carta de Atenas, publicada em 1941.

Em 1948 Fernando Távora tinha apenas vinte e cinco anos, logo a sua participação não foi tão directa como nos acontecimentos seguintes, que ocorreram no intervalo temporal em estudo. Apesar de não ser dos principais participantes, o Congresso terá grandes influências a nível pessoal, com as quais irá fundamentar a sua reflexão em anos próximos.

Távora “não alinhará com os seus companheiros “radicais” da ODAM, não apresentando nenhuma comunicação.”<sup>76</sup> Para o jovem arquitecto, as teses internacionais que foram discutidas não teriam um significado único. Acreditava que era sempre necessário integrar valores ancestrais a esta nova arquitectura, atribuindo-lhe uma razão, uma alma, pois vê-a como vazia e espontânea:

“Crê no mundo Moderno como um último classicismo, capaz de restaurar a paz.”<sup>77</sup>

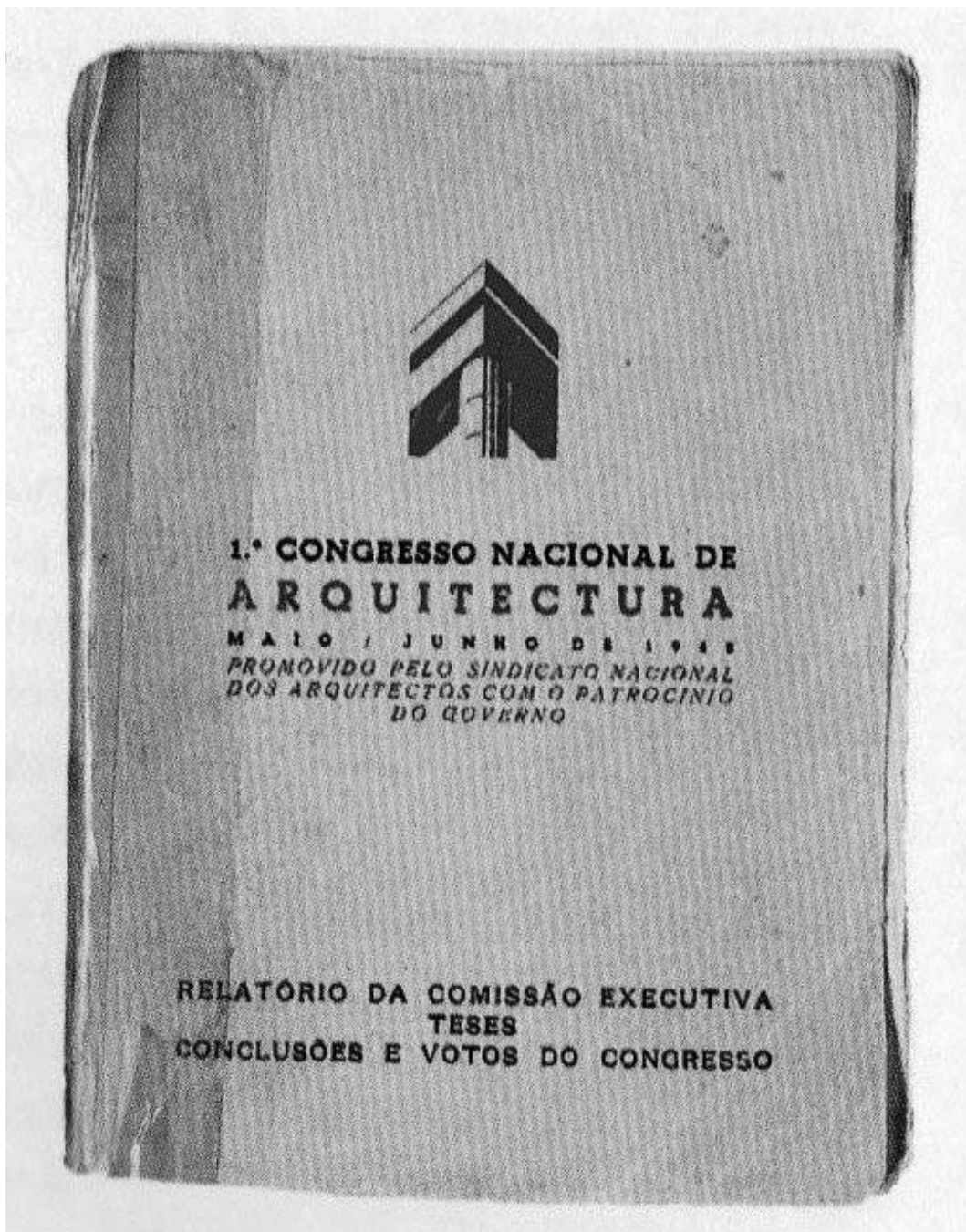
---

<sup>74</sup> BONITO, Mário. Arquitecto português (1921 – 1976).

<sup>75</sup> OLIVEIRA, Mário. Arquitecto português.

<sup>76</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.33.

<sup>77</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.36.



10. Capa original do Relatório da Comissão Executiva do 1º Congresso Nacional de Arquitectura

Desta forma, temos de um lado os arquitectos da ODAM, que acreditam na arquitectura moderna como “tábua de salvação” para a arquitectura nacional e pretendem seguir os princípios modernos de forma irrevogável, e do outro Fernando Távora, mais sereno, pretendendo modelá-la à arquitectura e a Portugal, de forma mais sincera.

Para Távora, os dois pólos distintos que referi anteriormente não existem, pois a resposta estava na sua interligação. Pretendia estudar e aprender a nova arquitectura, dita estrangeira, mas sempre com o passado histórico da arquitectura portuguesa no seu subconsciente, nunca abandonando a identidade que torna os espaços reais e sinceros. Távora consegue “sensibilizar as pessoas que nem sequer sabem o nome do arquitecto [Fernando Távora]. Este é o poder da verdadeira arquitectura: falar silenciosamente e despertar os sentidos e a mente.”<sup>78</sup>

Por fim, a generalidade do Congresso acaba por chegar a um consenso e a um rumo para os anos que se seguem (imagem 10). Definem que é necessário procurar uma identidade para a arquitectura portuguesa, segundo a linha dos ideais que se discutiam nos CIAM. Assim, tentariam que a arquitectura moderna fosse tanto a resposta ideal para o problema do *habitat* (com uma finalidade política e social), como também ditaria as formas e resolveria a estética. Este último ponto não era homogéneo em todos os arquitectos, sendo possível encontrarmos diversas formas de apropriar a arquitectura moderna aos projectos.

Após o Congresso surge em Portugal um desenho internacionalista (“Internacional Style”), que começou por aparecer em edifícios com funções específicas: edifícios de saúde, de uso industrial, habitação colectiva e unifamiliar.

As conclusões finais, juntamente com as ideias já defendidas ao longo da década por Fernando Távora e Francisco Keil do Amaral, serviram para reforçar a necessidade de haver um estudo sobre a arquitectura vernácula portuguesa.

Surge assim, de novo, o propósito para o Inquérito à Arquitectura Popular, que sucederá na década que se segue.

---

<sup>78</sup> CURTIS, William – **Memória e criação: o Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição**. In **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. p.37.



11. Capa do livro "Arquitectura Popular em Portugal"

#### 4. O Inquérito. Arquitectura Popular em Portugal: 1955 - 1960

Realizado a partir de uma ideia de Francisco Keil do Amaral, lançada na revista *Arquitectura* em 1947 e retomada anos depois<sup>79</sup>, o “Inquérito à Arquitectura Regional” – nome inicial do Inquérito – vem a produzir-se entre 1955 e 1960, com o apoio do Ministério das Obras Públicas. Apresentado e publicado em 1961 em dois volumes, pelo Sindicato dos Arquitectos, com o título de “Arquitectura Popular em Portugal”, foi reeditado em 1980 pela Associação dos Arquitectos.

Enquanto que para o governo os arquitectos procuravam reforçar o portuguesismo da arquitectura nacional,<sup>80</sup> na verdade queriam revelar a “mentira arquitectónica” inerente ao conceito “casa portuguesa”, que já tinha sido iniciado por Fernando Távora: “Existe nas “Casas Portuguesas” – e podemos afirmá-lo sem receio – uma mentira arquitectónica (...) que não corresponde à verdade portuguesa e que, como tal, deveria banir-se inteiramente, do mesmo modo que se procura eliminar da sociedade todo o elemento que, por mentiroso e falso, lhe é prejudicial.”<sup>81</sup>

O Inquérito à Arquitectura Popular tem como base duas preocupações centrais: por um lado procurava combater a arquitectura do regime político que tentava instaurar um princípio de arquitectura nacional, dito o estilo da “casa portuguesa”, e por outro reflectir sobre a arquitectura moderna e sobre os seus princípios de racionalidade funcionalista: “A valorização da arquitectura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-se no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento (...) investigação sistemática dos elementos arquitectónicos tradicionais nas diversas regiões do país.”<sup>82</sup>

Não é apenas um inventário ou um catálogo de formas e técnicas construtivas mas sim uma reflexão sobre a aproximação da arquitectura à terra, ao lugar, e como essas diferenças afectam o espaço. De um modo geral, tratou-se de uma aproximação à realidade da arquitectura popular, numa visão maioritariamente disciplinar, reflectindo mais sobre a forma da arquitectura do que sobre razões antropológicas, como os modos de vida do povo.

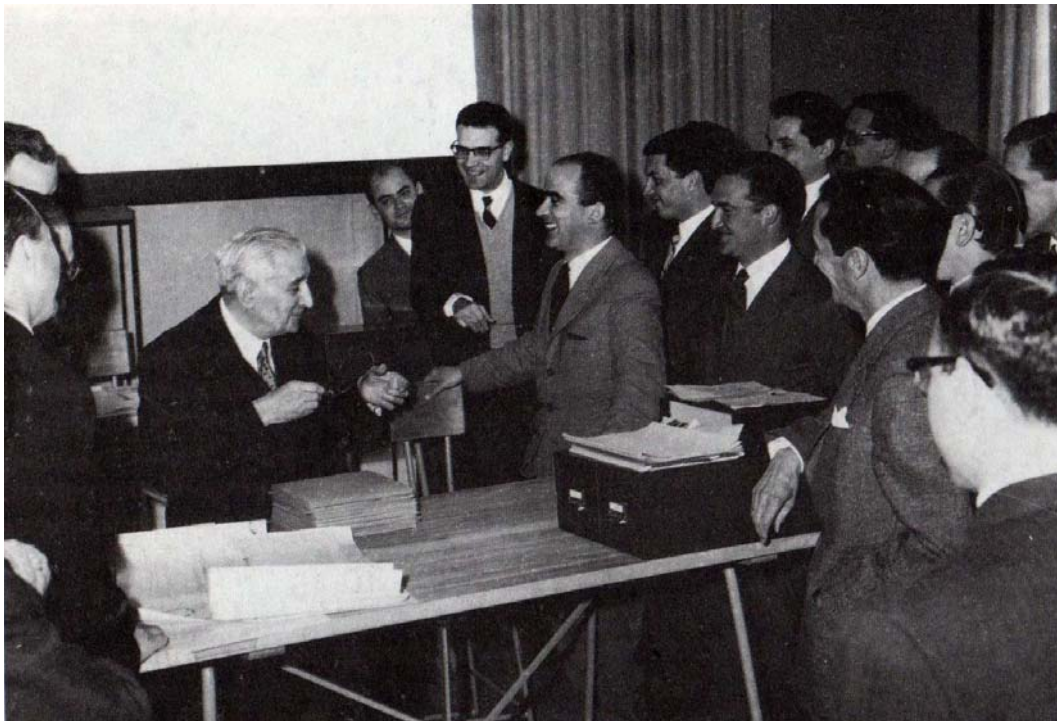
---

<sup>79</sup> Acontece durante a breve direcção de Keil do Amaral no Sindicato dos Arquitectos. É eleito Presidente em 1948 sendo impedido em 1949 de tomar posse por imposição do Governo.

<sup>80</sup> O governo defendia o estilo de arquitectura que ficou conhecida na história, como “Português Suave”.

<sup>81</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa**: 1947, Parte II – Falsa arquitectura. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.12.

<sup>82</sup> Decreto-Lei nº 40 349, de 19 de Outubro de 1955.



**12. Fernando Távora na apresentação dos trabalhos do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal**  
ao Presidente do Conselho de Ministros, Dr. António Oliveira Salazar



O Inquérito trouxe à arquitectura “que havia sido deformada pela valorização tecnológica do Movimento Moderno: a harmonia entre espaço, arquitectura e a vida dos habitantes, a relação entre as propostas de transformação e a paisagem existente.”<sup>83</sup>

Em 1958 estava reunido o material de seis zonas que perfaziam Portugal, representando todo o território nacional continental. Ao todo dezoito arquitectos percorreram, em três meses, um total de cinquenta mil km. No dia 23 de Abril do mesmo ano, os resultados deste estudo foram apresentados a Salazar (imagem 12), que anunciou minuciosamente a maquete do livro. A imprensa comentou o trabalho do Inquérito, revelando que este restabelece a verdade sobre a casa portuguesa.

Mas porquê o estudo da arquitectura popular?

“O estudo da arquitectura portuguesa não está feito (...) A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra aquela que está mais de acordo com as novas intenções (...). Na arquitectura contemporânea não é difícil entrever já uma prometedora solidez (...) e é nela que deve entroncar-se a arquitectura portuguesa sem receio de que perca o seu carácter.”<sup>84</sup>

Fernando Távora crê numa arquitectura pensada de forma singular, onde cada lugar tem as suas necessidades próprias: “eu tenho uma característica que é fundamentar muito os edifícios relativamente às circunstâncias, ao momento e ao lugar.”<sup>85</sup> As conclusões do Inquérito vieram confirmar o seu propósito: existe um conjunto de características, que variam de região para região, e que respondem às necessidades do local como o clima, a economia, os materiais abundantes e as técnicas adequadas. Permitiu assim revelar “a expressão de uma arquitetura anónima, mais culta, comprometida com o lugar, mas consciente da modernidade, sem ceder ao populismo.”<sup>86</sup>

---

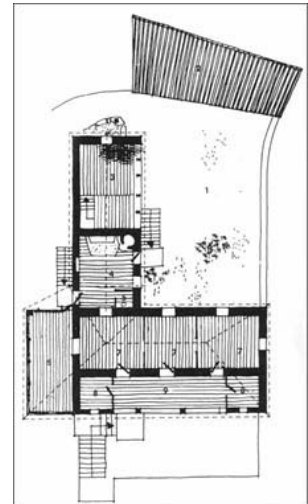
<sup>83</sup> MENDES, Manuel, 1990. citado por MAIA, Maria H.; CARDOSO, Alexandra – **O Inquérito a Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal.**

<sup>84</sup> TÁVORA, Fernando citado por TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora.** p.24.

<sup>85</sup> TÁVORA, Fernando. citado por Correio do Porto(2011). Disponível na internet: <http://www.correiodoportu.pt/cultura/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao>.

<sup>86</sup> TORMENTA, Paulo, 2003, p. 65. Disponível na internet:

[https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/2084/1/Surveys\\_VR\\_JA\\_MRC\\_portug.pdf](https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/2084/1/Surveys_VR_JA_MRC_portug.pdf)



13. Fotografia e levantamento tipo da zona 1: Sobreira Carapeços em Barcelos e Casa Sequeiro

Foi o representante da equipa da zona 1 (Anexo 3), que estudou o Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, onde trabalhou juntamente com Rui Pimentel e António Menéres.

Contrariamente às outras equipas, que se focaram numa visão mais funcionalista, tiveram uma abordagem mais antropológica e urbanística. Estudaram o território, o desenho das vias e a relação da habitação com as mesmas. Seguindo para os edifícios, desde o bairro ao objecto singular, chegando a estudar a organização interna das habitações.

A descrição da zona 1<sup>87</sup> inicia-se com uma abordagem à geologia, topografia e hidrografia da zona do Minho e a um estudo do clima. De seguida focam-se na história e na tipologia, fazendo um breve resumo desde a pré-história até aos dias correntes. Detalham os edifícios antigos e recentes, a estrutura urbana e a sua evolução temporal, os solares e o tipo de povoamento dos espaços privados e públicos.

“ (...) O claro funcionamento dos edifícios rurais e a sua estreita correlação com os factores geográficos, o clima, como as condições económicas e sociais, expressas simplesmente, directamente, sem interposições nem preocupações estilísticas a perturbar a consciência clara e directa dessas relações, ou a sua forte intuição, iluminam certos fenómenos basilares da Arquitectura, por vezes difíceis de apreender nos edifícios eruditos mas que logo ali se descortinam, se já estivermos preparados para os compreender e apreciar.”<sup>88</sup>

Este grupo não foi o único a abordar o estudo de forma personalizada, tendo havido diferenças de interpretação entre as diferentes equipas do Inquérito:

"Mais cultural uma, mais instrumental ou táctica, a outra (...) as quais anunciavam a clivagem que, ao longo dos anos 60 (...) dividiria os seguidores dos CIAM dos críticos dos CIAM (...)."<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> **Arquitectura Popular em Portugal**. volume 1.

<sup>88</sup> Ibidem. p.XXII.

<sup>89</sup> PORTAS, Nuno, 1978. citado por MAIA, Maria H.; CARDOSO, Alexandra – **O Inquérito a Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal**.



É interessante analisarmos as diferenças na descrição das várias zonas. Podemos deduzir que esse estudo já revela uma forma diferente de projectar e reflectir sobre a importância do lugar. Tal como cada arquitecto tem uma maneira própria de ver o espaço, o Inquérito não foi excepção e os arquitectos, ao analisarem as suas zonas, mostraram o que mais os interessava no estudo da “casa portuguesa”, revelando de que forma viam a arquitectura na época.

Fernando Távora ao comentar o resultado final do estudo: “O Inquérito à arquitectura regional revelou a existência de numerosos valores mais ou menos humildes do nosso espaço antigo.”<sup>90</sup>

Começa assim a importância do património para Fernando Távora, que acredita que é necessário estender o conceito da palavra para algo mais abrangente. Segundo Távora, património é o existente, o que representa o passado e nos é querido, tem uma carga material e pessoal forte, logo, é preciso cuidar e preservar, como se de um monumento se tratasse. No seu livro “Da Organização do Espaço”, defende que “é preciso rever o conceito de monumento”,<sup>91</sup> afirmando que é necessário incluir nesse rol alguns edifícios mais humildes, que não são monumentos pela sua riqueza física, mas sim pela sua riqueza histórica no desenho do património.

O racionalismo, a funcionalidade e a relação com o envolvente da arquitectura regional tradicional acabou por contaminar a arquitectura dos anos que se seguiram e “na correlação estabelecida entre o popular e o erudito, satisfeito o dever cultural eficaz ao regime (...) o inquérito é o documento portentoso do fim de uma época.”<sup>92</sup>

As principais consequências na arquitectura foram a preocupação com a envolvente, com a paisagem e com o Homem: uma crescente valorização do percurso e da sucessão dos espaços, a utilização de materiais mais expressivos conciliados com tradições populares e um maior controle da luz nos espaços internos, com a procura do conforto espacial.

Nesta nova época “os arquitectos passaram a utilizar com um novo à-vontade, sem o sentimento de estarem a trair os princípios basilares da arquitectura moderna, alguns elementos tradicionais que eram antes considerados impuros e por isso proscritos.”<sup>93</sup>

---

<sup>90</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.59.

<sup>91</sup> Ibidem. p.58.

<sup>92</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.51.

<sup>93</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio, 2000. citado por MAIA, Maria H.; CARDOSO, Alexandra – **O Inquérito a Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal**.



Este estudo veio validar a ideia de que o modernismo pode ser conjugado com o existente, o rural e o tradicional, de forma a completarem-se harmoniosamente.

Em vez de se negar a história nacional, começando uma arquitectura sem identidade, porque não instaurar todas essas novidades motivadoras de forma coerente e racional? Segundo Jorge Figueira: “O projecto moderno não assenta mais num horizonte abstracto entregue ao futuro, mas antes na utopia da recriação e manutenção radical do passado – é este o fundamental a fixar.”<sup>94</sup>

No entanto, no rescaldo do Inquérito – embora para todos os arquitectos as novas preocupações base tenham sido comuns – não é igual a forma como eles relacionaram esses princípios com os da arquitectura moderna. Foi Fernando Távora quem conseguiu tirar um maior partido deste processo, visto que foi um dos seus impulsionadores e que já vinha pensando sobre o tema, sendo esta uma forma de aprofundá-lo e consolidá-lo.

A experiência vai permitir-lhe a leitura convergente da matriz racionalista, com os processos da arquitectura popular, e é através dela que vai conseguir pôr em prática o que já vinha propondo teoricamente durante largos anos.

Vai depois provar que consegue aplicar o estudo do Inquérito de forma cuidada, surgindo uma clara evolução arquitectónica nas suas futuras obras, pós-inquérito. Obras como a Casa de Ofir vêm apoiar-se nesta base e dar aso a uma nova forma de pensar a arquitectura. Desta forma, a sua experiência acabou também por se reflectir no ensino na Escola de Belas Artes, onde Fernando Távora leccionava.

“ (...) Ninguém como ele será capaz de se opor tao veementemente ao avanço do caos sobre a ordem, a que ele vai chamando arquitectura, definida como estrutura de inclusão de todos os valores culturais não moralisticamente hierarquizados, locais, universais, históricos.”<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.65.

<sup>95</sup> COSTA, Alexandre Alves citado por FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.12.





## 5. A Terceira Via

“Passam os estilos (...) fica a qualidade, fica o que é permanente na evolução. Não é o estilo que define a qualidade.”, Fernando Távora<sup>96</sup>

Traduzindo a Terceira Via numa frase: é a reinterpretação da arquitectura popular/vernacular<sup>97</sup> com a contemporaneidade que a arquitectura moderna fornecia, reinterpretando-a e modelando-a ao lugar, ao contexto, à escala e ao Homem.

Na Escola do Porto, foi Carlos Ramos a personagem impulsionadora no processo de abertura da arquitectura ao exterior. A consciência moderna foi assim entrando na Escola, e as primeiras gerações formadas pela mesma procuram uma Terceira Via que assentava na dualidade da arquitectura moderna *versus* tradição.

"Eu defendia neste texto [O Problema da Casa Portuguesa] o que se chamava a terceira via, no sentido de uma evolução da arquitectura moderna com capacidade de identificação com o tradicional (...) que reconhecia a incapacidade dessa arquitectura para resolver alguns problemas, não só em termos de construção (...) Resumindo a minha postura, o problema era procurar aquilo que eu chamaria uma arquitectura realista." <sup>98</sup>

Para Fernando Távora não é o “Estilo Internacional”, o falado “Estilo Português”, ou outro qualquer que define como fazer arquitectura. A verdadeira arquitectura está muito para além de estilos e de receitas pré-escritas, pois não existe a maneira correcta de a fazer, mas sim um rol de condicionantes, que têm que ser estudadas e respondidas da forma mais vantajosa para a envolvente, terreno e cliente. Interessa-se pela qualidade abstracta e intemporal que define a forma de pensar a arte de projectar. Assim, o arquitecto procura-a e acredita que só a atingirá quando conseguir intuitivamente conciliar o erudito com o gosto tradicional, só assim “permite-lhe não se fixar exclusivamente ou hegemonicamente nas flutuações de qualquer estilo internacional.” <sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> TÁVORA, Fernando. In FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.91.

<sup>97</sup> Popular: respeitante ou pertencente a um povo; Vernacular: próprio do país a que pertence, nacional.

<sup>98</sup> TÁVORA, Fernando – **Conversaciones en Oporto**. Revista Arquitectura, n.º 261, Julho/Agosto 1986. p.23.

<sup>99</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.91.



A modernidade em Távora implicava sempre uma adequação ao tempo presente, associando o bom senso ao racionalismo. Defendeu que nunca se poderia ignorar, esquecer ou destruir, o passado e a tradição. Pensando no passado, nunca ignorando o Homem de hoje, é necessário desenhar arquitectura para o Homem moderno, pois “o Homem do presente não é igual ao do passado.”<sup>100</sup> Cada edifício é único e responde à sociedade, ao local, à economia, em suma, às contingências do espaço: “Eu não faço caricaturas, construo edifícios autónomos, ou seja, específicos.”<sup>101</sup>

Citando Alexandre Alves Costa a respeito da modernidade na obra de Fernando Távora: “a obra de Távora nunca abandonou a fidelidade ao Movimento Moderno. Mas, ao contrário de outros, talvez mais velhos e imaturos, transformou a fidelidade em coisa inclusiva e não exclusiva, daí a sua permanente contemporaneidade.”<sup>102</sup>

Por fim, verificou-se que a Terceira Via não tinha forças para vingar e ditar princípios fortes na arquitectura. Assim, embora sempre respeitada, como experiência que marcou uma fase dos anos cinquenta e sessenta do século vinte, acaba por ser abandonada progressivamente por Fernando Távora e Álvaro Siza, os seus mentores que “Não souberam colher dela [da arquitectura vernacular] qualquer fruto, pois a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão (...).”<sup>103</sup>

Segundo Alves Costa a Terceira Via viria a ser “com a dúvida ou com a real nostalgia deixada pelo teórico vazio da História.”<sup>104</sup>

---

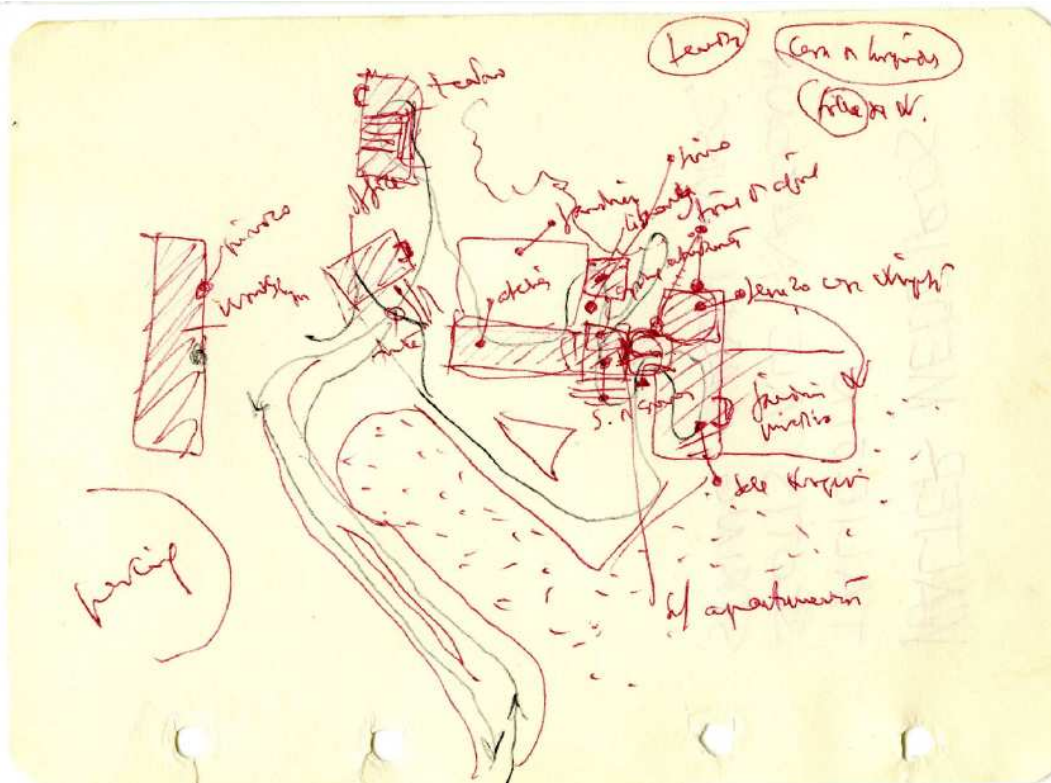
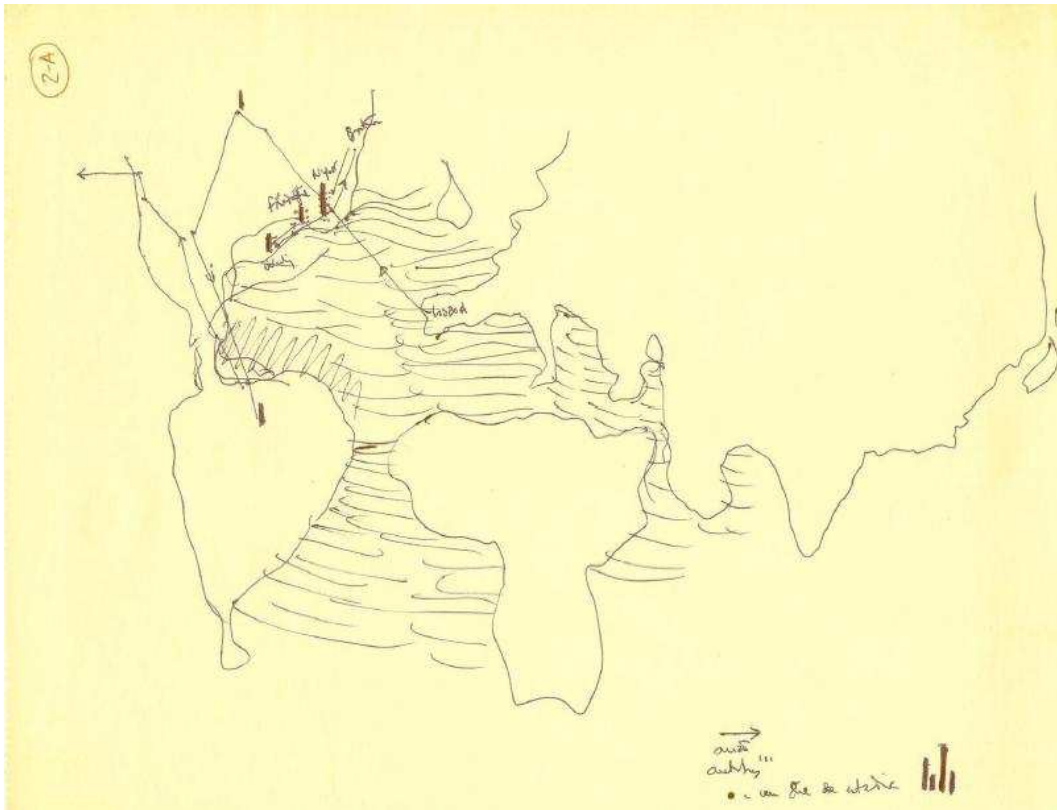
<sup>100</sup> TÁVORA, Fernando.

<sup>101</sup> TÁVORA, Fernando – **Fernando Távora, pensieri sull'architettura**. *Casabella* n.º678. p.16.

<sup>102</sup> COSTA, Alexandre Alves – **A obra de Fernando Távora. Um caso de coerência conceptual e metodológica**.

<sup>103</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa, 1945**. p.12.

<sup>104</sup> COSTA, Alexandre Alves, 1993 – **Legenda para um Desenho de Nadir Afonso**. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.17.



14. Mapa com a indicação do percurso nos EUA e México e desenho da planta de Taliesin West

Ambos do Diário de viagem de 1960, por Fernando Távora

## 6. A Viagem de Fernando Távora: dos E.U.A ao Japão, 1960

É importante referir que em 1960 Fernando Távora iria, no final da sua viagem, começar a leccionar a disciplina “Organização do Espaço” na Escola de Belas Artes do Porto, à qual ele próprio se tinha candidatado. Sendo o urbanismo um tema muito recente no meio académico, a viagem surge como o remate desta ânsia de conhecer o desconhecido. O arquitecto sentiu necessidade de perceber como se ensinava a temática no exterior e como se desenhavam e cresciam as cidades.

A época da viagem integra-se na fase em que procurava fazer a passagem entre as “dimensões arquitectónicas do espaço” e os “problemas da organização da cidade e território”, assim vai procurar “fazê-la com modéstia (...) confiando na intuição do observador, viajando na sua terra e fora dela (...)”.<sup>105</sup>

O primeiro contacto com a Fundação Calouste Gulbenkian foi por parte de Carlos Ramos, que enviou uma carta com uma lista de arquitectos que gostariam de ir para o estrangeiro. Fernando Távora fazia parte dessa mesma lista e a 26 de Novembro de 1959 o próprio entregou à fundação um pedido por escrito.<sup>106</sup> A bolsa acabou por ser concedida e teve a duração de quatro meses, entre 13 de Fevereiro e 12 de Junho de 1960.

Organizou um itinerário detalhado (Anexo 5) e enumerou os objectivos (Anexo 6) da sua viagem, que intitulou “Estudo dos Métodos do Ensino de Arquitectura e Urbanismo nas Universidades e Instituições Americanas”.<sup>107</sup>

Foi interessante a sua escolha dos destinos (imagem 14). É de conhecimento geral que as grandes viagens dos arquitectos da altura focavam-se no Mediterrâneo, com o fim de conhecer e observar a arquitectura clássica; temos como exemplo as viagens de Le Corbusier, Alvar Aalto e Louis Kahn.

A sua opção reflecte o novo tempo e o seu desejo pelo conhecimento da arquitectura que, até ao momento, não lhe tinha sido “apresentada” no seu percurso académico.

---

<sup>105</sup> PORTAS, Nuno – **Prefácio à edição de 1982**. In TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.IX

<sup>106</sup> Juntamente com esta carta iria anexada uma de Carlos Ramos, que justificava o porquê do pedido. É de notar que foi a primeira bolsa que a fundação atribuiu com estes moldes.

<sup>107</sup> MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960**. p.29.



### **15. World Design Conference, em Tokyo, 1960**

Fernando Távora com Khan, Bayer, Tange, Yamasaki, Rudolph, Smithsons e Korsmo

A respeito da sua formação, Fernando Távora afirma que “era um ensino onde até certo ponto a modernidade era encarada do ponto de vista estilístico. Não era um ensino moderno, mas sim um ensino onde na concepção de certos edifícios se podia utilizar aquilo a que se chamava o estilo moderno.”<sup>108</sup>

A escolha dos E.U.A. deve-se ao facto da viagem ter uma vertente mais científica. A opção de um novo continente vinha da razão que o motivava a viajar. Não queria ver o que tinha aprendido na Escola, mas sim conhecer algo que não lhe fora transmitido nos anos que estudou. Relativamente à escolha do Japão, veio a propósito do convite a participar na World Design Conference (WODECO) (imagem 15). Após escolher os dois destinos base, acabou por adicionar ao seu roteiro México, Líbano, Egipto e Grécia, com o intuito de aproveitar ao máximo esta hipótese que a Fundação lhe concedera.

Lá fora acabou por se aperceber que, tal como depois descreve no “Da Organização do Espaço”, o caos urbanístico não era um problema exclusivamente nacional: “Tivemos recentemente (...) a oportunidade de analisar a arquitectura mais ou menos anónima que se faz por esse mundo e verificámos que o caos é igual.”<sup>109</sup>

A influência que estes quatro meses tiveram na Escola de Belas Artes não foi directa e não houve uma reforma importante no método de ensino, inspirado na sua viagem: “A verdade é que as realidades académicas, portuguesa e americana, eram, então, incomparáveis.”<sup>110</sup>

Contudo, como professor, Fernando Távora retirou proveito da experiência, “dos registos de viagem, diário, fotos e desenhos, Távora utilizará parcialmente informação nas suas aulas ou em excertos dos textos que publicou.”<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> TÁVORA, Fernando – **Entrevista com o Arquitecto Fernando Távora**. *Revista Arquitectura*, 1971. p.151.

<sup>109</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.42.

<sup>110</sup> MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960**. p.84.

<sup>111</sup> GONÇALVES, José Fernando – **Em viagem – experiência, conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX**. In *Joelho 3*. p.133.





A experiência e vivências que reteve da viagem estão detalhadas num Diário que levou consigo durante estes quatro meses e que incentivou diversos estudos futuros. Este testemunho irá ser um reflexo da busca das verdades arquitectónicas, permitindo a Távora perceber a verdade por detrás da primeira impressão visual, através de esboços sintetizadores de ideias e imagens que reteve.

A dissertação de Ana Mesquita, “O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão – Diário 1960” é um trabalho pioneiro, detalhado e completo que se debruça no estudo do mesmo.

Recentemente Jorge Figueira escreveu um texto em que tece algumas considerações sobre esta viagem, focando-se nos E.U.A., que foram o principal mote da mesma. Explora algumas frases do Diário de 1960, em que é claro o choque de culturas que Távora sofre enquanto visita as cidades americanas. Sente-as como caóticas, documentando o “pessimismo cultural (...) que põe em causa a *joie de vivre* que Távora famosamente praticava.”<sup>112</sup>

A nível pessoal foi uma experiência muito enriquecedora, o que irá reflectir-se profissionalmente, com influências presentes na sua forma de pensar a arquitectura. A viagem tinha como intuito observar o presente no exterior, para remodelar o futuro em Portugal.

“ (...) Esta viagem mundializou-me.”<sup>113</sup>

É de realçar que, apesar de não ter ficado indiferente à sua viagem, em que se confrontou com um mundo que desconhecia, o intuito inicial acabou por ter também um efeito contrário. Durante estes meses Távora nunca abandona o pensamento do seu país, havendo diversas vezes um olhar para o novo, reflectindo sempre no que “deixou” em Portugal. Acaba por sentir “as forças da gravidade que o puxam para Portugal: para o Portugal rural; atávico; antigo.”<sup>114</sup> A saudade; “Quanto eu tenho pensado em Portugal (...).”<sup>115</sup>

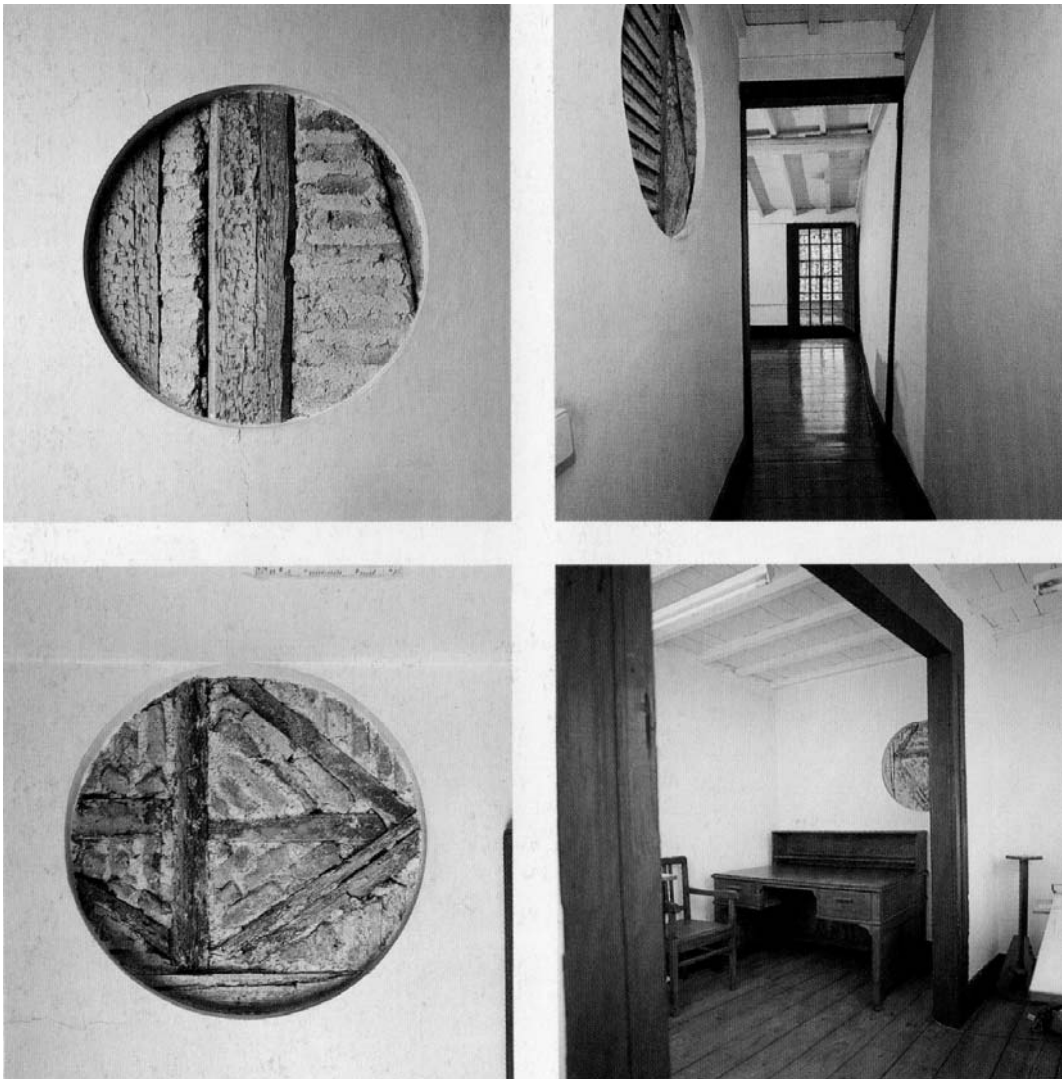
---

<sup>112</sup> TÁVORA, Fernando. In **Diário da viagem, 1960** citado por FIGUEIRA, Jorge – **Fernando Távora, alma mater viagem na américa, 1960**. In **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. p.29.

<sup>113</sup> TÁVORA, Fernando em entrevista realizada por alunos do Departamento de Arquitectura da FCTUC, do 2º ano, da disciplina de Teoria de Arquitectura, leccionada pelo Professor Mário Krüger, e por alunos do último ano no âmbito da prova final, Porto, 2002.

<sup>114</sup> TÁVORA, Fernando. In **Diário da viagem, 1960** citado por FIGUEIRA, Jorge – **Fernando Távora, alma mater viagem na américa, 1960**. In **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. p.29.

<sup>115</sup> Ibidem.



16.Pormenor da Casa da Rua Nova, Guimarães

As suas obras posteriores vêm reflectir alguns apontamentos que observou durante este período. Visto que o intuito do trabalho não é o foco nesta temática, aponto apenas três exemplos de obras em que podemos ler essa experiência.

No Pavilhão da Quinta da Conceição, Távora admite ter modificado alguns pormenores por influência da viagem, integrando de forma harmoniosa e natural alguma informação que começou a conseguir dominar em termos formais com o conhecimento que reteve. Nota-se a influência da arquitectura japonesa e dos seus jardins, que criavam uma ligação do construído e da natureza, de forma muito equilibrada.

Também na Casa da Rua Nova em Guimarães (1985 - 1987) deixou propositadamente à vista a estrutura arqueológica de uma das paredes estruturantes (imagem 16). Vem ao encontro de um motivo japonês, onde as janelas eram feitas como negativos das paredes, deixando a argamassa a limitar o contorno do vão, desenhado em madeira e bambu. O mesmo motivo foi utilizado no Convento de Santa Marinha da Costa (1975 - 1984).



“Numa convergência que Carlos Ramos tinha já apontado, Távora executa um “encontro da formação académica conservadora com a formação pessoal neoplástica” que lhe permite manobrar e materializar os consensos: **a Casa de Ofir (1958), o Mercado da Vila da Feira (1959) e o Pavilhão de Ténis (1960)**, são obras que documentam uma procura pessoal – e que se revelará intransmissível – de um lugar que não se circunscreve em nenhum sistema, antes se deixa motivar por amáveis cambiantes arquitectónicas.”<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**. p.45.



**17. Casos de estudo: Mercado de Santa Maria da Feira, Casa de Ofir e o Pavilhão de Ténis**

### CAPÍTULO III – TRÊS OBRAS E UM LIVRO

“Fernando Távora, embora prezasse a escrita, não parecia reconhecer ou atribuir particular relevo ou destino às suas escritas de circunstância, ou sonho de circunstância. Cumprido o encontro, a imperceptível mudança de respiração fazia-se e transmitia-se pelo e no ofício da síntese que é a prática da arquitectura – apre(e)nder a circunstância criando nova circunstância.”<sup>117</sup>

Pareceu-me pertinente enunciar neste trabalho algumas obras que Fernando Távora realizou neste intervalo temporal. As obras acabam por ser reflexo dos acontecimentos que enumerei anteriormente e serão o espelho de como as suas participações, viagens e escritos irão afectar a sua forma de projectar.

Nas três obras em que me debrucei, Fernando Távora já revela um forte amadurecimento como arquitecto. Aqui, começa a construir um carácter próprio, que reflecte os seus conhecimentos tanto na arquitectura internacional (com a participação dos CIAM), como o estudo da arquitectura tradicional (resposta ao estudo do Inquérito à Arquitectura Popular). Denota-se a sua preocupação em aplicar estes conceitos apreendidos, sempre respeitando o contexto e o programa.

Após 1955 começaram a surgir obras com influência no estudo do Inquérito. Nesta fase não existe uma arquitectura da “Casa Portuguesa”, ou um “Estilo Internacional”, mas sim uma conjugação de ambos, numa linguagem própria. No exterior aparecem as obras com tendências regionalistas e orgânicas, tanto com influências de Frank L. Wright, como de projectos mais vernáculos de Le Corbusier.

Esta arquitectura tenta responder a problemas específicos, que resultam de questões do meio em que se inserem, como resposta da relação da arquitectura com a natureza. Assim, tanto a forma como a materialidade acompanham esta dialéctica. Há uma dualidade que é invocada com o uso de técnicas mais rurais – como o barrote à vista, o telhado de duas águas, as asnas de madeira, a pedra à vista – conjugadas com técnicas modernistas e brutalistas – com a presença do betão, tijolo, pedra e madeira – num jogo mais contemporâneo da forma.

---

<sup>117</sup> MENDES, Manuel – **Fernando Távora, “O meu caso” – Parte I – Convivências, Afloramentos, Afagamentos.** In **Fernando Távora Modernidade Permanente.** p.59.





Apesar de serem construídas em datas próximas e serem uma resposta ao seu trabalho teórico, que vai enunciando ao longo dos anos quarenta, cada uma tem um carácter próprio, não se podendo afirmar um estilo único. Apesar de formalmente diferentes, devido às condicionantes, todas têm intrínsecas a mesma forma de pensar o espaço, apresentando-se quase como parte da paisagem em que se inserem.

É interessante a forma como o arquitecto consegue aplicar esta harmonia da Terceira Via, tanto num ambiente urbano, no Mercado Municipal de Vila da Feira, como mais tarde no meio rural, sendo exemplo o Pavilhão de Ténis, na Quinta da Conceição. A selecção das três obras vem ao encontro desta riqueza de diferença de lugares e a forma como afectou os projectos e a maneira de pensar o seu desenho, que iria reflectir-se no quotidiano da utilização dos espaços.

No meio urbano, é influenciado pelo ambiente humanizado, pela relação com as ruas, com o dia-a-dia dos Homens e os seus percursos. Aqui, apresenta-se mais moderno e internacionalista, apesar de nunca renegar aspectos tradicionais.

No meio rural, é a região, a envolvente, a paisagem e a tipologia do terreno que ditam o projecto, desde a forma à materialidade: “Os edifícios e os espaços têm que estar bem implantados, estar bem dispostos no lugar: essa qualidade de boa implantação confere-lhes um certo ar de eternidade. Este é o sentido da arquitectura popular.”<sup>118</sup>

Nuno Portas distingue, na obra de Távora, “uma fase inicial prevalecentemente polémica, centrada sobre uma procura de autenticidade funcional e a consequente depuração das formas”<sup>119</sup> e uma segunda fase, que alberga o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira e a Casa de Ofir, onde já “é evidente a angustiosa e milimétrica procura de adequação da arquitectura ao homem e à sociedade”<sup>120</sup>, que se traduz na experimentação formal. Segundo Portas o arquitecto estabelece relação da cultura popular, com a arquitectura moderna.

Estas obras respeitam três aspectos: avaliam o contexto geográfico, urbano, antropológico e social; conferem ao espaço interno (interior ou exterior) um papel gerador; e procuram, através de uma atitude reflexiva, a reinterpretação dos programas.

---

<sup>118</sup> TÁVORA, Fernando – **Nulla dies sine linea, Fragmentos de una conversación con Fernando Távora**. *DPA*, nº 14. p.10.

<sup>119</sup> PORTAS, Nuno – **Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional** citado por FERNANDES, Eduardo – **A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola**. p.206.

<sup>120</sup> *Ibidem*.



**18. Mercado Municipal de Santa Maria da Feira (1953 - 1959)**

## 1. O Mercado Municipal de Santa Maria da Feira: 1953 - 1959

O Mercado Municipal, projectado por Fernando Távora em 1953, com construção em 1959, localiza-se na Rua dos Descobrimentos, perto do Castelo, em Santa Maria da Feira, e foi encomendado directamente pela Câmara Municipal ao arquitecto.<sup>121</sup>

O Mercado assenta num terreno de forma quadrangular, de cinquenta por cinquenta metros, mais precisamente na ilharga da rua, que desce até à zona baixa da cidade, onde se realiza a feira mensal. O projecto é todo desenhado segundo uma linguagem austera, com o recurso a materiais e pormenores racionalistas.

Apoia-se numa plataforma expressiva, que se eleva relativamente à rua (imagem 18), sendo assim evidenciado o bloco principal do conjunto, que protege e resguarda o Mercado. Desenhando esse embasamento de granito, que se encontra à face, (imagem 18) Távora seguiu o alinhamento já existente das construções envolventes, criando uma zona intermédia entre o passeio e a galeria de lojas. Desta forma, o mercado não se impõe ao pré-existente, mas integra-se de forma harmoniosa. Por um lado modela-se no espaço, por outro mantém a distância necessária.

A sua planta é desenhada através de uma modelação quadrada de um por um metros, que serve como base e “comanda a composição e introduz-lhe a sua geometria.”<sup>122</sup>

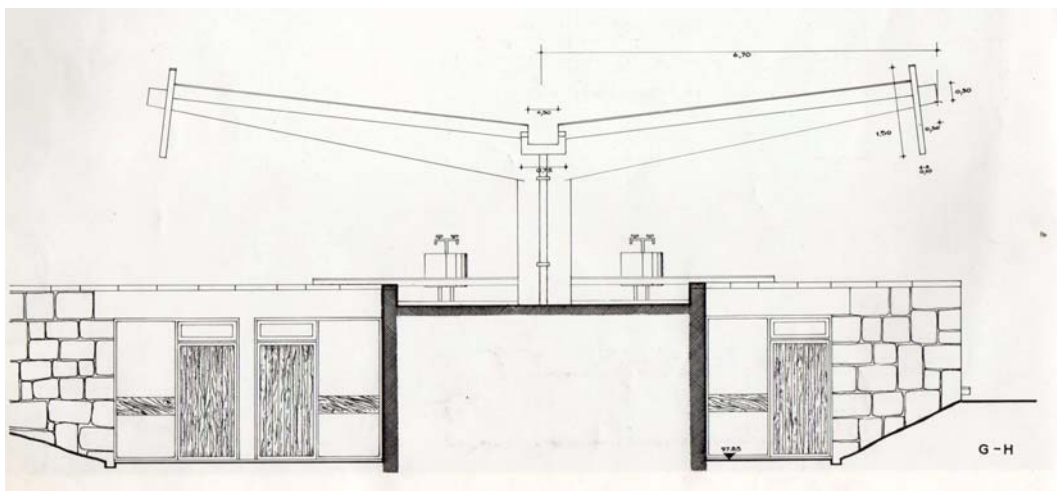
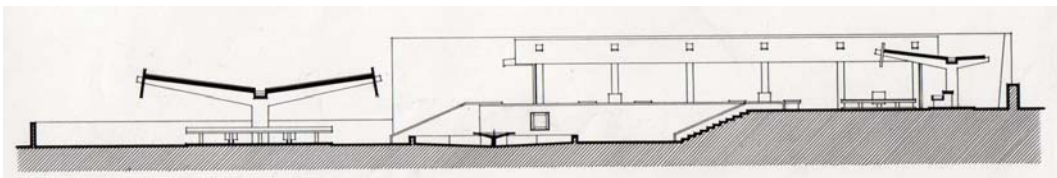
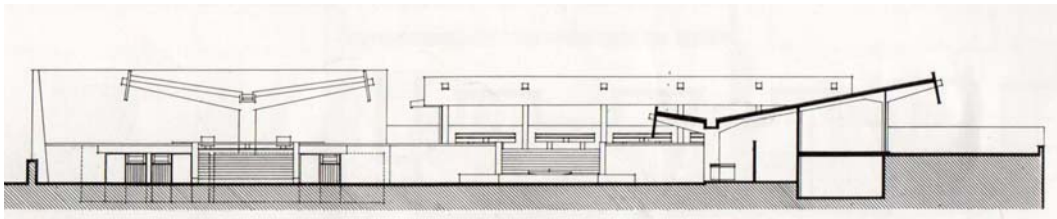
Os blocos apresentam-se bem marcados, uniformes, interligando e relacionando os diferentes espaços através de uma linguagem e de um desenho semelhantes. A horizontalidade do edifício marcada com a platibanda, juntamente com o ritmo e a modulação do pavimento (sempre uniforme), tratam o espaço como um só, relacionando as diferentes áreas do Mercado. Já a diferenciação de cotas que organizam as entradas, níveis e escadarias, acabam por trazer uma vida e uma dinâmica de apropriação de espaço (imagem 19).

Desta forma podemos afirmar que o projecto tem tanto de estável e robusto como de dinâmico e permeável.

---

<sup>121</sup> Fernando Távora trabalhou neste projecto com Alberto Neves, Álvaro Siza Vieira e Fernando Lanhas.

<sup>122</sup> TÁVORA, Fernando – **Mercado Municipal de Vila da Feira, 1953-1959**. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.60.



19. Cortes e Pormenor de Corte do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira

O seu desenho espacial, mais tradicional, é composto por quatro corpos volumetricamente diferentes que se encontram à volta de um espaço central e que ocupam dois níveis distintos, ligados por duas escadas, aproveitando a morfologia do terreno, mas sempre de forma subtil, à escala humana.

“Quatro corpos, três dimensões semelhantes (A, B, C) e um de menores dimensões (D), separados por manchas de verdura ligados pelos caminhos de peões, constituem a parte edificada do Mercado (...). Uma faixa contínua de vegetação (2,00 m de largura) limita por três lados o terreno do Mercado e árvores, arbustos, relvado e flores desempenharão no conjunto um notável papel de beleza e utilidade.”<sup>123</sup>

Os quatro blocos são de estrutura elementar de betão, de coberturas e planos inclinados. As coberturas são marcadas com fecho no topo, através de uma peça de protecção solar, que remata as vigas em dupla consola, que estão encastradas nas colunas centrais e estruturantes.

Os pavilhões norte e poente encontram-se na plataforma superior, enquanto o pavilhão sul ocupa a plataforma inferior. O pavilhão nascente encontra-se recuado, o que permite criar um espaço de entrada de escala apropriada, com o devido afastamento que cria uma transição subtil dos dois espaços distintos: a zona de passeio e a de convívio.

Anula o princípio moderno de escala monumental, que cresce e se impõe ao Homem, permitindo que as pessoas se sintam à escala. Todos os espaços se respeitam mutuamente, tal como o todo o faz com a envolvente, respirando entre si e nunca se sobrepondo.

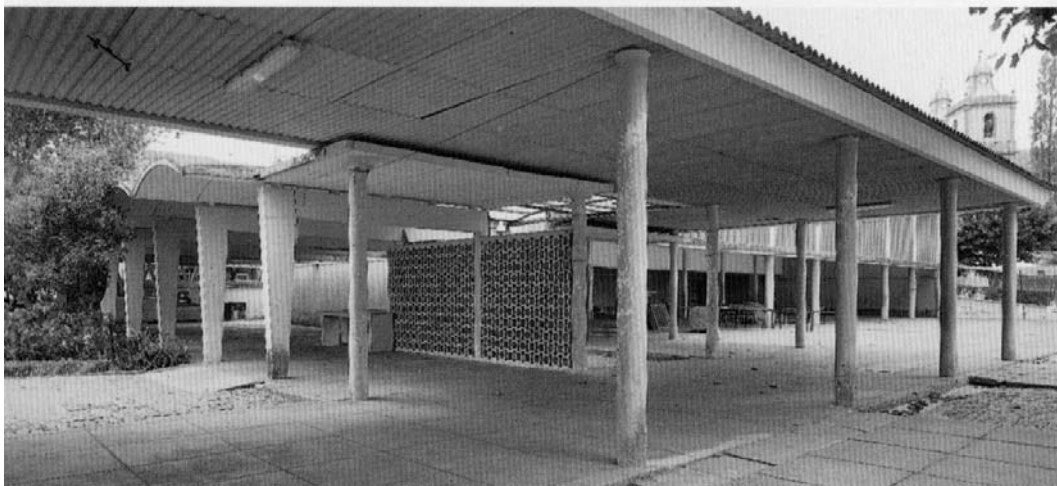
Relativamente a referências formais, é de notar que a forma como dispõe os blocos no terreno, apropriando-se do declive do mesmo, revela conhecimento da arquitectura nórdica, com especial influência de Alvar Aalto.

Todo o espaço é marcado por um conjunto de coberturas “em borboleta”. Estes elementos relacionam os diferentes blocos, “flutuando” sobre o terreno, abrigando as correntes de lojas. Apesar do espaço ser claramente exterior, é tratado com intimidade doméstica, de forma a criar um ambiente mais familiar e acolhedor.

---

<sup>123</sup> TÁVORA, Fernando. Ante-projecto, 8 de Setembro de 1954. In **Fernando Távora Modernidade Permanente**. p.224.





20. Comparação do Mercado de Ovar (em cima) com o Mercado de Vila da Feira (em baixo)

Esta característica está presente no Mercado de Ovar (1955) de Januário Godinho<sup>124</sup> (imagem 20), onde também é aplicada a cobertura em borboleta, de inspiração brasileira ou japonesa, que permite a interligação dos espaços, pois rejeita o conceito de parede. O arquitecto cria uma sucessão de espaços que se mantêm abertos ao percurso. Acredito que Fernando Távora tenha tido influência no mesmo.

Kenneth Frampton<sup>125</sup> defende que podemos referir a inspiração subtil a culturas mais exóticas, associadas a uma monumentalidade pré-colombiana no jogo dos planos inclinados da cobertura.

Por fim, também a inspiração em Le Corbusier está presente no jogo de águas invertidas e na aplicação de *brise-soleil* das coberturas (imagem 19).

O espaço central é marcado por uma fonte de desenho simples com um banco octogonal que desenha o seu perímetro (imagem 21), incentivando o convívio social, desenhado como uma praça e um espaço de encontro. É de notar que o encontro e a colectividade popular é algo a que o Estado Novo sempre fez frente, tornando este Mercado uma obra subversiva do mesmo, tal como a sua obra teórica dos anos quarenta.

“Implantar um mercado num quadrado de 50 por 50 metros. Corpos vários, com sentido protector, distribuem-se formando um pátio. Não apenas um lugar de troca de coisas, mas de troca de ideias, um convite para que os homens se reúnam.”<sup>126</sup>

Desta forma, o objectivo do arquitecto é elevar o conceito de mercado, procurando que este espaço não seja apenas um lugar de trocas comerciais, mas também um lugar de troca de ideias, desenhando todo o projecto de forma a potenciar o encontro e o convívio social. A concepção espacial liberta-se do espírito moderno e procura ser mais integradora da envolvente, sendo evidente a preocupação do espaço público e da relação vendedor/comprador.

Segundo Walter Rossa o conceito de mercado está interligado com o conceito de praça, sendo considerados sinónimos no dicionário de língua portuguesa. Penso que neste projecto esta observação é muito pertinente e resume o conceito impulsor deste espaço em Vila da Feira.<sup>127</sup>

---

<sup>124</sup> Arquitecto português (1910 - 1990).

<sup>125</sup> Arquitecto americano (1930).

<sup>126</sup> TÁVORA, Fernando. Disponível na internet: <http://www.rupturasilenciosa.com/#Mercado-St-Maria-Feira>

<sup>127</sup> ROSSA, Walter citado por MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral – **Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal.** p.241.



**21. Espaço central do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira**



Relativamente à materialidade, procurou materiais que convivem bem com o exterior e que são duradouros e resistentes. Relaciona a modernidade e a tradição, fazendo-os conviver de forma harmoniosa nos usos e costumes do programa e nos subtis pormenores, em diversas soluções espaciais. Assim, usa desde materiais modernos a tradicionais. Na sua estrutura base recorre ao betão e ao granito (com cor arrojada, como o vermelho nos tectos) e fontes lintéis perpendiculares às lajes de cobertura. Desta forma anula a agressividade do seu desenho e dá um sentido minimal brutalista ao espaço, com caleiras tratadas de forma expressiva, deixadas à vista. Em pormenores aplica materiais cerâmicos, atribuindo um carácter mais tradicional. A aplicação dos azulejos aparece de um modo mais consistente que noutras obras.

A título de curiosidade, existe uma composição de pequenos mosaicos com o desenho de um galo, desenhados por Álvaro Siza: “ (...) Aplicação quase literal dos princípios de Le Corbusier na qual, com ingenuidade, o forro dos azulejos “à Porto” vinham substituir uma integração que o seu autor não podia fazer.”<sup>128</sup>

Como em todas as obras, o projecto não pode ser analisado de forma individual, sendo necessário ter em conta o percurso do arquitecto até à data, tanto do ponto de vista prático como teórico. Nesta obra podemos reconhecer a plena concretização do que escreveu nos anos anteriores. Antes a sua obra prática não conseguia seguir em conformidade os princípios que propunha teoricamente, algo que é facilmente perceptível nos seus primeiros trabalhos.

“O projecto do Mercado de Vila da Feira surge como parte de uma sequência de textos e obras que com notável persistência e coerência procuram definir ou balizar um conjunto de problemas, contributos parcelares mas interligados que concorrem para a formação de um ponto de vista sobre a arquitectura enquanto perspectiva necessária à apropriação de um património ou de uma tradição.”<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> PORTAS, Nuno – **Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional**. p.12 citado por FERNADES, Eduardo – **A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola**. p.121.

<sup>129</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**.



## 22. Relação dos blocos de Mercado com o espaço central

Este projecto não aparece antes do seu discurso teórico, funcionando como base, nem depois do seu discurso teórico, funcionando como confirmação. Surge num momento crítico do seu processo e da sua evolução como arquitecto, com ideias próprias. O Mercado é uma continuação, sendo um espelhar natural do seu desenvolvimento pessoal.

Fernando Távora aplica as três ordens de que já havia falado anteriormente:

- A terra e o Homem condicionam o espaço;
- A importância do estudo da arquitectura popular portuguesa;
- O potencial da arquitectura moderna e os jogos que se podem fazer com os seus princípios.

Esta obra é o reflexo do meio português em que se vivia. Tem como principal preocupação o espaço em que se insere, reflectindo um estudo prévio do clima, da exposição solar e dos materiais da região. A forma como se abre para o exterior, como se protege da incidência solar e como trata a envolvente, só poderia conjugar-se com aquele terreno, com aquela cidade. Tem um carácter de apropriação espacial que denota uma primeira abordagem conceptual, só depois pondo em prática e desenhando a forma.

O desenho do Mercado vem marcar como este espaço deve ser ocupado, e apoia-se nessa mesma vivência. Com preocupações funcionais e de espaço de serviço à população, tentando retomar o espaço de mercado, como algo que transcende a compra e venda de produtos, é o sítio onde as pessoas se reúnem. Segundo Sérgio Fernandez o Mercado “só tem pleno significado quando apropriada pelos utentes.”<sup>130</sup>

A modernidade expressa-se de forma clara na qualidade e na relação com o espaço. Aqui, o arquitecto lança as gésenes de identidade da Escola do Porto. Embora o edificado remeta para a arquitectura moderna, a sua organização espacial liberta-se dos princípios apreendidos nos CIAM, de forma a propor uma nova leitura privilegiando o Homem e a maneira de como este se relaciona com o espaço que o rodeia, “O Mercado não prescinde do movimento das pessoas, da formação dos grupos, da disposição dos artigos à venda, do público que surge dos quatro lados, de baixo ou de cima.”<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> FERNANDEZ, Sérgio – **Percorso, Arquitectura Portuguesa de 1930-1974**. p.126.

<sup>131</sup> TÁVORA, Fernando.



**23. Zona de bancas do Mercado**

É importante salientar como “no Mercado da Feira propõe o desenvolvimento do espaço segundo diversas plataformas que tendem já a estabelecer uma ligação orgânica (...) visão do “utente”, do homem comum, já não o homem ideal, “moderno”, que povoa as plataformas monumentais.”<sup>132</sup> Aqui é também clara a relação do Mercado com o estudo do Inquérito. Tendo Fernando Távora ficado com a zona do Minho e Alto Douro, podemos encontrar relações na arquitectura deste projecto com alguns apontamentos dessa região.

É um edifício de forte geometria, horizontalidade, sempre muito fluído e permeável. Tem uma forte presença espacial, mas preocupado com a linha da paisagem e vegetação envolvente. Também as barragens do Alto Douro têm estas características, muito robustas e de linhas geométricas, mas sempre integrando-se na paisagem, nunca sobrepondo-se ou “escondendo” a sua envolvente natural. O uso do granito neste projecto também pode ser relacionado com as inspirações da arquitectura do Minho. Trata a obra como paisagem, modelando o terreno de forma cuidadosa e subtil, e não como um bloco de betão, que marca o terreno e se impõe à envolvente.

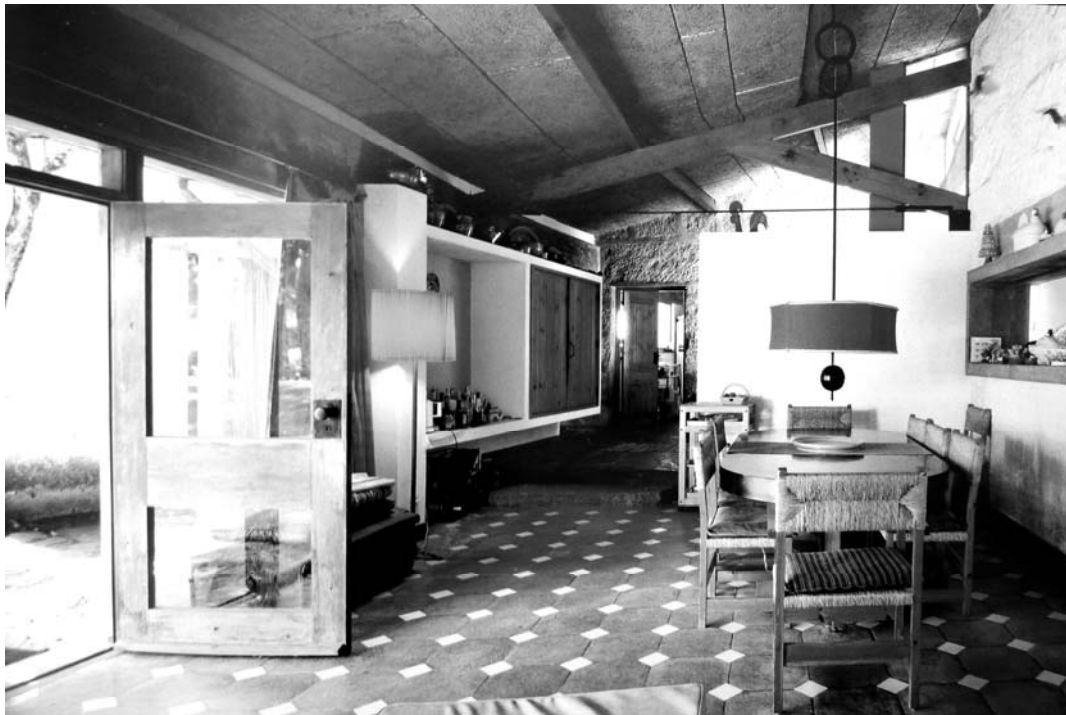
“Recusando realizar um “edifício”, Fernando Távora atreve-se em “especializar” um pouco do espaço urbano, aliás, já bem comprometido por toda a zona nova e necessitando de tirar partido da interioridade do lote, resolveu sempre uma gama de aberturas que trazem ao interior a presença monumental da Vila e do Castelo (...).”<sup>133</sup>

Mais tarde, Nuno Portas afirmará que esta obra transcende o panorama da arquitectura portuguesa e coloca-a entre as obras-primas da arquitectura europeia dos anos cinquenta. Afirmou que é evidente o jogo de contradição moderno/tradição, com uma tensão na dualidade de integração e ruptura, entre espaço interno e sítio, percurso e pausa, tecnologia e tradição. Sendo assim, é a sua obra mais tensa, e por isso mesmo mais rica, marcando a passagem da arquitectura moderna para o racionalismo crítico.

---

<sup>132</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.133.

<sup>133</sup> PORTAS, Nuno – **Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional**. Revista Arquitectura, nº71, 1961. p.16.



24. Casa de Ofir (1957)

## 2. A Casa de Ofir: 1957

“ (...) No caso presente desta habitação construída no pinhal de Ofir, procuramos, exactamente que ela resultasse num verdadeiro composto e, mais do que isso, num composto no qual entrasse em jogo uma infinidade de factores, de valor variável, é certo, mas todos, todos de considerar. Isto é, contra o caso infelizmente normal entre nós de realizar misturas de apenas alguns factores, tentou-se aqui um composto de muitos factores. Não é fácil, por certo, enumerá-los a todos, dada a sua variedade e o seu número, nem é fácil enunciá-los por ordem de importância.”<sup>134</sup>

A casa de férias<sup>135</sup>, projectada por Fernando Távora em 1957 e com construção no ano seguinte, localiza-se no Pinhal de Ofir, entre o rio Cávado e o mar, mais precisamente em Esposende. Foi encomendada por Fernando Ribeiro da Silva.

O arquitecto refere-se a um “composto”, pois não existe apenas coerência nos espaços internos da habitação. Há também uma coerência espacial, na forma como esta se relaciona com o espaço e a paisagem envolventes, juntamente com uma preocupação e coerência temporal e regional, no uso das técnicas construtivas e na escolha dos materiais aplicados.

Segundo Álvaro Siza esta obra “não é mais do que outra chaminé entre luminosas e essenciais construções do litoral minhoto”<sup>136</sup> e “pouca gente foi sensível na época ao facto de que aqui se utiliza uma estrutura espacial moderna e nórdica”.<sup>137</sup>

A obra integra-se de forma serena na paisagem e na tradição do local onde se situa, algo que Távora defende e confirma no Inquérito. Apesar da sua audácia no uso dos princípios da arquitectura moderna, esta foi desvanecida pela sua forma e pelos materiais, mais tradicionais.

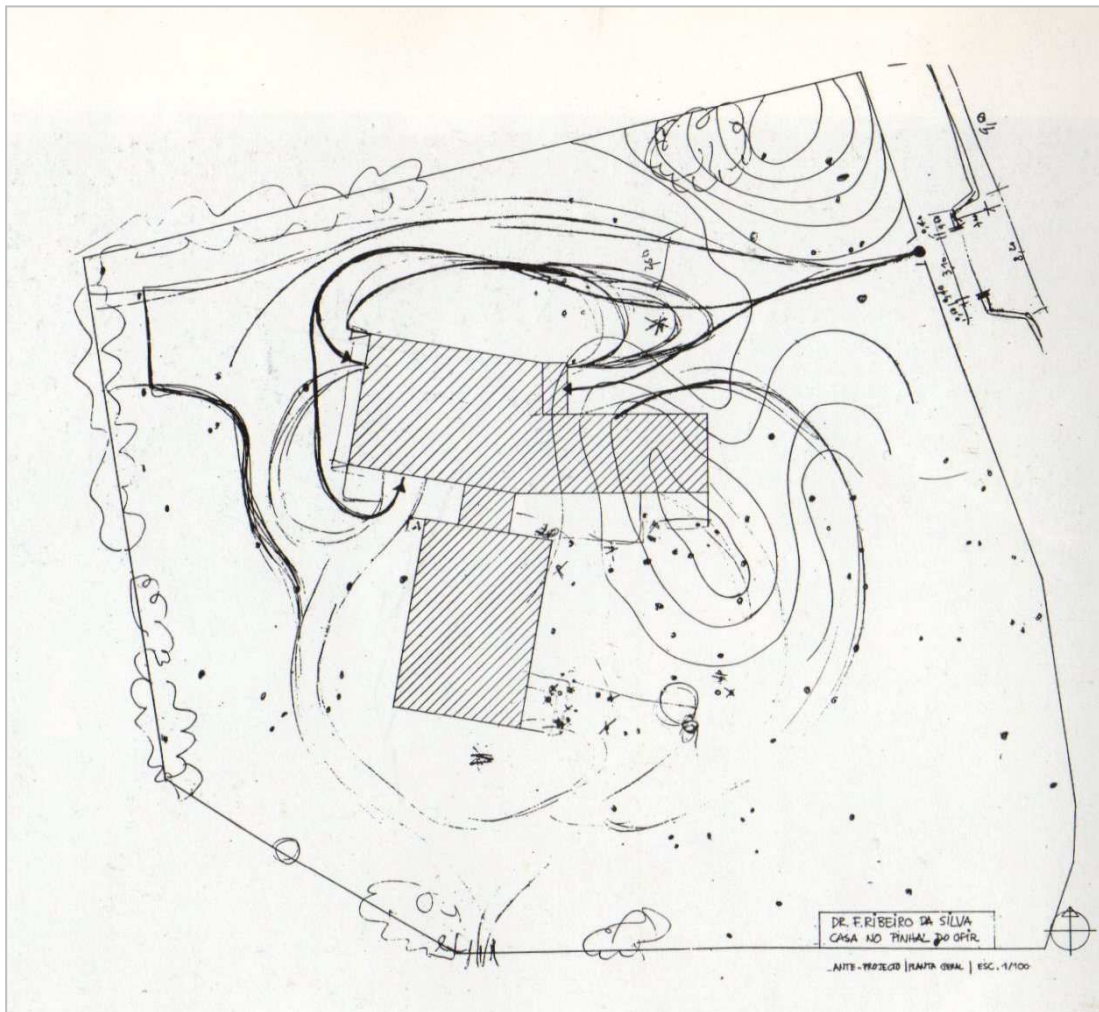
---

<sup>134</sup> TÁVORA, Fernando citado por TRIGUEIROS, Luiz – **Casa de Férias, Ofir, 1957-1958**. In TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.78-80.

<sup>135</sup> Casa Dr. Ribeiro da Silva (Casa de Ofir).

<sup>136</sup> TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. p.24 citado por FERRÃO, Bernardo – **Tradição e Modernidade na Obra de Fernando Távora 1947/1987**.

<sup>137</sup> Tem como referência Alvar Aalto.



25. Planta da Casa de Ofir



A casa surge implantada no centro do lote, procurando organizar os seus espaços em redor, enquanto se distribui pelo terreno (imagem 25).

Tem como princípios a sobriedade e a clareza formal. Estas preocupações são conseguidas através da separação funcional da casa, com o recurso a diversos volumes, que se lêem do exterior.

Usando o módulo, e mantendo-os independentes, procura a simplicidade orgânica, e a geometrização da planta, apenas com subtis inflexões. Obtém desta forma um desenho limpo e linear do espaço interno, que é reforçado pelo corredor longitudinal que o acompanha.

Apesar do seu carácter tradicional, joga com a modernidade – com que tem tido contacto nos últimos anos – tirando partido das recentes evoluções construtivas, recorrendo às mesmas na aplicação de grandes vigas de betão aparente. Desta forma sustenta a cobertura sobre as zonas de abertura da habitação, que se relacionam de forma directa com o pátio.

O corpo principal sofre uma torção, de desenho em “L”, permitindo abrir mais a casa ao exterior, procurando uma ligação com a paisagem que a rodeia. As paredes estruturais são ligeiramente recuadas, relativamente à cobertura em telha, permitindo um espaço coberto e resguardado, criando uma zona de convívio.<sup>138</sup> O cuidado remate do telhado, junto das empenas, permite soltá-lo da parede estendendo-o sobre o espaço exterior, delimitando o recinto côncavo do pátio.

A chaminé apresenta-se como outro volume saliente, procurando se distinguir tanto em forma, como em cor (a chaminé é ocre e a casa branca), do resto da habitação (imagem 28). A forma pura e texturada da chaminé: “recusa a exuberância de sentido mundano das formas e que radica na vontade de exploração do vernáculo”. O volume não toca no solo, criando uma ilusão de suspensão relativamente ao terreno, que constitui um ponto simbólico de prenúncio do conforto interior.

Esta casa destinava-se a uma família numerosa, que procurava informalidade no uso quotidiano do espaço. Daí a organização da planta revelar tanto o carácter funcionalista pragmático do arquitecto, com uma forte preocupação da rotina familiar do cliente, principalmente na distinção dos espaços de uso doméstico e de serviço.

---

<sup>138</sup> Este espaço marca, de forma clara, a transição do exterior/interior e do público/privado, conceito que Távora valoriza. Assim, a privacidade da casa e do jardim é conseguida de forma a procurar o conforto do Homem, como utilizador do espaço.



**26. Janelão no interior da sala de estar, Casa de Ofir**

Os serviços estão funcionalmente organizados numa das extremidades da casa. O espaço da copa assegura a transição subtil entre a cozinha e a sala, separando as duas zonas e ajudando na distribuição das diferentes áreas de serviço.

É preciso salientar que a organização da planta (tripartida) parece sacrificar o funcionamento, procurando um ideal de percurso. A zona de entrada separa a zona de refeições da cozinha, o que contraria as lições apreendidas no Inquérito, pois a cozinha é relegada para um corpo de serviços, com carácter notoriamente secundário, relativamente aos outros dois sectores de convívio e repouso.

A demarcação de diferentes zonas assume um protagonismo no desenho da casa: zona privada a sudoeste, que se articula com a zona de serviços, para onde abrem as estreitas janelas dos sanitários; zona de sociabilidade doméstica a sudeste, contida pela duna artificial que modela o terreno. As zonas de serviços e de recepção a norte organizam os acessos às entradas da casa e à garagem, resguardada.

Na área de estar procura a paisagem, com uma implantação privilegiada, abrindo-a para a vista do pinhal, que se desvanece no terreno. É nos espaços de convívio social que o arquitecto procura as melhores vistas, relação com o exterior e incidência solar. No interior do espaço, o arquitecto revela a estrutura das asnas e vigas de madeira, puramente tradicionais.

O pavimento da casa é em tijoleira e peças de granito. O telhado inclinado permite conter o espaço interior, de forma a torná-lo mais doméstico e confortável. Desta forma transformou a sala numa espécie de “abrigo”, apesar do grande janelão (imagem 26).

Na área de refeições existe um destaque na parede de abertura da zona de sala de jantar, funcionando como um plano abstracto, que confere espessura e densidade a este elemento.

A parede estrutural de pedra é rebocada e pintada pelo exterior, só assumindo a sua verdadeira materialidade no interior da casa. As asnas de madeira, que referi anteriormente, têm um desenho moderno, e os tirantes metálicos estão à vista. As vigas de betão que sustentam a cobertura são deixadas à vista nos alçados que se viram para o espaço exterior principal e enfatizam o seu remate no encontro com as paredes portantes. Os elementos a madeira são assumidos, tal como no interior, e contrastam com o betão.



**27. Maison Louis Carré (1957 – 60), Casa de Ofir e Igreja de Ronchamp (1950 - 55)**

A laje plana que articula os telhados inclinados dos dois volumes distintos é assumida, sem qualquer preocupação. O arquitecto demonstra uma clara vontade de expressar o sistema construtivo aplicado e a materialidade da obra, algo que está presente em toda a casa.

Os quartos surgem ligeiramente segregados e resguardados, através de um corredor, que dá acesso ao espaço de dormir e as instalações sanitárias que o apoiam.<sup>139</sup> O quarto, que diz respeito à zona de serviço, tem uma localização e orientação cuidadas, que permitem a abertura para um espaço exterior próprio, afastando-o dos restantes.

Relativamente à forma, com a sucessiva automatização dos corpos, podemos reconhecer influências nórdicas, como em casas de Alvar Aalto (imagem 27).

Esta Casa também revela conhecimento da obra de Le Corbusier. As janelas na fachada poente aparecem como rasgos verticais, aplicadas de uma forma pouco convencional. A espessura da parede é realçada e exibida num remate que não é em ângulo recto, como seria habitual, mas que tem uma inclinação, que varia, em cada abertura. A parede parece adelgaçar-se até à espessura da janela reflectindo uma intenção compositiva na fachada, mais abstracta. Em última instância conseguimos relacionar este dinamismo livre da fachada com o abstracionismo e cubismo da Igreja de Ronchamp (1950 - 55) (imagem 27).

Posteriormente podemos associar este jogo de aberturas com as Quatro Casas de Matosinhos (1954 - 57) projectadas por Álvaro Siza, que trabalhou com Fernando Távora no seu *atelier*.

O arquitecto sintetiza todas as problemáticas arquitectónicas dos anos cinquenta nesta obra. Declara, fisicamente, o início da identidade da arquitectura em Portugal, demonstrando princípios tradicionais – que procurou estudar anteriormente na Terceira Via – pondo em prática o seu apego pela arquitectura nacional e o seu gosto por trabalhar as tradições portuguesas, revelando toda a informação que adquiriu nos CIAM.

Estas características levaram-na a ser descrita no ano da sua apresentação, na revista *Arquitectura*, como uma casa “ (...) tão próxima do espírito dos melhores exemplos da arquitectura espontânea da região, não deixando por isso de oferecer os requisitos de uma moderna casa de férias.”<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> As casas de Caminha e a de Alves Costa têm uma planta semelhante, relativamente à disposição dos quartos.

<sup>140</sup> *Revista Arquitectura*, 1957. p.68. Foi a primeira obra portuguesa pública na revista.



**28. Pormenor da chaminé da Casa de Ofir**

Tendo sido a sua primeira obra após o Inquérito,<sup>141</sup> este teve grande influência no desenvolvimento do projecto. Procurou utilizar materiais simples e tradicionais, mas aplicando-os de uma forma distinta, à luz da arquitectura moderna, que até à data estava rotulada apenas com materiais contemporâneos como o betão: “Teve resposta imediata e directa [o Inquérito] na Casa de Ofir que é uma tentativa de utilização de materiais simples para fazer arquitectura moderna.”<sup>142</sup>

Procurou enunciar a arquitectura que se praticava no Norte de Portugal, articulando-a com uma preocupação mais regionalista. Tentou conciliar o vernáculo e o moderno, de uma forma única, apresentando uma linguagem própria, que não é totalmente seguidora do estilo internacional, sendo “um dos grandes exemplos da arquitectura contemporânea em Portugal.” Assim simboliza o encontro entre a modernidade e a tradição, com uma crítica ao movimento moderno, que estava a surgir em Portugal no círculo dos arquitectos, influenciados pela arquitectura internacional.

O Inquérito permitiu ao arquitecto alcançar a síntese formal. Revela o estudo das “casas de lavoura”, analisadas no mesmo, de implantação livre: “Oferecendo ao Sol as faces mais vivas e abertas, deixando para o caminho público a ilharga do coberto, ou a fachada da casa devastada pelas intempéries, onde se destacam as minúsculas janelas dos quartos e o largo portão de acesso ao quinteiro.”<sup>143</sup>

É uma obra de referência no seu espólio de casas, mas, infelizmente, hoje em dia está em degradação, desde que sofreu um incêndio há uns anos.

“A Casa de Ofir, como é conhecida, é mais um ícone da Arquitectura Contemporânea em Portugal. Estudada e admirada por gerações sucessivas de arquitectos, historiadores e estudiosos da cultura da pedra, é seguramente e porventura a par com o Pavilhão da Quinta da Conceição em Matosinhos, um dos melhores exemplos do período posterior ao “Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa.”<sup>144</sup> Assim, a obra foi classificada como Monumento de Interesse Público (MIP) com o intuito de protegê-la da deterioração que tem vindo a sofrer ao longo dos anos.

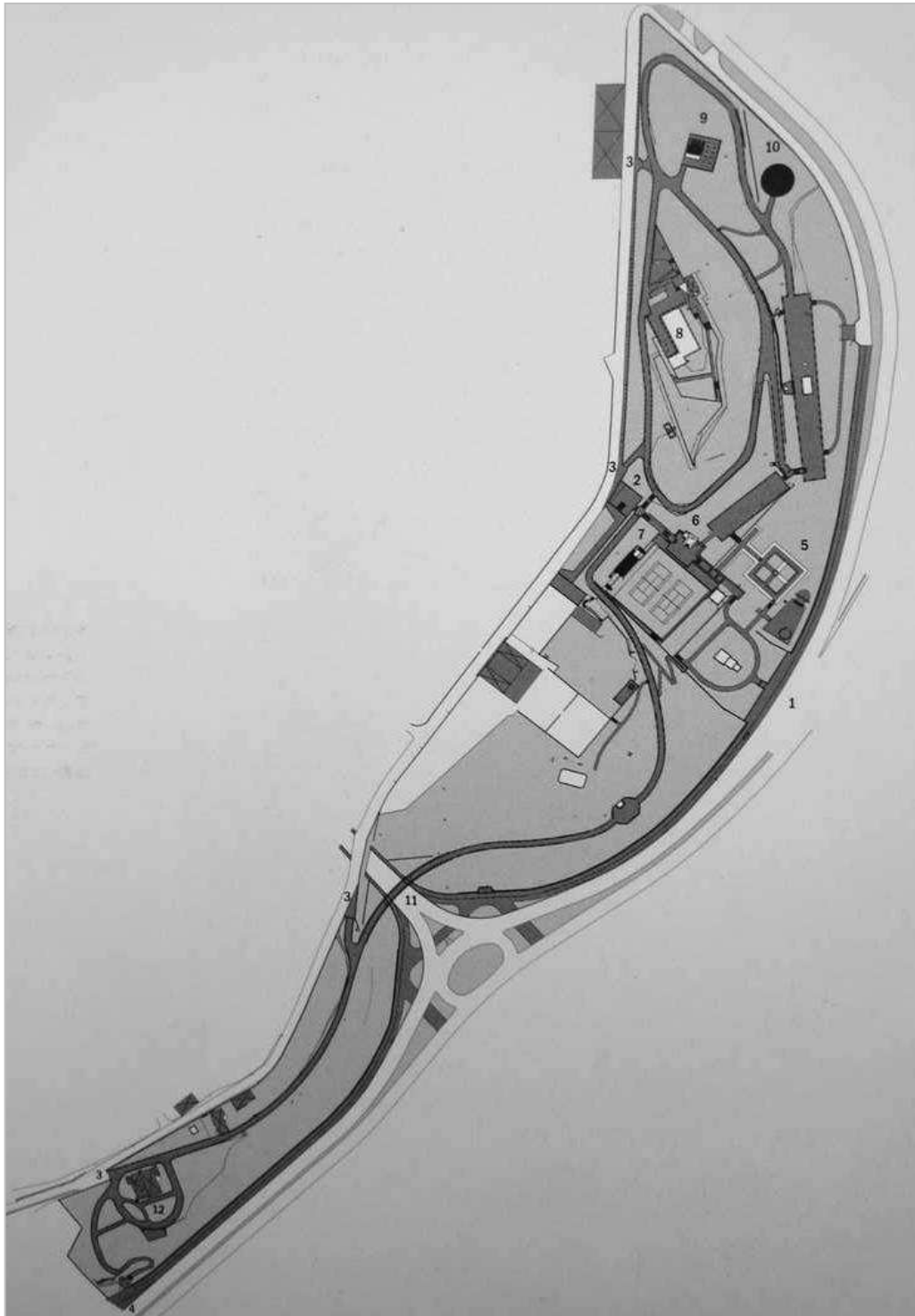
---

<sup>141</sup> Na Casa do Cedro (projecto anterior), Fernando Távora começa a traçar os caminhos que depois o levam a desenhar a Casa de Ofir. Só nesta última consegue ligar a teórica à prática.

<sup>142</sup> TÁVORA, Fernando – **Conversaciones en Oporto**. *Revista Arquitectura*, nº 261, Madrid, 1986. p.22.

<sup>143</sup> Em SNA, *Arquitectura Popular em Portugal*.

<sup>144</sup> Citação da apreciação da reunião de 25 de Julho de 2012 da Secção de Património Arquitectónico e Arqueológico (SPAA) do Conselho Nacional de Cultura (CNC).



### 29. Planta da Quinta da Conceição (1958 - 60)

1. Entrada principal; 2. Acesso ao pátio vermelho; 3. Acesso de carruagens; 4. Entrada principal da Quinta de Santiago; 5. Claustro; 6. Capela; 7. Pavilhão de Ténis; 8. Piscina; 9. Esplanada; 10. Parque infantil; 11. Ponte pedonal que liga as duas quintas; 12. Casa da Quinta de Santiago



### 3. O Parque Municipal da Quinta da Conceição e Pavilhão de Ténis: 1956/58

“A arquitectura [de Fernando Távora] surge-nos, através da história, como a presença do homem na natureza, transformando-a, é certo, mas igualmente nela se dissolvendo. As sucessivas sobreposições, as estratificações que ao longo do tempo parecem fixar os lugares, constituem uma trama geográfica intrincada em estruturas formais exteriores ao tempo.”<sup>145</sup>

Em 1956 foi encomendado a Fernando Távora, pela Câmara de Matosinhos, o projecto da Quinta da Conceição, que durou até 1960, onde trabalhou juntamente com alguns colaboradores: José Pacheco, Álvaro Siza, Alberto Neves, Francisco Figueiredo (que se focou no parque) e Vasco Cunha, que colaborou no desenho do Pavilhão de Ténis. O espaço tinha sido inicialmente o Convento da Nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco, construído em 1481, abandonado durante trezentos anos e depois vendido em 1834.<sup>146</sup>

O arquitecto refere que desempenhou o papel de “padre prior do convento”, descrevendo que a concepção da obra teve um cariz muito familiar e espontâneo. Durante o projecto foi “passeando pelo parque”, enquanto tomava decisões e ia dando ordens aos construtores e jardineiros que se ocupavam da obra.

Enquanto que nas duas obras referidas anteriormente o arquitecto parte do terreno como uma página em branco, aqui tem que lidar com o pré-existente e é nesse jogo de incorporar o novo traçado do século vinte, com o desenhado cinco séculos antes, que transmite riqueza e subtilidade ao espaço. É na contradição da pequena capela, ou do que restava do claustro com o novo Pavilhão de Ténis, que advém a dificuldade de obter a harmonia de dois traçados, que distam em quinhentos anos.

Existe nesse desenho uma cuidada relação com o lugar, com a preocupação em conjugar a topografia e a obra com a paisagem. É notória a sensibilidade na leitura do espaço que levou ao projecto, presente na articulação subtil que criou entre os percursos e os momentos de estar ao longo da Quinta.

---

<sup>145</sup> MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral – **Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal**. p.232.

<sup>146</sup> Do antigo Convento permanecia: o claustro, alguns chafarizes, um portal manuelino e a capela de São Francisco, onde se encontra sepultado Frei João da Póvoa.



### 30. Quinta da Conceição

É clara a preocupação de Távora em respeitar o passado da Quinta. O seu desenho principal incluiu a marcação de um eixo principal de percurso, com diferentes níveis que conduzem ao Pavilhão de Ténis, que serve de remate do mesmo. Reconstroí elementos pré-existentes, como o portal monástico de estilo manuelino e divide o terreno de forma a libertar espaço para a futura piscina a norte, com que Siza se ocupará futuramente. Além de elementos estruturais de implantação, também introduz sebes, bancos e caminhos secundários, que fazem a transição entre o passado e o presente. Um exemplo desse gesto é o banco de pedra circular que projecta na base do percurso principal, desenhado com uma abertura fiel ao eixo principal, mas orientado no sentido dos percursos pré-existentes. Este é um dos tantos exemplos em que Fernando Távora revela um cuidado respeito pela história da Quinta.

Mas, contrariamente a esta harmonia do elemento anterior, também existe no desenho do parque alguns pormenores atípicos na sua obra onde o “respeito” do traçado é substituído por momentos de tensão. A escadaria de articulação entre a “alameda vermelha” e a “alameda amarela” cria um desses momentos de “choque” no percurso. Esta tensão é provocada pelo encontro de dois desenhos ortogonais distintos, diferentes cores e na relação directa entre os muros e a natureza. Contrariamente à Casa de Ofir, onde a premissa da casa diluída no terreno é sempre respeitada, neste espaço existe propositadamente um choque entre o jardim pré-existente e a obra humana.

Há inspiração na arquitectura minimalista nos jardins de Luis Barragan<sup>147</sup>, na sequência espacial dos muros e muretes coloridos de rosa e amarelo (imagem 30). Como já verificámos noutras obras, existem influências japonesas, muito comuns nas vanguardas da Europa. Articula-as com a arquitectura popular portuguesa, sempre presente nos seus projectos.

Alguns anos mais tarde, Távora é de novo chamado a trabalhar na Quinta, elaborando um projecto que visa criar um percurso pedonal, ligando esta à Quinta de Santiago.

---

<sup>147</sup> Arquitecto mexicano (1902 - 1988) que também trabalhou com a abstracção moderna face à memória dos espaços.



**31. Quinta da Conceição**

O Pavilhão de Ténis foi projectado em 1958 e insere-se na Quinta da Conceição, tendo como objectivo apoiar o campo de ténis. Demonstra a juventude do arquitecto, que conjuga o que há de novo com os seus valores, “debatendo-se entre a realidade e o sonho, o local e o internacional, o modelo e a história.”

“Devo dizer que há muitas obras que fiz e de que não gosto porque foram realizadas com pressa (o tempo é bom conselheiro) ou porque o meu momento ou as condições não eram favoráveis, mas vejo-as sempre com muita saudade como acontece com as mulheres outrora amadas. O Pavilhão de Ténis é uma das obras de que ainda gosto (...) O problema que se colocava era o de marcar o parque com um edifício, criando ali um objecto dotado de presença, que afirmasse o eixo dos campos de ténis e que servisse como ponto de referência.”<sup>148</sup>

O Pavilhão tem como fim rematar o percurso do parque, acabando por ser um ponto de referência: “criando ali um objecto dotado de presença, que afirmasse os eixos do campo de ténis e que servisse de referência, tal como acontece com a piscina de Siza”.<sup>149</sup> Esta é uma das suas obras mais queridas, porque marca uma fase importante na sua obra prática. É-lhe dada total liberdade; liberdade esta de que ele tira proveito, passando uma mensagem e uma ideia inovadoras para a arquitectura de então.

O edifício resolve-se numa só água, apoiada numa única viga transversal de betão, que distribui o seu peso em quatro pilares de granito monolítico, que irrompem a parede branca de fecho a norte. Esta forma quase neoplástica de tratar o desenho do edifício é algo já experimentado no resto da Europa, como em Alvar Aalto na Finlândia, James Stirling em Inglaterra e Gian di Carlo em Itália.<sup>150</sup> Podemos reconhecer diversas referências neste edifício.

“É possível que no telhado angular e flutuante do Pavilhão de Ténis se ouçam os ecos da Casa Taliesin West (...) e da Maison Carré (...)”<sup>151</sup> (imagem 33)

---

<sup>148</sup> TÁVORA, Fernando – **Desenhos de Viagens. Projectos.** citado por Correio do Porto(2011). Disponível na internet: <http://www.correiodoportu.pt/cultura/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao>.

<sup>149</sup> TÁVORA, Fernando – **Catálogo da exposição.** Lisboa: CCB, 1993. p.74.

<sup>150</sup> Alvar Aalto (1898 - 1976), James Stirling (1926 - 1992), Gian di Carlo (1919 - 2005).

<sup>151</sup> CURTIS, William – **Memória e criação: o Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição.** In **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** p.29.

Casa Taliesin West (1937) de Frank L. Wright e Maison Carré (1957) de Alvar Aalto.





32. O Pavilhão de Ténis (1958)

Em última análise é possível fazer uma analogia com o Pavilhão de Mies Van der Rohe<sup>152</sup> em Barcelona (imagem 33), onde o autor aproveitou para explorar novas formas e materialidade.

O piso superior encontra-se “encaixado” no declive, onde propõe um espaço aberto, coberto por uma água de telha prolongada, que acompanha a varanda que se encontra em balanço sobre o pano de granito que define o limite do piso inferior. Não tendo praticamente uso, o seu carácter funcional é muito reduzido, albergando apenas os vestiários, arrumos de apoio e uma tribuna, com vista para o campo de ténis.

Criou um espaço doméstico, mais resguardado, que se estende sob a expressiva pala, que o sombreia. No lintel da cobertura aplicou betão descofrado, recortado e prolongado.

Por cima da guarda da varanda está suspenso um toro grosso de madeira, com uma vertente escultórica, quase decorativa. Segundo William Curtis, este último elemento é uma reinterpretação do movimento De Stijl, nomeadamente a Casa Schroeder de Rietveld (1924).<sup>153</sup> Com influências brutalistas, Távora aplica rigor na composição dos planos, respeitando os materiais e jogando com a escala que varia entre a domesticidade e uma arquitectura mais austera. Este último ponto é dominado de forma indiscutível, com grande equilíbrio formal.

Sendo uma pequena construção, sem uma função clara e uma proposta definida, houve espaço para um ensaio teórico.

O arquitecto demonstra a sua incrível capacidade de conjugar o que retém da experiência dos CIAM com a cultura pré-existente. Nesta obra assinala que um edifício pode viver de si, sem ter uma função evidente. É um sinal de mudança, mais do que um edifício. Fernando Távora afirma “o Pavilhão não serve para nada”, como sendo o maior elogio que se poderia dar à sua obra, “este é o elogio máximo que pode fazer-se-lhe”.

---

<sup>152</sup> Arquitecto com origens alemãs, que viveu nos E.U.A. (1886 - 1969). Projectou o Pavilhão de Barcelona em 1929.

<sup>153</sup> CURTIS, William – **Memória e criação: o Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição**. In **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. p.31.



33. Pavilhão de Ténis (1958), Casa Taliesin West (1937) e Pavilhão de Barcelona (1929)



A obra, apesar de simples, tem funções para lá das visíveis a olho nu. Vê-a com uma função pedagógica, onde, com um incrível domínio de escala e com a aplicação de materiais e técnicas tradicionais, mantém sempre eminente a modernidade em voga, “tanto no conceito de volumes, como nos panos, o claro-escuro.” Embora a modernidade esteja presente, também os princípios organizadores do classicismo podem ser observados, sendo o projecto organizado a partir de uma base, de onde parte o segundo piso (*piano nobile*) do miradouro, com o telhado suspenso, fazendo alusão à “cornija”.<sup>154</sup>

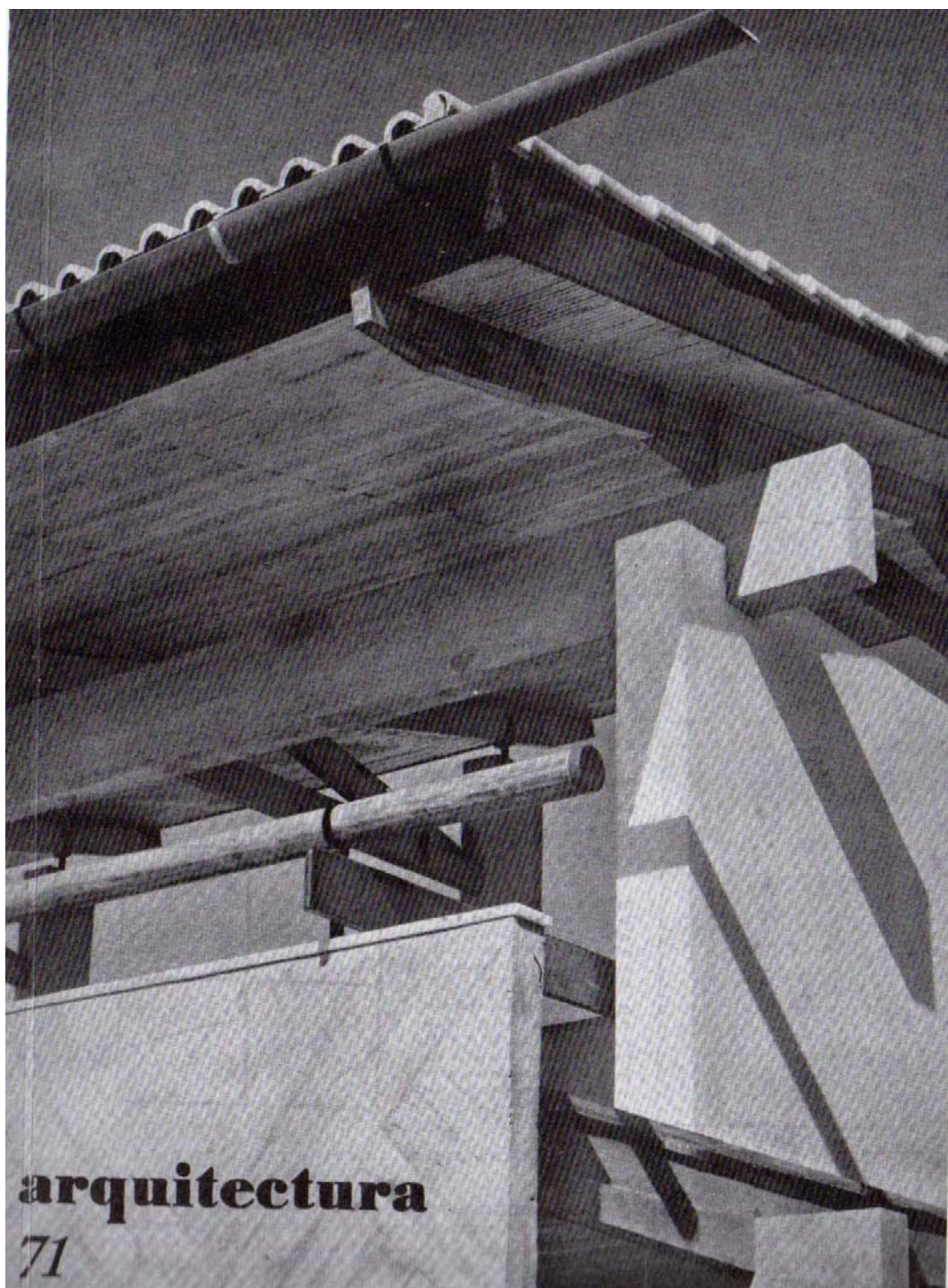
Embora tenha sido projectada antes da sua viagem aos Estados Unidos da América e Japão, só depois foi construída. O arquitecto afirma que alguns pormenores podem ter sido repensados na fase da construção, espelhando algumas referências que apreendeu durante a viagem. Contudo, não houve uma mudança radical nos conceitos base do projecto, mas sim uma integração subtil do novo conhecimento, com o qual teve contacto durante o percurso. Alguns pormenores evidenciam essa inspiração, tais como o comprido corrimão horizontal e a caleira, que trazem à memória os corrimões e caleiras de bambu dos templos japoneses.

O Pavilhão apresenta-se como uma compilação das várias referências com que Fernando Távora tinha tido recente contacto: um edifício moderno, com inspirações de arquitectos estrangeiros, com técnicas construtivas tradicionais da arquitectura rural minhota, materiais modernos e nacionais, em harmonia com pormenores da arquitectura religiosa japonesa. É a capacidade de interligar todas as novidades com que se confrontou nos últimos anos que impressiona no Pavilhão, algo que poderia ser uma “mistura”, mas que, tal como a Casa de Ofir, acaba por ser um “composto”.

A obra foi capa da Revista Arquitectura, nº 71, Julho de 1961 (imagem 34).

---

<sup>154</sup> CURTIS, William – **Memória e criação: o Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição.** In **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** p.31.



34. Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição na capa da Revista Arquitectura nº 71, Julho de 1961

## **Eu sou do Tamanho que Vejo**

(...)

Nas cidades a vida é mais pequena

Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro

Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,

Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe de todo o céu,

Tornam-nos pequenos porque nos tornam o que os nossos olhos podem dar,

E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver.

**Alberto Caeiro**, O Guardador de Rebanhos - Poema VII

Heterónimo de Fernando Pessoa



#### 4. Da Organização do Espaço: 1962

“Távora passa de um intérprete fundamental de uma arquitectura moderna renovada, como é notório na trilogia Mercado da Feira/ Pavilhão de Ténis/ Casa de Ofir para vocalizador de um pessimismo que a viagem tinha transformado em certeza agravada.”<sup>155</sup>

Este livro apresenta-se como uma compilação dos conteúdos dos seus textos anteriores, que se encontravam dispersos. Segue uma sequência lógica, começando por se focar no particular, partindo depois para o geral. No início introduz a preocupação com a forma e como esta tem que ser entendida, passando para exemplo estrangeiros de cidades. Foca-se de seguida em Portugal e acaba com um “pedido” aos arquitectos portugueses.

O “Da organização do Espaço” foi realizado como prova de dissertação para o concurso de professores do primeiro grupo da ESBAP, daí notar-se, relativamente a artigos que escreveu anteriormente, um discurso mais cauteloso e cuidado.

Acaba por percorrer os acontecimentos no campo da arquitectura desde 1945 até à data. Nesta época Fernando Távora, como Nuno Portas refere no prefácio do livro, era uma importante marca na arquitectura portuguesa, com um percurso especialmente crítico e interventivo, tanto a nível urbanístico como em projectos de escala mais doméstica.

Aborda vários temas ao longo dos diferentes capítulos:

- A importância do arquitecto como organizador do espaço;
- O espaço como algo contínuo, no espaço e no tempo;
- A ideia da participação horizontal e vertical dos Homens, na organização do seu espaço;
- O espaço é condicionado e condicionante;
- O papel do arquitecto na sociedade.

---

<sup>155</sup> FIGUEIRA, Jorge – **Fernando Távora, alma mater viagem na américa, 1960.** In **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** p.40.



O arquitecto revela um discurso tanto idealista, com esperança na Terceira Via, como ao mesmo tempo uma visão mais realista, de como essas ideias se passam para a realidade construída.

Segundo Nuno Portas, o arquitecto dá o salto entre as suas experiências de desenho arquitectónico, com preocupação nas formas e na estética, para algo mais grave e abrangente: o problema da organização do espaço da cidade e do território, como algo contínuo.<sup>156</sup> Associa a esta problemática tanto o arquitecto como a própria sociedade. Para Távora, em primeiro lugar era necessário estudar os problemas sociais e económicos e só depois traçar uma estratégia de organização espacial. Critica de forma subtil os que ainda se focam no problema da habitação, quando não percebem que a cidade, como território, está o caos.

Sabendo das limitações do nosso país, dos nossos recursos científicos e administrativos, foca-se em estudos existentes para defender o seu trabalho, mantendo sempre um discurso coerente, nunca sonhando alto demais.

Sempre com preocupações urbanísticas e consciente de que não existem estruturas para começar um profundo estudo sobre o território, refere-se a trabalhos estrangeiros já realizados como o de Gottman, 1956, o de Jane Jacobs, 1961 e H. Sans, de 1962,<sup>157</sup> que poderiam servir como base e ponto de partida para os urbanistas.

---

<sup>156</sup> PORTAS, Nuno – **Prefácio à edição de 1982, Da Organização do Espaço.** p.XVI.

<sup>157</sup> Ibidem.

Jane Jacobs (1916 – 2006) escreveu *The Death and Life of Great American Cities* (1961).





## Capítulo a Capítulo

### 1. Dimensões, Relações e Características do espaço organizado

No primeiro capítulo o arquitecto foca-se especialmente na definição de forma, como espaço e vazio, “o espaço que separa e liga as formas é também forma”,<sup>158</sup> e na importância e significado que a palavra organizar tem no território.

Iniciando o discurso com “Vemos na palavra “organizar” um desejo, uma manifestação de vontade, um sentido, que a palavra “ocupar” não possui (...) pressupomos que atrás dela está o homem ser inteligente e artista da natureza.”<sup>159</sup> parte de uma declarada crítica ao arquitecto e aos urbanistas. Irá servir de presságio ao discurso que vamos encontrar enquanto folheamos o seu livro, sempre fiel à sua indignação relativa ao estado a que a “ocupação” do espaço atingiu, não só a nível nacional, como também internacional, ideia que confirmou na sua viagem.

Entendo estas páginas como um incentivo ao despertar dos arquitectos, uma forma de mostrar-lhes o que devem e como devem fazer para mudar a condição actual. Acredita que é necessário trabalhar-se em grupo, defendendo os mesmos princípios, porque só assim é possível haver uma coerência e harmonia espaciais. Há que ter em conta: o pré-existente, as formas naturais e humanas, o pensamento científico, religioso, económico, a sensibilidade, a política e a filosofia do espaço.

É necessário organizar, mas organizar de forma cuidada, não olhando só para o mapa, mas para a sociedade dentro desse mesmo mapa.

Urge recuperar o conceito de *voyeur*. Fernando Távora já outrora se referira a esta problemática, reforçando que, para o Homem entender um bairro, uma cidade, um país, não pode apenas estudá-los, tem que viver o espaço e conhecê-lo de forma mais intimista: “Para avaliar uma cidade, como espaço organizado, apenas uma solução: percorrê-la, vivê-la, deambular pelas ruas.”<sup>160</sup>

---

<sup>158</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.12.

<sup>159</sup> Ibidem. p.14.

<sup>160</sup> TÁVORA, Fernando – **Do Porto e do seu Espaço**. Jornal Comércio do Porto. Suplemento de “Cultura e Arte”. 26 de Janeiro, 1954.



“Podemos, talvez, considerar dois tipos de participação na organização do espaço; uma participação que chamaremos horizontal, que se realiza entre homens da mesma época; uma outra, a que chamaremos vertical, que se realiza entre homens de épocas diferentes. São dois aspectos de uma mesma realidade (...).”<sup>161</sup>

Fernando Távora refere-se à participação vertical, querendo relacionar o fluir da arquitectura ao longo dos anos, com novas camadas, adaptações e construções. Quando uma obra é construída, não tem carácter eterno, todos os arquitectos têm que ter consciência que as obras ao longo do tempo tornam-se híbridas, um confluir de acontecimentos, perdendo o seu carácter “puro” inicial.

Refere-se a exemplos internacionais com o objectivo de ressaltar as enormes diferenças de espaço organizadas por mão humana; desde Nova Iorque a Teotihuacan e às pirâmides de Gizeh, Versailles, entre outras.<sup>162</sup> Refere-se às variantes da luz, das formas naturais, do clima, das técnicas utilizadas, dos conceitos de vida física e espiritual da sociedade. Com estes exemplos procura demonstrar que as circunstâncias ditam a resposta, e que obviamente, o que a população de Nova Iorque procura não será o mesmo que a corte que vivia em Versailles. As condicionantes naturais de uma não podem ser comparadas com a outra, e daí resultarem respostas completamente diferentes de espaço.

Acaba por regressar à temática que persegue desde o início da sua actividade profissional: o objecto arquitectónico é desenhado consoante o espaço, a topografia, a envolvente, as vias de tráfego, e tantas outras questões. A cidade tem que ser desenhada da mesma forma, como “um grande lote a ocupar”.

---

<sup>161</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.32.

<sup>162</sup> Ibidem. p.23.



## 2. O Homem Contemporâneo e a Organização do seu Espaço

Foca-se no Homem: como este evoluiu com as mudanças da sociedade, a importância do seu papel na ocupação e revela como a forma irá ditar o seu quotidiano. Salientando que, no mundo contemporâneo, a cultura europeia torna-se cada dia mais globalizada, estando a ficar cada vez mais semelhante, de lugar para lugar. Neste capítulo não aborda apenas o caso português – como irá fazer no capítulo três – mas procura dar uma ideia generalizada do que se passa no Mundo.

Afirma que, nos dias de hoje, a característica mais semelhante destes espaços é a descontinuidade e a desordem, impostas especialmente pelos volumes, que cresceram de forma desmesuradamente rápida devido às novas técnicas e facilidades de construção. Refere, de novo, o exemplo de Nova Iorque, focando-se na forma como se arrasou com a paisagem natural pré-existente.

Introduz o tema da sua viagem, referindo-se “Impressiona percorrer as cidades norte-americanas, porventura as mais típicas do homem ocidental contemporâneo, a descontinuidade do seu espaço (...) a indústria prejudica a residência (...) áreas onde o sol nunca penetra.”<sup>163</sup> Nesta citação relembramos alguns princípios da Carta de Atenas.

Já na Europa, refere-se aos países nórdicos e a França, entre outros.

Critica a arquitectura funcionalista, pois crê que esta considera apenas alguns aspectos do Homem, sobrepondo-se, por vezes, a função ao quotidiano do cidadão, forçando caminhos, percursos e espaços. Acredita que a arquitectura deve ser feita para as pessoas, com as pessoas, e nunca impondo-se a estas.

No seguimento desta problemática utiliza exemplos de arquitectos estrangeiros para validar as suas ideias. Cita Frank Lloyd Wright<sup>164</sup> “uma casa nada tem a ver com um automóvel”, para realçar que os arquitectos têm que pensar a arquitectura como algo pessoal, nunca de construção industrial, dita em massa, tal como os automóveis.

---

<sup>163</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.35.

<sup>164</sup> Arquitecto americano (1867 - 1959).



Refere-se também a Alvar Aalto, não lhe poupando elogios. Salieta como a sua obra doseia a indústria com o artesanato, dominando a natureza e preocupando-se com o Homem como ser social. É um arquitecto que faz a fusão entre o arrojo e a novidade com a arquitectura mais tradicional; em suma, aborda as temáticas da Terceira Via, que Távora defendia.<sup>165</sup>

No fim do capítulo entra mais pormenorizadamente no tema da sua viagem. Aqui assume que, embora fosse de viagem a pensar que “lá fora impera a ordem e a qualidade dos espaços”,<sup>166</sup> tal realidade não se confirma. As revistas são enganosas, e o caos impera tanto em Portugal, como na Europa, América e Ásia.

### **3. A Organização do espaço português contemporâneo**

Neste terceiro capítulo entra no caso particular de Portugal. Fala do êxodo rural e da crescente desertificação do país que, como tal, exige uma necessidade de construção. Visto que o factor tempo leva a construir-se mal – sem preocupação com a cidade, com o edifício e com a envolvente próxima – é uma temática que o preocupa, pois, para si, a arquitectura nacional estava a ser descuidada.

Neste contexto, aborda o tema “monumento”. Defende que é preciso pensá-lo como uma palavra com maior amplitude, pois monumentos não são apenas igrejas, palácios, mas sim o nosso passado, obras mais humildes, que merecem a mesma consideração. Na continuação do tema entra no restauro, na reabilitação, como algo inovador e contemporâneo. Para Távora não faz sentido tentar reabilitar os edifícios antigos, de forma a ser o que eram, é necessário pensar neles como algo contemporâneo, mas sempre respeitando a sua história. Segundo o arquitecto, a arquitectura contemporânea tem que conseguir integrar-se na cidade antiga, pois é necessário ver o espaço como contínuo. Se a arquitectura não consegue responder a essa problemática, então não é a indicada.

Por fim aborda o tema da organização de funções no espaço. Uma das grandes problemáticas é de carácter económico. Privilegiando a economia, com a construção de edifícios industriais perto das cidades, arrasam-se as tentativas de organização espacial e acaba-se com a paz e com a natureza, originando a degradação do espaço residencial. É interessante pensarmos como estes *lobbies* continuam tão actuais.

---

<sup>165</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.42.

<sup>166</sup> Ibidem. p.42-43.





#### 4. Sobre a posição do Arquitecto

Termina o livro, fazendo um apelo ao Arquitecto. É necessário existir harmonia na forma de pensar dos arquitectos, pois o país está a transformar-se num espaço incoerente, um “carnaval de formas”.

“ (...) Todo o Homem cria formas, todo o Homem organiza espaços”, “o arquitecto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador de espaços.” <sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.73.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi, ao longo do trabalho, que gostaria de terminá-lo não com uma “conclusão”, mas com algumas considerações finais sobre a importância de Fernando Távora na arquitectura actual. Visto que o meu intuito não é encerrar este trabalho em 1962, mas procurar que o leitor que desconhece se embrenhe na vida e obra de Fernando Távora, e o leitor que conhece relembre esta personagem tão importante na arquitectura portuguesa.

É difícil percebermos o pioneirismo deste arquitecto, que, logo após ter terminado o curso de arquitectura, põe em causa os seus valores de berço e académicos.

Como podemos entender a força de viajar para o exterior em 1960 quando tudo nos é tão alcançável nos dias de hoje? É difícil transportarmo-nos para uma época em que existe apenas uma revista de arquitectura, quando hoje a variedade peca pelo contrário. Vivemos numa época em que o difícil é filtrar a informação, não procurá-la.

Fernando Távora vai marcar a história da arquitectura de um país, numa época em que os dogmas arquitectónicos se questionam e a dúvida do caminho a seguir reina nos arquitectos mais experientes. Desta forma, tornar-se-á não apenas “o Pai da Escola do Porto, mas bisavô da Europa. É uma figura histórica e universal.”<sup>168</sup>

Aproveito assim estes últimos parágrafos para salientar a importância do arquitecto, não apenas na viragem da visão arquitectónica dos anos em que praticou a sua profissão – que creio ter ficado clara ao longo do texto –, mas como mentor que permanece presente nos dias de hoje pela mão das gerações que se lhe seguiram.

A “marca” de Fernando Távora reside muito para lá da sua obra escrita e construída. Foi um Professor, um exemplo e um impulsionador de uma nova forma de ler a arquitectura.

Ana Tostões enumerou os protagonistas de três gerações (embora refira tantos outros) que marcaram os “Verdes Anos”<sup>169</sup> da arquitectura portuguesa: Francisco Keil do Amaral, nascido a 1910, Fernando Távora, nascido a 1923, e Álvaro Siza, nascido dez anos mais tarde. Fernando Távora irá seguir o pensamento das gerações anteriores, tal como as que lhe seguem irão seguir a sua linha de raciocínio. Hoje

---

<sup>168</sup> MOURA, Eduardo Souto de. Jornal Público, 4 de Setembro, 2005.

<sup>169</sup> TOSTÕES, Ana – **Os Protagonistas de Três Gerações ao Longo dos Anos 50**: Capítulo V. In TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**. p.172-184.



podemos juntar-lhes o nome de Eduardo Souto de Moura, nascido a 1952, e deixar espaço para as gerações que lhe irão suceder.

As grandes referências no percurso dos jovens aprendizes constroem uma geração, definindo a forma de ser e de pensar a arquitectura. Tal como Siza afirma que “Trabalhar com o arquitecto Távora foi melhor do que qualquer estágio”,<sup>170</sup> também Eduardo Souto de Moura diz que “O Álvaro Siza é um grande professor, um mestre e uma grande referência, não só a nível arquitectónico, mas também como pessoa.”,<sup>171</sup> e esta continuidade, de passagem do saber e da experiência profissional, tem vindo a colher frutos ao longo dos anos.

Como referi anteriormente foi no *atelier* de Fernando Távora que Álvaro Siza teve o seu primeiro contacto com a arquitectura a nível profissional, quando convidado a trabalhar consigo no seu quarto ano de curso na ESBAP.

Obras como a Casa de Chá da Boa Nova <sup>172</sup> (1956), onde Fernando Távora impulsionou a escolha do local, afastando-se de seguida e permitindo ao jovem arquitecto começar a traçar o seu percurso, vão lançá-lo na arquitectura. Muitas outras construções desse período são notórias inspirações no seu Professor, mais precisamente na Casa de Ofir – sendo exemplos as Casas Rocha Ribeiro (1960 - 62) na Maia, Casa Alves Costa (1964 - 68) em Moledo do Minho e a Casa Alves Santos (1964 - 69) na Póvoa do Varzim.

Sabemos que os “copistas” não conseguem apreender a alma dos projectos e nunca conseguirão adaptar as obras de referência a quaisquer espaços e ocasiões, logo, ao enumerar estas inspirações não falo apenas na ideia de forma, ou no campo meramente estético e visual. São as bases de arquitectura mais intrínsecas, como a forma de pensar um projecto, que irão reflectir-se nas obras de Siza. Assim, acredito que, mais do que dar a conhecer a obra construída de Fernando Távora, urge ensinar o que estava para lá do betão e do azulejo.

---

<sup>170</sup> SIZA, Álvaro – **Trabalhar com o arquitecto Távora foi melhor do que qualquer estágio**. Disponível na Internet: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/siza-vieira-trabalhar-com-o-arquitecto-tavora-foi-melhor-do-que-qualquer-estagio-1590803>.

<sup>171</sup> MOURA, Eduardo Souto de. Em entrevista. Disponível na Internet: [http://jpn.c2com.up.pt/2011/03/30/entrevista\\_souto\\_moura\\_aconselha\\_jovens\\_arquitectos\\_a\\_emigrar.html](http://jpn.c2com.up.pt/2011/03/30/entrevista_souto_moura_aconselha_jovens_arquitectos_a_emigrar.html)

<sup>172</sup> O edifício foi concebido na sequência de um concurso levado a cabo pela Câmara Municipal de Matosinhos em 1956, do qual saiu vencedor o arquitecto Fernando Távora. Após a escolha do local para a implantação da Casa, junto aos rochedos da Boa Nova, Távora entregou o projecto a Álvaro Siza.



É quando nos afastamos do nosso espaço de conforto que somos postos à prova com as dificuldades das circunstâncias que nos são estranhas e, Siza revela a mesma capacidade que Távora. Quando parte na descoberta do estrangeiro, em obras como *Bonjour Tristesse* (1982 - 83), em Berlim – onde concilia a malha regular que remete à cidade, com a ondulação irregular própria do seu traço – e, mais recentemente, em Porto Alegre, no projecto da Fundação Iberê Camargo (2003), onde utilizou duas fortes imagens da arquitectura moderna brasileira: o Sesc Pompéia (1977), de Lina Bo Bardi, e as “curvas” tão presente de Oscar Niemeyer – é-me impossível não remeter para os anos em que Fernando Távora aplica os conceitos apreendidos nos CIAM, mas sempre com carácter tradicional e crítico.<sup>173</sup>

Numa geração mais recente foi Eduardo Souto de Moura, que se iniciou a trabalhar com Álvaro Siza, fazendo perdurar este legado de premissas. Continua a crer, tal como Távora, que “nós [arquitectos] temos a possibilidade de melhorar o mundo”.<sup>174</sup> Passados cinquenta anos da publicação “*Da Organização do Espaço*”, em que “o arquitecto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador de espaços – criador de felicidade”<sup>175</sup> o discurso mantém-se.

A premissa base que motivou o autor na construção da Casa de Ofir – onde a planta é sacrificada em nome da funcionalidade do espaço pensada directamente para o cliente – é defendida por este arquitecto, nascido trinta anos mais tarde.

Para Eduardo Souto de Moura, quando idealiza uma casa, precisa de conhecer quem a vai habitar, “quem se levanta primeiro, onde comem e, na garagem, qual o carro que fica atrás ou à frente.” Assim, tanto em 1945 “A forma depende da função e forma sem função não pode justificar-se”,<sup>176</sup> como em 1988 Siza refere que “A criação arquitectónica nasce de uma emoção, provocada por um momento e por um lugar”<sup>177</sup> e em 2012 Souto de Moura defende que “sempre que projecto uma casa, antes de mais, encarno o personagem de quem lá vai viver. Quero-me sentir lá bem.”<sup>178</sup>

---

<sup>173</sup> Lina Bo Bardi, arquitecta nascida em Itália, mas trabalhou no Brasil (1914 - 1992) e Oscar Niemeyer, arquitecto brasileiro (1907 - 2012).

<sup>174</sup> MOURA, Eduardo Souto de. Em entrevista ao *Jornal Sol*.

<sup>175</sup> TÁVORA, Fernando – **Da Organização do Espaço**. p.73.

<sup>176</sup> TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa, 1945**.

<sup>177</sup> SIZA, Álvaro – **Pós modernismo e arquitectura**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 24. p.32.

<sup>178</sup> MOURA, Eduardo Souto de. Disponível na Internet:

[http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008\\_files/dez2008\\_02\\_home.html](http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008_files/dez2008_02_home.html)





Não só a forma dita o projecto, mas a importância do contexto também é algo que perdura até os dias de hoje no subconsciente destes arquitectos: “Mas note-se, a casa não pode ser só uma resposta mecanicista, ao programa do cliente. Ela é isso e mais alguma coisa. Esse mais alguma coisa, tem de ser colectivo e “universal”. Caso contrário não é arquitectura, mas apenas construção, e nada mais. O que é bom é colectivo. O que é medíocre é só individual, e por isso é mesquinho.”<sup>179</sup>, tal como para Távora “Os edifícios e os espaços têm que estar bem implantados, estar bem dispostos no lugar: essa qualidade de boa implantação confere-lhes um certo ar de eternidade.”<sup>180</sup>

Fernando Távora assume que a sua formação académica não o preencheu relativamente à descoberta do estrangeiro e do urbanismo. Eduardo Souto de Moura, numa entrevista recente, afirma que “ninguém dorme debaixo da semiótica” e que os seus clientes “não conseguem almoçar debaixo do manifesto”.<sup>181</sup> Contudo, toda a forma de aprendizagem é válida e serve como construção da nossa personalidade, mais que não seja para nos despertar a curiosidade a temas que não cruzam com o nosso percurso de forma imediata. O importante não é acumular conhecimento sem questionação. Entendo que no ensino o fundamental é saber cruzar o leque de aprendizagens, que fomos assimilando e guardando na memória, com as condicionantes do dia-a-dia, utilizando esse subconsciente quando necessário.

O nosso percurso académico tem como princípio despertar a nossa curiosidade e dar aso à libertação e procura pessoal face a diferentes temáticas. Vejo-a assim como uma ajuda na abertura de horizontes, em que não se aprofundam com a clareza necessária todas as questões, mas constrói-se uma independência de procura de conhecimento. Acredito que este último trabalho a que somos propostos vem reflectir essa mesma “libertação” do ensino diariamente “vigiado”, onde temos o primeiro contacto com um trabalho mais individual e somos lançados para uma viagem mais solitária de aprendizagem.

---

<sup>179</sup> MOURA, Eduardo Souto de. Em entrevista. Disponível na Internet:

[http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008\\_files/dez2008\\_02\\_home.html](http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008_files/dez2008_02_home.html)

<sup>180</sup> TÁVORA, Fernando – **Nulla dies sine linea, Fragmentos de una conversación con Fernando Távora**. *DPA*, nº 14. p.10.

<sup>181</sup> MOURA, Eduardo Souto de. *Público Online* (2013). Disponível na Internet:

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/ninguem-dorme-debaixo-da-semiotica-disse-souto-de-moura-em-paraty-1599306>



A arquitectura é um dos campos que diariamente continua a orgulhar o país, e que nos dá a conhecer além-fronteiras – tal como a arte, a literatura, o desporto, entre outros – logo temos um legado a defender. Espero fazer parte de uma futura geração, que faça jus à história arquitectónica portuguesa.

Recentemente, em 2012, a Exposição realizada em Guimarães – “Fernando Távora Modernidade Permanente” – foi uma importante forma de relembrar/dar a conhecer com carinho Fernando Távora. Creio que urge focarmo-nos nas raízes da história da arquitectura portuguesa, para evitar que os futuros arquitectos e professores desconheçam o crescimento que a sustenta e que desperta emoções que outras premissas mais frágeis não permitem.

O suporte do pensamento arquitectónico é fulcral nos dias em que as principais personagens de renome da arquitectura portuguesa admitem que “a internacionalização é a única saída profissional.”<sup>182</sup>

Desta forma, as referências – não apenas as portuguesas – as boas referências, são fundamentais e irão permitir que, partindo delas, tracemos o nosso futuro e nos tornemos profissionais bem-sucedidos. Só assim a história se constrói e se repete.

Termino assim a pesquisa desta personagem – com quem tanto aprendi ao longo deste ano – tal como a iniciei, mas hoje com a certeza de que a citação é mais que adequada e válida:

“Eu sou a arquitectura portuguesa.”, por Fernando Távora.

---

<sup>182</sup> SIZA, Álvaro. Expresso Online (2013). Disponível na Internet: <http://expresso.sapo.pt/siza-vieira-diz-que-internacionalizacao-e-unica-saida-profissional-dos-arquitetos=f818559>



## BIBLIOGRAFIA

### LIVROS E FONTES PUBLICADAS

ANA, Dominguez Laino – **Desenhos de viagens: Projectos**. C.O.A.G., D. L. 2002. Catálogo de uma exposição.

ANTUNES, Alfredo da Mata – **Arquitectura Popular em Portugal: Volume 1**. 3ª edição. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1988.

BANDEIRINHA, José António – **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. Guimarães: Associação Casa da Arquitectura, 2012. ISBN 978-989-20-3393-8.

BANDEIRINHA, José António – **Quinas Vivas**. Porto: FAUP Publicações, 1996. ISBN 9729483159.

COELHO, Paulo – **Fernando Távora**. Edição e Conteúdos, 2011.

COSTA, Alexandre Alves – **Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P.** Textos teóricos 2, 1980.

COSTA, Alexandre Alves – **Textos datados**. Coimbra: EDARQ, 2007. ISBN 9789729982149

CORBUSIER, Le – **Precisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme**. Paris: Éditions Vincent, Freal, 1960.

ESPOSITO, António – **Fernando Távora: opera completa**. Milão: Electa, 2005.

FERNANDES, José Manuel – **Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo**. Lisboa: IPPAR, 2003.

FERNANDES, José Manuel – **Arquitectos do século XX : da tradição à modernidade**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006. ISBN 9898010061.

FERNANDES, José Manuel – **Arquitectura modernista em Portugal : [1890-1940]**. Lisboa: Gradiva, 1993. ISBN 9726623391.

FERNANDEZ, Sérgio – **Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974**. Porto: Edições da FAUP, 1985.

FERRAZ, Marcelo Carvalho – **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993. ISBN 8572340246.

FIGUEIRA, Jorge – **Escola do Porto Um Mapa Crítico**. Coimbra: Edições do Departamento de Arquitectura, FCTUC, 2002. ISBN 972-97383-6-X.

LINO, Raúl – **Casas Portuguesas: Alguns apontamentos sobre o arquitectar de casas simples**. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.



PESSOA, Fernando – **O guardador de rebanhos e outros poemas: Poesia completa de Alberto Caeiro**. Colecção Novos Caminhos.

PORTAS, Nuno – **A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. ISBN 9722414631.

SIZA, Álvaro – **Diário de "bordo"**. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012. ISBN 9789892033945.

TÁVORA, Fernando – **Da organização do Espaço**. 3ª edição. Porto: Faculdade de Arquitectura da Univ, 1996. ISBN 9729483221.

TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa**. Cadernos de Arquitectura nº1. Lisboa: Editorial Organizações, 1947.

TÁVORA, Fernando – **Para uma arquitectura portuguesa de hoje**. Semanário ALEO.

TÁVORA, Fernando – **Teoria Geral da Organização do Espaço**. Edição do Concelho directivo da FAUP. Porto: FAUP Publicações, 1993.

TOSTÕES, Ana ; LACERDA, Manuel – **Arquitectura Moderna Portuguesa 1920 – 1970**. Lisboa: IPPAR, 2004. ISBN 9728736355.

TOSTÕES, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: FAUP Edições, 1997. ISBN 9729483302.

TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993.

ZEVI, Bruno – **História da Arquitectura Moderna: Volume I**. Editora Arcádia, 1972.

## DISSERTAÇÕES

BRETT, Ana Alexandra de Oliveira – **COMPLEXITIES OF STREET LIFE: Teorias urbanas de Alison e Peter Smithson 1950-1964**. Coimbra: [s.n.], 2010. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Universidade de Coimbra.

COELHO, Fátima – **Arquitecto Nuno Teotónio Pereira: Selecção de obras existentes no acervo documental da Biblioteca Keil do Amaral**. Lisboa: 2010. [Acedido a 2 de Janeiro de 2013] Disponível na Internet: [http://oasrs.org/media/files/BIB\\_BB\\_NTP.pdf](http://oasrs.org/media/files/BIB_BB_NTP.pdf)





DELECAVE, Jonas – **Identidade e subjetividade na obra de Fernando Távora: o segundo Pós-Guerra e a Quinta da Conceição**. Brasília: 9º seminário Docomomo Brasil, 2011.

[Acedido a 5 de Janeiro de 2013]. Disponível na Internet:

[http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/063\\_M18\\_RM-IdentidadeESubjetividade-ART\\_jonas\\_delecave.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/063_M18_RM-IdentidadeESubjetividade-ART_jonas_delecave.pdf)

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos – **A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola**. Universidade do Minho: [s.n.], Julho 2010. Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. [Acedido a 5 de Junho de 2012] Disponível na Internet:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Frepositorium.sdum.uminho.pt%2Fbitstream%2F1822%2F12009%2F1%2FTD\\_EduardoFernandes\\_Final.pdf&ei=4BHhUfuzLMr07Aarj4HwAg&usg=AFQjCNGqJsJx-9025r1JqZ15OkGNhSCOm&sig2=hcl4GZtE6QsWxAFkCYBvfA&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Frepositorium.sdum.uminho.pt%2Fbitstream%2F1822%2F12009%2F1%2FTD_EduardoFernandes_Final.pdf&ei=4BHhUfuzLMr07Aarj4HwAg&usg=AFQjCNGqJsJx-9025r1JqZ15OkGNhSCOm&sig2=hcl4GZtE6QsWxAFkCYBvfA&bvm=bv.48705608,d.ZGU)

FERRÃO, Bernando – **O conceito de património arquitectónico e urbano na cultura ambiental vimarense**. Porto: [s.n.], Janeiro de 1997. [Acedido a 10 de Setembro 2012]. Disponível na Internet: <http://www.cm-guimaraes.pt/files/1/documentos/470413.pdf>

GOMES, Patrícia Tello – **Desenho do Espaço**. Lisboa: [s.n.], 2007. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. [Acedido a 10 de Novembro 2012]. Disponível na Internet: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/650>

MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral – **Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal**. Porto: [s.n.], 2006. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. [Acedido a 15 de Novembro 2012]. Disponível na Internet: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64312>

MARTINS, Raquel Monteiro – **A “ideia do lugar”: Um olhar atento às obras de Siza**.

Coimbra: [s.n.]. Dezembro 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. [Acedido a 13 de Novembro 2012]. Disponível na Internet:

[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12563/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20\\_%20Raquel%20Monteiro%20Martins%20\\_%202009.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12563/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20_%20Raquel%20Monteiro%20Martins%20_%202009.pdf)

MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão: Diário 1960**. Coimbra: [s.n.], 2007. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Universidade de Coimbra.



MONIZ, Gonçalo Canto – **O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)**. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

NOTO, Felipe de Soza – **Paralelos entre Brasil e Portugal: A obra de Lúcio Costa e Fernando Távora**. São Paulo: [s.n.], 2007. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. [Acedido a 2 de Junho 2012]

Disponível na Internet:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F16%2F16133%2Fde-22112010-103044%2F&ei=JRPhUdPNNc6O7AaymIDoBg&usg=AFQjCNGhErZz8NZEgNhs3mU7ALyMffLHaQ&sig2=W4\\_20YjE2PTiee3ENCFxzw&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F16%2F16133%2Fde-22112010-103044%2F&ei=JRPhUdPNNc6O7AaymIDoBg&usg=AFQjCNGhErZz8NZEgNhs3mU7ALyMffLHaQ&sig2=W4_20YjE2PTiee3ENCFxzw&bvm=bv.48705608,d.ZGU)

PEREIRA, Michel Toussaint – **Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX**. Lisboa: [s.n.], 2009. Tese de Doutoramento em Teoria da Arquitectura apresentada à Universidade Técnica de Lisboa.

[Acedido a 2 de Janeiro 2013]. Disponível na Internet:

[https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1411/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O\\_Michel%20Toussaint.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1411/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_Michel%20Toussaint.pdf)

PINTO, Mónica Ângela Santos – **O desenho do lugar na composição do espaço**. Lisboa: [s.n.], 2008. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa. [Acedido a 7 de Fevereiro 2013]. Disponível na Internet:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCkQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.portaldoconhecimento.gov.cv%2Fbitstream%2F10961%2F58%2F1%2FDisserta%25C3%25A7%25C3%25A3o\\_M%25C3%25B3nica%2520Pinto.pdf&ei=WxPhUY6YDquy7AalnoH4Ag&usg=AFQjCNErw12Xb9a9jTQpYEpV8Mmo99eXog&sig2=Jdm53hDxmPtAvtmYf2vxuw&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCkQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.portaldoconhecimento.gov.cv%2Fbitstream%2F10961%2F58%2F1%2FDisserta%25C3%25A7%25C3%25A3o_M%25C3%25B3nica%2520Pinto.pdf&ei=WxPhUY6YDquy7AalnoH4Ag&usg=AFQjCNErw12Xb9a9jTQpYEpV8Mmo99eXog&sig2=Jdm53hDxmPtAvtmYf2vxuw&bvm=bv.48705608,d.ZGU)

REIS, Sofia Borges – **A arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa**. Coimbra: [s.n.], 2007. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

RIBEIRO, Helena Sofia – **Outras casas portuguesas**. Coimbra: [s.n.], 2010. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.



## FONTES DE TEXTO ONLINE

CARMO, Vera – **A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) e o Porto dos Anos 50.** [Acedido a 4 de Julho 2012]. Disponível na Internet:

<http://intermediareview.com/images/revistas/edicao1/a-organizacao-dos-arquitectos-modernos-pdf.pdf>

COSTA, Alexandre Alves – **A obra de Fernando Távora, Um caso de coerência conceptual e pedagogia.** Coimbra: Rua Larga, nº 20. FCTUC. [Acedido a 14 de Janeiro 2013]. Disponível na Internet: [http://www.uc.pt/fctuc/deec/rualarga/anteriores/RL20/20\\_07/print](http://www.uc.pt/fctuc/deec/rualarga/anteriores/RL20/20_07/print)

FERNANDES, José Manuel – **A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40: Do “Modernismo” ao “Estado Novo”: Heranças, Conflitos, Contextos.** Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2005. [Acedido a 1 de Junho 2013]. Disponível na Internet: <http://upcommons.upc.edu/revistes/handle/2099/2364>

GONÇALVES, José Fernando – **A viagem na Arquitectura Portuguesa do século XX.** [Acedido a 1 de Junho 2013]. Disponível na Internet: <http://resdomus.blogspot.pt/2011/05/viagem-na-arquitectura-portuguesa-do.html>

LAKI, Raquel Cristina ; LIPAI, Alexandre Emilio – **Percepção e uso do espaço em Arquitectura e Urbanismo: um ensaio no Ambiente Construído.** Agosto 2007.

[Acedido a 18 de Julho 2012]. Disponível na Internet:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=ftp%3A%2F%2Fftp.usjt.br%2Fpub%2Frevistaic%2Fpag17\\_edi01.pdf&ei=IhThUemzKcnC7AbE9IGoCw&usg=AFQjCNGKnbcb8XDqwRgl\\_MlxWPgj2oJTpAw&sig2=QheGRAVZCVIKHcxYJ4qa7w&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=ftp%3A%2F%2Fftp.usjt.br%2Fpub%2Frevistaic%2Fpag17_edi01.pdf&ei=IhThUemzKcnC7AbE9IGoCw&usg=AFQjCNGKnbcb8XDqwRgl_MlxWPgj2oJTpAw&sig2=QheGRAVZCVIKHcxYJ4qa7w&bvm=bv.48705608,d.ZGU)

MAIA, Maria H.; CARDOSO, Alexandra – **O Inquérito a Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal.** [Acedido a 16 de Maio 2012]. Disponível na Internet:

[http://www.academia.edu/2224820/O\\_Inquerito\\_a\\_Arquitectura\\_Regional\\_contributo\\_para\\_uma\\_historiografia\\_critica\\_do\\_Movimento\\_Moderno\\_em\\_Portugal](http://www.academia.edu/2224820/O_Inquerito_a_Arquitectura_Regional_contributo_para_uma_historiografia_critica_do_Movimento_Moderno_em_Portugal)

MIGUEL, Patrícia – **O Corporema da Casa Portuguesa ou repensar O Problema da Casa Portuguesa de Fernando Távora** in Joelho 3. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, FCTUC, 2012.

MILHEIRO, Ana Vaz – **A Construção do Brasil, relações com a cultura arquitectónica portuguesa.** Porto: FAUP Publicações, 2005. [Acedido a 16 de Maio 2012]. Disponível na Internet: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1187>



MILHEIRO, Ana Vaz – **Prefácio em Habitar em Colectivo: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L.** Lisboa: Departamento de Arquitectura e Urbanismo, ISCTE | IUL, 2009. [Acedido a 16 de Maio 2012]. Disponível na Internet:

[http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/catalogo\\_habitar\\_em\\_colectivo.pdf](http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/catalogo_habitar_em_colectivo.pdf)

NETO, Maria João – **Processo de profissionalização da arquitectura em Portugal – da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos à Ordem dos Arquitectos.** 2010.

[Acedido a 15 de Maio 2012]. Disponível na Internet:

<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/2028>

PINTO, Paulo Tormenta – **Habitar em Colectivo: Arquitectura Portuguesa antes do SAAL.**

Lisboa: Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE | IUL, 2009.

[Acedido a 16 de Maio 2012]. Disponível na Internet:

[http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/catalogo\\_habitar\\_em\\_colectivo.pdf](http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/catalogo_habitar_em_colectivo.pdf)

TAVARES, Maria – **Uma perspectiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal].** Porto:

FAUP, 2010. [Acedido a 10 de Maio 2012]. Disponível na Internet:

<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56330/2/2865.pdf>

TÁVORA, Fernando – **Arquitectura Planeamento Design Artes Plásticas,** Arquitectura, nº.123, Lisboa, Edições ICAT, Set-Out, 1971.

TORMENTA, Paulo – **Fernando Távora: Do problema da casa portuguesa à casa de Ofir.**

[Acedido a 1 de Fevereiro 2012] Disponível na Internet:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCKQFjAA&url=http%3A%2F%2F Dialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4019373.pdf&ei=ER3kUeSSBIXT7Abok4GADQ&usg=AFQjCNHNoe-VAGcdZLqOSSCGbOUr7O\\_NcA&sig2=nYJUJ2e3MpLCsvkAT4ZvPw&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCKQFjAA&url=http%3A%2F%2F Dialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4019373.pdf&ei=ER3kUeSSBIXT7Abok4GADQ&usg=AFQjCNHNoe-VAGcdZLqOSSCGbOUr7O_NcA&sig2=nYJUJ2e3MpLCsvkAT4ZvPw&bvm=bv.48705608,d.ZGU)

TOSTÕES, Ana – **Construção moderna: as grandes mudanças do século XX** [Acedido a 16 de Maio 2012] Disponível na Internet: [http://in3.dem.ist.utl.pt/msc\\_04history/aula\\_5\\_b.pdf](http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf)





## PERIÓDICAS

AMARAL, Francisco Keil – **Uma Iniciativa Necessária**. Revista Arquitectura.n.º13, Abril, 1947.

BRAGANÇA, Pedro ; BARROS, Hugo ; FERREIRA, Pedro – **Távora, depois de Távora**. Jornal Público Online, Fev 2012. [Acedido a 2 de Março 2013]. Disponível na Internet: <http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/2299/tavora-depois-de-tavora>

GOMES, Francisco Portugal e – **Restauro e Reabilitação na Obra de Fernando Távora**. In Vitruvis. n.º 8, Abril 2008. [Acedido a 1 de Março 2012]. Disponível na Internet: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/147>

**Joelho 3**. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, FCTUC, 2012.

Jornal Público Online. (Março 2005) [Acedido a 2 de Março 2013] Disponível na Internet: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/morreu-o-arquitecto-fernando-tavora-1231973>

MOTA, Nelson – **Quando o mito da Intocável Virgem Branca se desfez**. Vitruvius. n.º 13, Junho 2012. [Acedido a 11 de Janeiro 2013]. Disponível na Internet: [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.vitruvius.com.br%2Frevistas%2Fread%2Farquitextos%2F13.145%2F4382&ei=pBvhUer9Aq\\_Q7Aba-4DABA&usg=AFQjCNG6GGkRXtt-6hsKeP7xekz9twmm5w&sig2=wA2mVaClotQ0yMx97NyxgQ&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.vitruvius.com.br%2Frevistas%2Fread%2Farquitextos%2F13.145%2F4382&ei=pBvhUer9Aq_Q7Aba-4DABA&usg=AFQjCNG6GGkRXtt-6hsKeP7xekz9twmm5w&sig2=wA2mVaClotQ0yMx97NyxgQ&bvm=bv.48705608,d.ZGU)

Revista Arqla. (Fev 2013) – **Arquitectura e Cultura, Arquitectura Portuguesa face à cultura global**. [Acedido a 2 de Março 2013] Disponível na Internet: <http://www.revarqa.com/content/1/2/homepage>

Revista Arquitectura – **X Congresso CIAM**. n.º 64. Lisboa, Janeiro 1959.

Revista Arquitectura. n.º123, Outubro, 1971.

PORTAS, Nuno – **Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional**. In Revista Arquitectura, n.º71, 1961.

TÁVORA, Fernando – **A Arquitectura é o dia-a-dia**. Boletim da Universidade do Porto, n.º 19/20,1993.

TÁVORA, Fernando – **Entrevista com o Arquitecto Fernando Távora**. Revista Arquitectura,1971.

TÁVORA, Fernando – **O Problema da Casa Portuguesa**. Semanário Aléo, 1945.

TÁVORA, Fernando – **O Porto e a Arquitectura Moderna**, Panorama n.º 4. Lisboa, 1952.

TOSTÕES, Ana – **Um composto e uma mistura: Homenagem a Fernando Távora**. Jornal de Arquitectos. [Acedido a 1 de Fevereiro 2012] Disponível na Internet: <http://arquitectos.pt/documentos/1226343565N8qQG2ho2Ki52YE8.pdf>



## FONTES ELECTRÓNICAS

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/siza-vieira-trabalhar-com-o-arquitecto-tavora-foi-melhor-do-que-qualquer-estagio-1590803> [Acedido a 3 de Maio de 2012]

<http://www.correiodoportop.pt/cultura/casa-de-ofir-em-estado-de-degradacao> [Acedido a 4 de Agosto 2012]

<http://porto24.pt/vida/09022011/escola-do-porto-esta-viva-e-e-ainda-referencia-para-novos-arquitectos/> [Acedido a 6 de Dezembro 2012]

<http://infohabitar.blogspot.pt/2008/10/o-problema-da-habitao-e-o-i-congresso.html> [Acedido a 6 de Dezembro 2012]

<http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html> [Acedido a 11 de Janeiro 2013]

[http://jpn.c2com.up.pt/2011/03/30/entrevista\\_souto\\_moura\\_aconselha\\_jovens\\_arquitectos\\_a\\_e\\_migrar.html](http://jpn.c2com.up.pt/2011/03/30/entrevista_souto_moura_aconselha_jovens_arquitectos_a_e_migrar.html) [Acedido a 12 de Janeiro de 2013]

[http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008\\_files/dez2008\\_02\\_home.html](http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008_files/dez2008_02_home.html) [Acedido a 2 de Junho de 2013]

[http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008\\_files/dez2008\\_02\\_home.html](http://pt.saint-gobain-glass.com/newsletter/2008_files/dez2008_02_home.html) [Acedido a 2 de Junho de 2013]

<http://oprojecto.blogspot.pt/2004/01/arquitectura-popular-portuguesa.html> [Acedido a 22 de Junho 2013]

[http://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1000721](http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1000721) [Acedido a 22 de Junho 2013]

<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9747.pdf> [Acedido a 24 de Junho 2013]

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/ninguem-dorme-debaixo-da-semiotica-disse-souto-de-moura-em-paraty-1599306> [Acedido a 4 de Julho de 2013]

<http://expresso.sapo.pt/siza-vieira-diz-que-internacionalizacao-e-unica-saida-profissional-dos-arquitetos=f818559> [Acedido a 5 de Julho de 2013]

<http://ipsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=280433> [Acedido a 5 de Julho de 2013]



## INDICE DE IMAGENS

1. Fernando Távora, desenhando, num passeio com alunos da FAUP .....	20
2. Exposição em Guimarães: Fernando Távora Modernidade Permanente, 2012 .....	22
3. O corpo docente da E.S.B.A.P.....	28
4. Fernando Távora com Álvaro Siza.....	30
5. CIAM XI: Otterllo, 1959 .....	44
7. Projecto do grupo CIAM – Porto: <i>Habitat Rural</i> (1956).....	48
8. Unidade Residencial de Ramalde, Mercado de Vila da Feira e Pavilhão de Ténis.....	52
9. Francisco Keil do Amaral no Congresso de 1948.....	54
10. Capa original do Relatório da Comissão Executiva do 1º Congresso Nacional de Arquitectura .....	58
11. Capa do livro "Arquitectura Popular em Portugal" .....	60
12. Fernando Távora na apresentação dos trabalhos do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal ao Presidente do Conselho de Ministros, Dr. António Oliveira Salazar .....	62
14. Mapa com a indicação do percurso nos EUA e México e desenho da planta de Taliesin West .....	74
15. World Design Conference, em Tokyo, 1960 .....	76
16. Pormenor da Casa da Rua Nova, Guimarães .....	80
17. Casos de estudo: Mercado de Santa Maria da Feira, Casa de Ofir e O Pavilhão de Ténis	84
18. Mercado Municipapl de Santa Maria da Feira (1953 - 1959).....	88
19. Cortes e Pormenor de Corte do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira.....	90
20. Comparação do Mercado de Ovar (em cima) com o Mercado de Vila da Feira (em baixo)	92
21. Espaço central do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira .....	94
22. Relação dos blocos de Mercado com o espaço central .....	96
23. Zona de bancas do Mercado.....	98
24. Casa de Ofir (1957).....	100
25. Planta da Casa de Ofir .....	102
26. Janelão no interior da sala de estar, Casa de Ofir.....	104
27. Maison Louis Carré (1957 - 60), Casa de Ofir e Igreja de Ronchamp (1950 - 55).....	106
28. Pormenor da chaminé da Casa de Ofir.....	108



29. Planta da Quinta da Conceição (1958 - 60).....	110
30. Quinta da Conceição.....	112
31. Quinta da Conceição.....	114
32. O Pavilhão de Ténis (1958).....	116
33. Pavilhão de Ténis (1958), Casa Taliesin West (1937) e Pavilhão de Barcelona (1929)....	118
34. Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição na capa da Revista Arquitectura nº 71, Julho de 1961.....	120





## FONTE DE IMAGENS

1. BANDEIRINHA, José António – **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. Guimarães: Associação Casa da Arquitectura, 2012. p.375.
2. Fotografia da autora.
3. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.38.
4. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.37.
5. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.33.
6. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.32.
7. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4382>
8. ESPOSITO, António – **Fernando Távora: opera completa**. Milão: Electa, 2005. p.93 ; Fotografia de autora; Internet.
9. TOSTÕES, Ana ; LACERDA, Manuel – **Arquitectura Moderna Portuguesa 1920 – 1970**. Lisboa: IPPAR, 2004. p.126.
10. TOSTÕES, Ana ; LACERDA, Manuel – **Arquitectura Moderna Portuguesa 1920 – 1970**. Lisboa: IPPAR, 2004. p.126.
11. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.34.
12. ANTUNES, Alfredo da Mata – **Arquitectura Popular em Portugal**. Volume 1.
13. ANTUNES, Alfredo da Mata – **Arquitectura Popular em Portugal**. Volume 1.
14. MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão: Diário 1960**. p.44 ; MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão: Diário 1960**. p.137.
15. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.35.
16. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.134.
17. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.60 ; TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.80 ;  
[http://www.google.com/imgres?um=1&safe=off&sa=N&rls=com.microsoft:en-US&rlz=1I7ADRA\\_pt-PT&hl=pt-PT&authuser=0&biw=1024&bih=479&tbn=isch&tbnid=efjd2sRr\\_JCd2M:&imgrefurl=http://www.panoramio.com/photo/14976184&docid=r-MytQorpD4yQM&imgurl=http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/14976184.jpg&w=500&h=375&ei=RCXgUaieF9Oe7AbchIH4CA&zoom=1&iact=hc&vpx=2&vpy=2&dur=750&hovh=194&hovw=259&tx=146&ty=55&page=1&tbnh=144&tbnw=198&start=0&ndsp=10&ved=1t:429,r:5,s:0,i:94](http://www.google.com/imgres?um=1&safe=off&sa=N&rls=com.microsoft:en-US&rlz=1I7ADRA_pt-PT&hl=pt-PT&authuser=0&biw=1024&bih=479&tbn=isch&tbnid=efjd2sRr_JCd2M:&imgrefurl=http://www.panoramio.com/photo/14976184&docid=r-MytQorpD4yQM&imgurl=http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/14976184.jpg&w=500&h=375&ei=RCXgUaieF9Oe7AbchIH4CA&zoom=1&iact=hc&vpx=2&vpy=2&dur=750&hovh=194&hovw=259&tx=146&ty=55&page=1&tbnh=144&tbnw=198&start=0&ndsp=10&ved=1t:429,r:5,s:0,i:94)
18. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.61 e 60.
19. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.58 e 60.
20. TOSTÕES, Ana ; LACERDA, Manuel – **Arquitectura Moderna Portuguesa 1920 – 1970**. Lisboa: IPPAR, 2004. p.227 ; ESPOSITO, António – **Fernando Távora: opera completa**. Milão: Electa, 2005. p.117.



21. Fotografia da autora.
22. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.67.
23. ESPOSITO, António – **Fernando Távora: opera completa**. Milão: Electa, 2005. p.103.
24. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.79 e 80.
25. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.78.
26. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.82.
27. Fotografia da autora; TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.81 e Fotografia da autora.
28. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.67.
29. ESPOSITO, António – **Fernando Távora: opera completa**. Milão: Electa, 2005. p.106.
30. TRIGUEIROS, Luiz – **Fernando Távora**. Lisboa: Blau, 1993. p.67.
31. Fotografia da autora.
32. <http://fernandocerqueirabarros.blogspot.pt/2011/07/pavilhao-de-tenis-da-quinta-da.html>
33. [http://www.google.com/imgres?um=1&safe=off&rls=com.microsoft:en-US&rlz=117ADRA\\_pt-PT&hl=pt-PT&authuser=0&biw=1024&bih=479&tbn=isch&tbnid=Zoi10BuO8-Y6MM:&imgrefurl=http://olhares.sapo.pt/pavilhao-de-tenis-foto330095.html&docid=wL9kpnSJA3TbM&imgurl=http://ipt.olhares.com/data/big/33/330095.jpg&w=500&h=335&ei=SHfNUeTdlGh7AbXgIGQCQ&zoom=1&iact=rc&page=1&tbnh=150&tbnw=207&start=0&ndsp=12&ved=1t:429,r:5,s:0,i:92&tx=112&ty=100;](http://www.google.com/imgres?um=1&safe=off&rls=com.microsoft:en-US&rlz=117ADRA_pt-PT&hl=pt-PT&authuser=0&biw=1024&bih=479&tbn=isch&tbnid=Zoi10BuO8-Y6MM:&imgrefurl=http://olhares.sapo.pt/pavilhao-de-tenis-foto330095.html&docid=wL9kpnSJA3TbM&imgurl=http://ipt.olhares.com/data/big/33/330095.jpg&w=500&h=335&ei=SHfNUeTdlGh7AbXgIGQCQ&zoom=1&iact=rc&page=1&tbnh=150&tbnw=207&start=0&ndsp=12&ved=1t:429,r:5,s:0,i:92&tx=112&ty=100;)  
[http://en.wikipedia.org/wiki/File:TaliesinWest2010GardenRoom.JPG;](http://en.wikipedia.org/wiki/File:TaliesinWest2010GardenRoom.JPG)  
[http://www.google.com/imgres?um=1&safe=off&sa=N&rls=com.microsoft:en-US&rlz=117ADRA\\_pt-PT&hl=pt-PT&authuser=0&biw=1024&bih=479&tbn=isch&tbnid=3ql-iZ5wUSgucM:&imgrefurl=http://amsdarquitectura.com.br/blog/%3Ftag%3Dpavilhao-barcelona&docid=ExJegaLTVyS5ZM&imgurl=http://amsdarquitectura.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/03/PAVILHAO-BARCELONA.jpg&w=1280&h=960&ei=MQjfUdeeNPCM7AbAvICIDQ&zoom=1&iact=hc&vpx=2&vpy=124&dur=109&hovh=194&hovw=259&tx=196&ty=113&page=1&tbnh=137&tbnw=226&start=0&ndsp=9&ved=1t:429,r:0,s:0,i:79](http://www.google.com/imgres?um=1&safe=off&sa=N&rls=com.microsoft:en-US&rlz=117ADRA_pt-PT&hl=pt-PT&authuser=0&biw=1024&bih=479&tbn=isch&tbnid=3ql-iZ5wUSgucM:&imgrefurl=http://amsdarquitectura.com.br/blog/%3Ftag%3Dpavilhao-barcelona&docid=ExJegaLTVyS5ZM&imgurl=http://amsdarquitectura.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/03/PAVILHAO-BARCELONA.jpg&w=1280&h=960&ei=MQjfUdeeNPCM7AbAvICIDQ&zoom=1&iact=hc&vpx=2&vpy=124&dur=109&hovh=194&hovw=259&tx=196&ty=113&page=1&tbnh=137&tbnw=226&start=0&ndsp=9&ved=1t:429,r:0,s:0,i:79)
34. BANDEIRINHA, José António – **Fernando Távora: Modernidade Permanente**. Guimarães: Associação Casa da Arquitectura, 2012. p.266.



## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Cronologia das disciplinas leccionadas por Fernando Távora.....	173
Anexo 2: CIAM – Datas e Temas.....	173
Anexo 3: Divisão das seis zonas do Inquérito.....	175
Anexo 4: Mapa Tipológico da zona 1 .....	177
Anexo 5: Itinerário da viagem de Fernando Távora .....	177
Anexo 6: Objectivos da viagem .....	181



## **ANEXOS**

### **Anexo 1: Cronologia das disciplinas leccionadas por Fernando Távora**

1960 a 1963: Teoria e História da Arquitectura I – 3º ano

1961 a 1966: Teoria e História da Arquitectura II - 4º ano (excepto em 1963 e 1964)

1962 a 1964: Composição e Arquitectura IV – 6º ano

1963 e 1964: Conjugação das Três Artes – 6º ano

1964 a 1969: Composição de Arquitectura III – 5º ano

1969 e 1970: Experiência

### **Anexo 2: CIAM – Datas e Temas**

1928 – I CIAM, La Sarraz, Suíça

Tema: Fundação dos CIAM

1929 – II CIAM, Frankfurt am Main, Alemanha

Tema: A habitação mínima

1930 – III CIAM, Bruxelas, Bélgica

Tema: Uso racional do solo para o Desenvolvimento: o lote

1933 – IV CIAM, Atenas, Grécia

Tema: A Cidade Funcional

1937 – V CIAM, Paris, França

Tema: Habitação e Recuperação

1947 – VI CIAM, Bridgwater, Inglaterra

Tema: A reconstrução das cidades

1949 – VII CIAM, Bergamo, Itália

Tema: Arte e arquitetura





1951 – VIII CIAM, Hoddesdon, Inglaterra

Tema: O Coração da Cidade

1953 – IX CIAM, Aix-en-Provence, França

Tema: A carta da habitação

1956 – X CIAM, Dubrovnik, Jugoslávia

Tema: *Habitat*

1959 – Otterlo, Países Baixos

Tema: Dissolução do CIAM organizado pelo Team X

### **Anexo 3: Divisão das seis zonas do Inquérito**

**Zona 1 Minho:** Fernando Távora (1923 - 2005), Rui Pimentel (1924), António Menéres;

**Zona 2 Trás-os-Montes:** O. L. Filgueiras (1922 - 1996), Arnaldo Araújo (1925 - 1984), Carlos Carvalho Dias;

**Zona 3 Beiras:** Francisco Keil do Amaral (1910 - 1975), José Huertas Lobo (1914 - 1987), João José Malato (1926 - 2003);

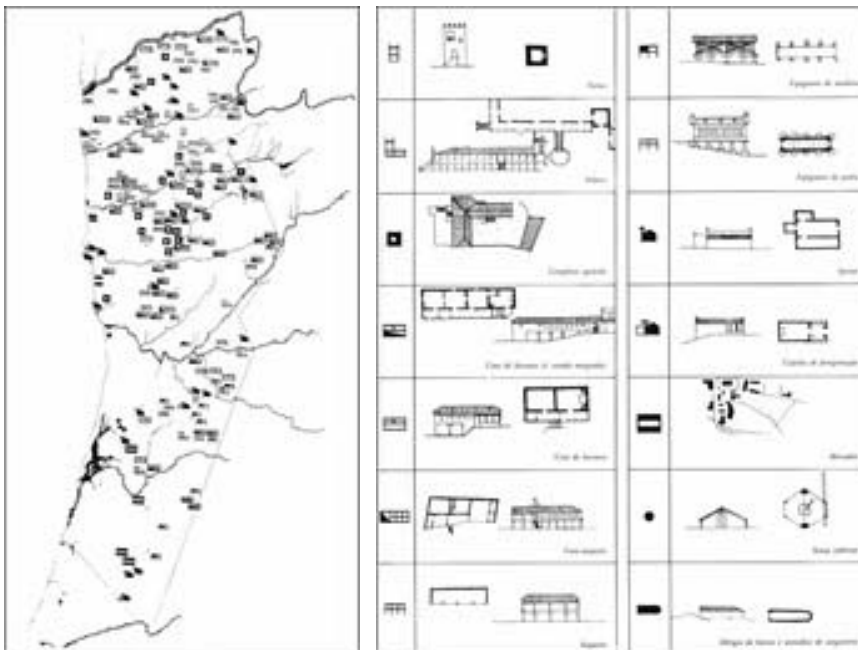
**Zona 4 Estremadura:** Nuno Teotónio Pereira (1922), António Pinto de Freitas/Francisco Silva Dias (1930);

**Zona 5 Alentejo:** Frederico Jorge (1915 - 1994), A. Azevedo Gomes, A. M. Antunes;

**Zona 6 Algarve:** Artur Pires Martins (1914 - 2000), Celestino Castro (1920 - 2007), Fernando Ferreira Torres (1922 - 2010)



#### Anexo 4: Mapa Tipológico da zona 1 <sup>183</sup>



#### Anexo 5: Itinerário da viagem de Fernando Távora <sup>184</sup>

13 de Fevereiro – Partida do aeroporto de Lisboa com destino a Washington (avião)

13 a 21 de Fevereiro – Washington

21 de Fevereiro – Viagem de Washington para Filadélfia (bus)

22 a 28 de Fevereiro – Filadélfia (School of Fine Arts, University of Pennsylvania)

28 de Fevereiro – Viagem de Filadélfia para Nova Iorque (bus)

29 de Fevereiro a 11 de Março – Nova Iorque (Columbia University)

12 a 13 de Março – Hamden (fim de semana com o amigo Cristiano Rendeiro) (carro)

14 a 18 de Março – New Haven (School of Art and Architecture, University of Yale)  
(carro)

19 a 20 de Março – Hamden (fim de semana com o amigo Cristiano Rendeiro)

20 de Março – Viagem de Hamden para Boston (bus)

21 a 25 de Março – Boston/Cambridge (Graduate School of Design, Harvard University)

<sup>183</sup> [http://lh6.ggpht.com/\\_FkKgTDI7ngU/TXZ3ihnd7dl/AAAAAAAAANw8/yQ3Py7T3zf0/s1600-h/inq103.jpg](http://lh6.ggpht.com/_FkKgTDI7ngU/TXZ3ihnd7dl/AAAAAAAAANw8/yQ3Py7T3zf0/s1600-h/inq103.jpg) e [http://lh4.ggpht.com/\\_FkKgTDI7ngU/TXZ3jjjTmml/AAAAAAAAANxE/XmFcM5PeU\\_4/s1600-h/inq113.jpg](http://lh4.ggpht.com/_FkKgTDI7ngU/TXZ3jjjTmml/AAAAAAAAANxE/XmFcM5PeU_4/s1600-h/inq113.jpg)

<sup>184</sup> MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960.** p.42.



26 a 27 de Março – Boston (fim de semana com Eduard Sekler – amigo da reunião de Otterlo)

28 de Março a 2 de Abril – Boston/Cambridge (MIT, Cambridge University)

3 de Abril – Viagem de Boston para Detroit (avião)

4 a 6 de Abril – Detroit (Ford, GM)

6 de Abril – Viagem de Detroit para Chicago (avião)

7 a 8 de Abril – Chicago (comboio)

8 de Abril – Viagem de Chicago para Racine (Johnson Wax) (comboio); Viagem de Racine para Milwaukee (comboio) e de Milwaukee para Madison (bus)

9 de Abril – Viagem de Madison para Taliesin East (bus)

10 de Abril – Madison (First Unitarian Church)

10 de Abril – Viagem de Madison para Chicago (bus)

11 a 20 de Abril – Chicago( IIT, University of Illinois, Oak Park, Sullivan, Lake Shore Drive)

20 de Abril – Viagem de Chicago para Phoenix (avião)

21 de Abril – Phoenix (Taliesin West)

22 de Abril – Viagem de Phoenix para Nogales (bus); Nogales para Ciudad del México (avião)

23 a 25 de Abril – Ciudad del México

26 de Abril – Teotihuacan, México (bus)

27 a 28 de Abril – Ciudad del México (cidade universitária)

29 de Abril – Viagem de Ciudad del México para Nogales (avião); Nogales para Phoenix (bus)

30 de Abril – Viagem de Phoenix para Los Angeles (avião)

1 a 2 de Maio – Los Angeles

2 de Maio – Viagem de Los Angeles para S. Francisco (avião)

3 a 7 de Maio – S. Francisco (Berkeley, University of California)

8 de Maio – Viagem de S. Francisco para Honolulu (avião)

9 de Maio Honolulu

10 a 11 de Maio – Viagem de Honolulu para Tokyo no Japão (avião)

12 a 16 de Maio – Tokyo (WoDeCo)

17 de Maio Tokyo

18 de Maio – Nikko (comboio)

19 de Maio – Tokyo



20 de Maio – Viagem de Tokyo para Kyoto, passando por Osaka (avião + comboio)  
20 a 26 de Maio – Kyoto  
26 de Maio – Nare (comboio)  
27 a 28 de Maio – Kyoto  
28 de Maio – Viagem de Kyoto para Bangkok, passando por Osaka, Taipe e Hong-Kong (avião)  
28 a 31 de Maio – Bangkok  
31 de Maio – Viagem de Bangkok para Karashi no Paquistão (avião)  
1 e 2 de Junho – Karashi (tenta obter visto para muitos lugares – consegue Egipto)  
3 de Junho – Viagem de Karashi para Beirute no Líbano (avião)  
4 de Junho – Balbek no Líbano  
5 de Junho – Viagem de Beirute para o Cairo no Egipto (avião)  
5 a 8 de Junho – Egipto (pirâmides de Gizeh)  
8 de Junho – Viagem do Cairo para Atenas na Grécia (avião)  
9 a 12 de Junho – Atenas (Acrópole)  
12 de Junho – Partida do aeroporto de Atenas com destino a Lisboa (avião)

#### **Anexo 6: Objectivos da viagem** <sup>185</sup>

- Conhecer as características gerais do ensino nos E.U.A., com vista ao enquadramento no ensino da Arquitectura e do Urbanismo. Estudo dos métodos de ensino (programas e prática) da arquitectura e urbanismo (incluindo as cadeiras técnicas);
  - Perceber a vida escolar, incluindo: a organização, reacção e método de ensino e de aprendizagem dos alunos;
    - Conhecer edifícios e instalações escolares;
    - A Arquitectura e Urbanismo das cidades [e paisagismo] (realizações mais notáveis, incluindo métodos de construção, problemas do planeamento económico e territorial). Visitar os serviços de urbanismo das cidades principais;
    - Entender a organização de *ateliers* e manter contactos pessoais com arquitectos;
    - Visitar museus (edifícios, organização e actividades);
    - Recolher bibliografia, especialmente de Arquitectura e Urbanismo e documentação fotográfica.

---

<sup>185</sup> MESQUITA, Ana Raquel da Costa – **O melhor de dois mundos: a viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960.** p.47.